



**CENTRO DE EDUCAÇÃO, LETRAS E SAÚDE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIEDADE,  
CULTURA E FRONTEIRAS – NÍVEL DE MESTRADO  
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: SOCIEDADE, CULTURA E FRONTEIRAS**

VIVIANE DA SILVA WELTER

**A HOSPITALIDADE E O CONTROLE NA FRONTEIRA ENTRE O BRASIL, O  
PARAGUAI E A ARGENTINA SOB A PERSPECTIVA DO TURISTA BRASILEIRO**

FOZ DO IGUAÇU - PR  
2018

VIVIANE DA SILVA WELTER

**A HOSPITALIDADE E O CONTROLE NA FRONTEIRA ENTRE O BRASIL, O  
PARAGUAI E A ARGENTINA SOB A PERSPECTIVA DO TURISTA BRASILEIRO**

Dissertação apresentada à  
Universidade Estadual do Oeste do  
Paraná – UNIOESTE – para  
obtenção do título de Mestre em  
Sociedade, Cultura e Fronteiras,  
área de concentração: Sociedade,  
Cultura e Fronteiras.  
Linha de Pesquisa: Território,  
História e Memória.

Orientador: Prof. Dr. Mauro José  
Ferreira Cury.

FOZ DO IGUAÇU - PR  
2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Sistema de Bibliotecas da UNIOESTE

W464 Welter, Viviane da Silva

A hospitalidade e o controle na fronteira entre o Brasil, o Paraguai e a Argentina sob a perspectiva do turista brasileiro / Viviane da Silva Welter. – Foz do Iguaçu, 2018.

119f., il., mapa.

Orientador: Prof. Dr. Mauro José Ferreira Cury

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Sociedade, Cultura e Fronteiras – Universidade Estadual do Oeste do Paraná.

1. Tríplice Fronteira (argentina, Brasil Paraguai) – Turismo. 2. Hospitalidade - Controle 3. Turismo e Estado. 4. Fronteiras - Descrições e viagens. I. Título.

CDU 649.9(81:82:892)

VIVIANE DA SILVA WELTER

**A HOSPITALIDADE E O CONTROLE NA FRONTEIRA ENTRE O BRASIL, O PARAGUAI E A ARGENTINA SOB A PERSPECTIVA DO TURISTA BRASILEIRO**

Esta dissertação foi julgada adequada para a obtenção do Título de Mestre em Sociedade, Cultura e Fronteiras e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação *Strictu Sensu* em Sociedade, Cultura e Fronteiras, nível de Mestrado da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, em 19 de fevereiro de 2018.

**COMISSÃO EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Mauro José Ferreira Cury (UNIOESTE)  
Orientador

---

Prof. Dr. José Carlos dos Santos (UNIOESTE)  
Membro efetivo (da Instituição)

---

Prof. Dr. Milton Augusto Pasquotto Mariani (UFMS)  
Membro Externo

---

Profa. Dra. Denise Rosana Silva Moraes (UNIOESTE)  
Suplente

Foz do Iguaçu, 19 de Fevereiro de 2018.

***Dedico esta pesquisa a todos os estudantes, pesquisadores, professores, mestres e doutores solidários e preocupados com o estudo do turismo e das fronteiras.***

## AGRADECIMENTOS

O desejo de aprender mais, de conhecer as relações sociais e principalmente poder contribuir com a pesquisa na área de turismo e com a cidade de Foz do Iguaçu foram os maiores motivadores para a decisão de trilhar o caminho desta pós-graduação *Strictu Sensu*. Nada disso seria possível sem o incentivo de pessoas maravilhosas que acreditaram e acreditam em mim e em minha capacidade: meu esposo Cilfarne Martinez, as amigas Cláudia e Aline Lacerda e minha amiga de infância Izabel da Silva. Obrigada pelo incentivo, por nunca duvidarem do meu potencial e pelas valiosas sugestões, indicações de bibliografias e por serem excelentes ouvintes.

Agradeço especialmente a todos os professores que foram de extrema importância para a minha humilde maturidade acadêmica ao simplesmente compartilharem o conhecimento adquirido durante as aulas e eventos realizados na UNIOESTE: Prof. Samuel Klauck, Prof. Valdir Gregory, Profa. Regina Coeli Machado, Prof. Fernando Martins e demais professores do programa.

Às profas. Maria Elena Pires Santos e Elaine Volpato meus mais sinceros agradecimentos. A soma de conhecimentos adquiridos nas duas disciplinas contribuiu não apenas para minha formação acadêmica, mas também para minha consciência humana acerca das causas das minorias e da necessidade da luta por mudanças da nossa realidade social atual.

Meus sinceros agradecimentos ao prof. Dr. Milton Mariani e ao Prof. Dr. José Carlos dos Santos que se deslocaram tanto para a banca de qualificação, quanto para a banca de defesa final desta dissertação. As orientações foram muito valiosas, transmitidas com muito carinho e respeito e sempre me recordarei com muita alegria.

Gratidão sublime ao meu orientador, Prof. Mauro Cury por sempre me receber em sua casa, compartilhar um café, um pedaço de bolo, seu conhecimento, correções e orientações para que este trabalho fosse construído.

Agradeço a todos os servidores estatais e terceirizados que atuam nas aduanas da Ponte Internacional da Amizade e da Ponte Internacional Tancredo Neves, que me acolheram e tomaram as providências para que os dados da minha pesquisa fossem coletados.

Agradeço a todos os colegas do mestrado, pelos bate-papos regados á café, almoço ou lanche em que compartilhamos angústias, dúvidas, incertezas, trabalhos, artigos, mas também conquistas e alegrias: Melissa Ruiz, Josiane Nava, Samuelli Heidemann, Rodrigo Souza e demais colegas. Todos tiveram grande contribuição tanto nas indicações de leituras, filmes, documentários, mas principalmente nas falas em sala de aula, preciosidade de um programa interdisciplinar que valoriza a troca de conhecimentos entre as diversas áreas de conhecimento.

À querida mestre, profa. Sílvia, que compartilha não apenas ensinamentos, dicas e opiniões sobre meu caminho como profissional e pesquisadora, mas também por me brindar com sua amizade: um precioso presente que o Curso de Turismo da UNIOESTE me proporcionou.

Substancialmente importante é a família. Expresso meu eterno amor à minha mãe, Dona Blandina, pois sem ela eu não estaria aqui, mãe zelosa que sempre me apoiou, orou, cuidou da Luiza, preparou aquele almoço delicioso para que eu pudesse estudar e dar aulas.

Gratidão ao meu pai, em memória, que batalhou até quase o último dia de sua vida para proporcionar uma vida digna para sua família. Seus ensinamentos são motivo de orgulho para todos seus filhos.

Ao meu esposo, que me incentiva, acredita em mim e não poupou esforços e dedicação durante estes dois anos para que eu pudesse estudar. Eu amo você!

Por fim, mas com o maior amor do mundo, agradeço à minha filha Luiza, que mesmo pequena já compreende a importância de “deixar a mamãe estudar” e me ensina todos os dias a ser uma pessoa melhor. Para você todo esforço vale a pena!

Muito obrigada!

*“Outras são as fronteiras  
do mundo civilizado  
do mundo demarcado  
e sitiado  
dos limites arbitrados  
policiados  
estendendo-se por territórios  
nominados  
com títulos de posseção e  
domínio.*

*Que linha divisória  
os diferencia  
e contrapõe?*

*Debaixo da ponte, a que nação  
corresponde?  
Sobre a palafita insalubre  
a que cidadania pertence?*

*Fronteiras abstratas, rituais  
fronteiras indefiníveis  
arbitrárias  
indevassáveis  
mais imaginárias que reais  
infinitas.*

*Um as vezes dividem  
em outras aproximam.”*

(Poema de Antonio Miranda, 2004).

WELTER, Viviane da Silva. **A hospitalidade e o controle na fronteira entre o Brasil, o Paraguai e a Argentina sob a perspectiva do turista brasileiro**. 2018. 119 f. Dissertação (Mestrado em Sociedade, Cultura e Fronteiras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Foz do Iguaçu.

## **RESUMO**

Este estudo objetivou refletir sobre a hospitalidade e o controle na Tríplice Fronteira, situada entre o Brasil, o Paraguai e a Argentina. Para isto, amparou-se em material bibliográfico sobre turismo, hospitalidade, fronteira, território e territorialidades, controle e relações de poder, além de um breve histórico e as territorialidades da Tríplice Fronteira. Para ampliar a discussão este estudo utilizou igualmente a pesquisa de campo com coleta de dados e análise descritiva quantitativa para conhecer e apresentar a qualificação da hospitalidade e do controle na Tríplice Fronteira sob a perspectiva do turista brasileiro, que em estada neste território fronteiriço é bem recebido devido todas as facilidades de infraestrutura e acolhida proporcionada pela oferta turística, mas de outro lado, paradoxalmente, se insere em um ambiente de controle quando decide cruzar a fronteira para ir ao Paraguai ou à Argentina. Além de apresentar as percepções do turista brasileiro sobre o paradoxo da hospitalidade e do controle, este estudo discute se a hospitalidade e o controle são fatores decisivos para o retorno do turista brasileiro a Foz do Iguaçu e se este binômio contribui para desenvolver ou frear o turismo na Tríplice Fronteira.

**PALAVRAS-CHAVE:** Hospitalidade, Fronteira, Controle, Territorialidades.

WELTER, Viviane da Silva. **Hospitality and control on the frontier between Brazil, Paraguay and Argentina from the perspective of the Brazilian tourist.** 2018. 119 f. Dissertation (Masters in Society, Culture and Frontier) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Foz do Iguaçu.

### **ABSTRACT**

This study aimed at reflecting on hospitality and control in the Triple Frontier, located between Brazil, Paraguay and Argentina. For this, it was based on bibliographical material on tourism, hospitality, border, territory and territorialities, control and power relations, besides a brief history and territorialities of the Triple Frontier. In order to expand the discussion this study also used field research with data collection and quantitative descriptive analysis to understand and present the qualification of the hospitality and control in the Triple Frontier under the perspective of the Brazilian tourist, who in stay in this border territory is well received due to all the facilities of infrastructure and reception, but also on the other hand, paradoxically, it is inserted in an environment of control when it decides to cross the border to go to Paraguay or Argentina. In addition to presenting the perceptions of the Brazilian tourist about the paradox of hospitality and control, this study discusses if hospitality and control are decisive factors for the return of the Brazilian tourist to Foz do Iguaçu and if this binomial contributes to develop or slow the tourism in the Triple Frontier.

**KEYWORDS:** Hospitality, Frontier, Control, Territorialities.

WELTER, Viviane da Silva. **La hospitalidad y el control en la frontera entre Brasil, Paraguay y Argentina desde la perspectiva del turista brasileño.** 2018. 119 f. Disertación (Master em Sociedade, Cultura y Frontera) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Foz do Iguaçu.

## **RESUMÉN**

Este estudio objetivó reflexionar sobre la hospitalidad y el control en la Triple Frontera, ubicada entre Brasil, Paraguay y Argentina. Para ello, se amparó en material bibliográfico sobre turismo, hospitalidad, frontera, territorio y territorialidades, control y relaciones de poder, además de un breve histórico y las territorialidades de la Triple Frontera. Para ampliar la discusión este estudio utilizó también la investigación de campo con colecta de datos y análisis descriptivo cuantitativo para conocer y presentar la calificación de la hospitalidad y del control en la Triple Frontera bajo la perspectiva del turista brasileño, que en estancia en este territorio fronterizo es bien recibido debido a todas las facilidades de infraestructura y acogida proporcionada por la oferta turística, pero por otro lado, paradójicamente, se inserta en un ambiente de control cuando decide cruzar la frontera para ir a Paraguay o a Argentina. Además de presentar las percepciones del turista brasileño sobre la paradoja de la hospitalidad y del control, este estudio discute si la hospitalidad y el control son factores decisivos para el retorno del turista brasileño a Foz do Iguaçu y si este binomio contribuye para desarrollar o frenar el turismo en la Triple Frontera.

**PALABRAS CLAVE:** Hospitalidad, Frontera, Control, Territorialidades.

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Motivação da visita a Foz do Iguaçu.....	93
Gráfico 2 – Contato com moradores e qualificação da hospitalidade.....	95
Gráfico 3 – Impressões dos turistas ao avistarem a aduana.....	99
Gráfico 4 – Impressões dos turistas sobre a (ausência) fiscalização .....	101
Gráfico 5 – Relevância da hospitalidade e fiscalização na decisão de retorno .....	103

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Visitantes Parque Nacional do Iguaçu 1966 e 1967 .....	84
Tabela 2 – Procedência dos turistas .....	91
Tabela 3 – Procedência dos turistas por estados brasileiros .....	92
Tabela 4 – Motivação da viagem a Foz do Iguaçu .....	94
Tabela 5 – Qualificação da hospitalidade na oferta turística .....	96
Tabela 6 – Qualificação da tempo de travessia da ponte.....	100

## LISTA DE SIGLAS

ABIN – Agência Brasileira de Inteligência

AMIA – *Asociación de Mutuales Israelitas Argentinas*

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CDE – Ciudad del Este

CTI – Complexo Turístico de Itaipu

DBA – Declaração de Bagagem Acompanhada

DGEEC – *Dirección General de Estadística, Encuestas y Censos*

FIPE – Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas

ICMBio – Instituto Chico Mendes de Conservação e Biodiversidade

INDEC – *Censo Nacional de Población, Hogares y Viviendas*

MERCOSUL – Mercado Comum do Sul

MMA – Ministério do Meio Ambiente

OMT – Organização Mundial do Turismo

PDI – Plano Diretor Integrado

PIA – Ponte Internacional da Amizade

PIET – Programa Integrado de Educação para o Turismo

POLOIGUASSU - Instituto Pólo Internacional Iguassu

PNI – Parque Nacional do Iguaçu

PTI – Parque Tecnológico de Itaipu

PTN – Ponte Tancredo Neves

SETUR – Secretaria Municipal de Turismo

SISTUR – Sistema de Turismo

TF – Tríplice Fronteira

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>16</b>
<b>1. CAPÍTULO I - PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA</b> .....	<b>22</b>
1.1 A PESQUISA DE CAMPO.....	26
<b>2. CAPÍTULO II – HOSPITALIDADE, CONTROLE E RELAÇÕES DE PODER</b> .....	<b>31</b>
2.1 A HOSPITALIDADE NO SETOR TURÍSTICO: O BEM RECEBER.....	32
2.2 AS RELAÇÕES DE PODER, O CONTROLE DO TERRITÓRIO E DO HOMEM	44
<b>3. CAPÍTULO III – TERRITORIALIDADES FRONTEIRIÇAS NA TRÍPLICE FRONTEIRA E O TURISMO</b> .....	<b>55</b>
3.1 AS DINÂMICAS FRONTEIRIÇAS NA TRÍPLICE FRONTEIRA .....	56
3.2 A TRÍPLICE FRONTEIRA E O TURISMO.....	64
<b>3.2.1 Da Colônia Militar às primeiras correntes migratórias da Tríplice Fronteira</b> .....	<b>65</b>
<b>3.2.2 A aproximação do Brasil ao Paraguai: uma nova territorialização</b> .....	<b>71</b>
<b>3.2.3 A criminalização da Tríplice Fronteira e a “vocação turística” de Foz do Iguaçu</b> .....	<b>80</b>
<b>4. CAPÍTULO IV - AS IMPRESSÕES DO TURISTA BRASILEIRO SOBRE A HOSPITALIDADE E O CONTROLE NA TRÍPLICE FRONTEIRA</b> .....	<b>89</b>
4.1 ANÁLISE DAS IMPRESSÕES DOS TURISTAS SOBRE A HOSPITALIDADE E O CONTROLE .....	90
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>105</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>110</b>
<b>APÊNDICE A – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS</b> .....	<b>118</b>

## INTRODUÇÃO

*“A vida é o que fazemos dela. As viagens são os viajantes. O que vemos, não é o que vemos, senão o que somos.”*  
(Fernando Pessoa)<sup>1</sup>.

A modernidade proporcionou ao ser humano a agilidade nos deslocamentos devido à ascensão de novos meios de transportes, que por sua vez, facilitaram o comércio internacional e colocou a disposição do homem produtos para o conforto e a comodidade. Não só os produtos foram aproximados ao ser humano, mas este igualmente se aproximou de territórios outrora longínquos, tanto com o objetivo de imigração em busca de melhores oportunidades, quanto para o turismo.

Estes progressos igualmente contribuíram para o fortalecimento dos Estados-nações, que demarcaram seus territórios, suas fronteiras e definiram quem poderia e quem não poderia ultrapassá-las. Os descolamentos do ser humano passaram a representar interferências negativas do ponto de vista social, econômico, político ou cultural e a constituir-se em pauta de relevante interesse para as nações, pois envolve questões conflituosas como o terrorismo, o tráfico internacional, as imigrações ilegais, etc.

Neste enleado contexto, concorre o turismo, fenômeno que depende do deslocamento de pessoas entre um ponto a outro para materializar-se e que cotidianamente depara-se em territórios fronteiriços com múltiplos cenários, com passagem facilitada ou não, ora com fronteiras simbólicas, ora materiais, que podem ocasionar interferências em seu desenvolvimento.

Ao observar este contexto, este estudo objetivou refletir sobre a realidade fronteiriça do turismo na Tríplice Fronteira (TF)<sup>2</sup>, território formado por três cidades: Foz do Iguaçu no Brasil, *Ciudad del Este (CDE)* no Paraguai e *Puerto Iguazú* na Argentina, especificamente no que tange a pesquisa sobre a avaliação da hospitalidade e do controle pelo turista brasileiro em estada neste território.

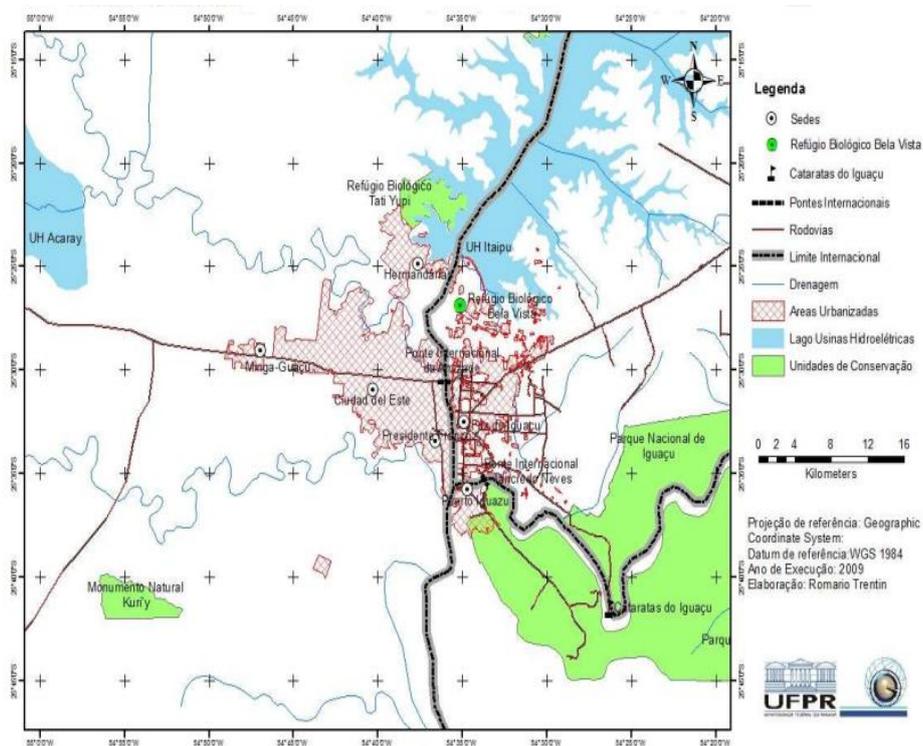
---

<sup>1</sup> Extraído de Soares (1982).

<sup>2</sup> Sigla dotada pela autora para referir-se à Tríplice Fronteira, utilizada recorrentemente neste estudo.

As cidades trigêmeas que compõem a TF possuem em seu espaço de confluência fronteiras naturais<sup>3</sup> interligadas por duas pontes internacionais - a Ponte Internacional da Amizade (PIA) entre Brasil e Paraguai e a Ponte Tancredo Neves (PTN), popularmente conhecida como Ponte da Fraternidade, que interliga o Brasil e a Argentina, além de um projeto para construção de uma segunda ponte internacional entre Foz do Iguaçu e CDE<sup>4</sup> para diminuir o tráfego diário na PIA. A localização da TF pode ser visualizada na figura 1.

Figura 1 – Localização da Tríplex Fronteira



Fonte: CURY (2010).

A TF é uma das fronteiras brasileiras mais populares do Brasil devido a atrativos turísticos como as Cataratas do Iguaçu, localizadas no Parque Nacional do

<sup>3</sup> O Rio Iguaçu é a fronteira entre o Brasil e a Argentina e o Rio Paraná é a fronteira entre Brasil e Paraguai. Em Foz do Iguaçu os dois rios se encontram, local que pode ser visualizado ao visitar o atrativo turístico Marco das Três Fronteiras.

<sup>4</sup> A segunda ponte interligará, se construída, Foz do Iguaçu a CDE via rio Paraná, porém ainda não saiu do projeto. O orçamento estimado é de 250 milhões. Ver mais em: <http://www.aen.pr.gov.br/modules/noticias/article.php?storyid=93373&tit=Parana-e-Paraguai-querem-segunda-ponte-na-divisa-em-Foz-do-Iguacu>. Acesso em 16 jan. 2018.

Iguaçu (PNI) entre Brasil e Argentina, a Hidrelétrica de Itaipu, construída entre Brasil e Paraguai e o centro de compras do Paraguai, em *CDE*, dentre outros.

Além de analisar a qualificação da hospitalidade e do controle na TF sob a perspectiva do turista brasileiro, buscou-se igualmente, refletir se a permeabilidade ou inflexibilidade nas aduanas entre *Puerto Iguazú* e Foz do Iguaçu e entre *CDE* e Foz do Iguaçu podem influenciar ou frear o desenvolvimento do turismo na TF.

O despertar do olhar sobre estas temáticas acerca do turismo na TF ocorreu com a leitura de metáforas expostas por Ditrich (2014) que exemplificam as dicotomias que envolvem as fronteiras, sendo que uma delas está ligada ao turismo e remete a paradoxos: ao mesmo tempo em que turistas são recepcionados neste território fronteiriço, estes são mantidos sob controle, por meio das aduanas e postos de fiscalizações estatais.

A hospitalidade e o controle envolvem tanto esforços como reflexões a respeito. Do ponto de vista da hospitalidade, reúne esforços públicos e privados para a organização e planejamento de bens materiais para proporcionar conforto e comodidade, além de treinamento e desenvolvimento de recursos humanos para acolhida e conscientização da comunidade para bem receber os turistas.

De outro lado, paradoxalmente, o turista em estada neste território prova não somente a hospitalidade, mas igualmente se insere em um ambiente de controle, ora simbólico quando cruzam fronteiras permeáveis, ora palpáveis, quando se depara com a inflexibilidade de alfândegas militarizadas e com controle parcial ou total do fluxo de pessoas.

Este objeto de pesquisa mostra-se de importante relevância para o território fronteiriço entre o Brasil, o Paraguai e a Argentina, ao qual suscita a curiosidade para compreender as relações sociais que atraiu no passado imigrantes do Brasil e de diversos outros países, e no presente atrai visitantes domésticos e internacionais, por seus atributos naturais e arquitetônicos, que formatam uma união tri-nacional.

Para abordar estes temas, as discussões foram desenvolvidas de maneira interdisciplinar, perpassando por questões e conceitos que envolvem o turismo, a hospitalidade, fronteiras, redes, territorialidades, controle, relações sociais - temas que são permeados por relações de poder.

A respeito do turismo, Panosso Netto (2011) ressalta que a maneira como conhecemos este fenômeno atualmente é resultado da interação de fatores econômicos, culturais, sociais e tecnológicos do final do século XVIII e início do

século XIX, o que indica que o turismo é uma atividade moderna, nascida com a Revolução Industrial, período do advento ou popularização de diversas atividades econômicas.

Para Ortiz (1998) o turismo é uma atividade sugestiva para o entendimento da modernidade industrialista, em um período de profundas mudanças na sociedade, em que todas as invenções criadas após a Revolução Industrial suscitaram o desejo do consumo.

Além da agilidade de deslocamentos que contribuiu para a difusão do fenômeno turístico mundial, a mudança do conceito do ócio foi igualmente relevante para o seu desenvolvimento. Não bastava a disponibilidade de meios de transportes para o deslocamento, o ser humano precisava mudar sua concepção sobre o ócio e o lazer, que segundo Ortiz (1998) eram negados nas sociedades pós-Revolução Industrial para que o operário trabalhasse jornadas de trabalho com horários intensificados.

Para este autor, a mudança da compreensão do ócio se deu quando o burguês descobriu que não importavam as horas de trabalho, mas a produtividade. Diante deste cenário, o ócio foi transformado em lazer que só pôde ser compreendido em relação ao mundo do trabalho, e após estudos relativos ao cansaço, o lazer tornou-se valorizado para a reposição das energias gastas no trabalho, o que contribuiu para o desenvolvimento do turismo, o qual está inserido na lógica de mercado global.

Em primeira análise, pode parecer que o desenvolvimento do turismo ocorreu de forma simples. Todavia, é justamente o contrário defendido por grande parte dos estudiosos desta área, que o caracterizam como um fenômeno complexo. Para Beni (2000, p. 16) o turismo resulta do somatório de recursos naturais do ambiente, culturais, sociais e econômicos, com “campo de estudo superabrangente, complexíssimo e pluricausal”.

A defesa da complexidade do fenômeno do turismo ocorre devido ao fato deste compreender várias atividades para existir, além de causar interferências em outras atividades econômicas e ser um agente transformador do espaço, da mesma forma que é transformado por este.

O turismo atua em um processo cíclico de criação e recriação de territorialidades turísticas que envolvem interações de toda ordem entre os atores sociais. O território, do qual o turismo é agente transformador, “nada mais é do que a

expressão da apropriação e das relações que ocorrem no espaço geográfico entre os indivíduos, envolvendo poder”. (SOUZA; GEMELLI, 2012, p. 15).

Para Haesbaert (2010) o território, primeiramente, é definido em alusão às relações sociais ou culturais e ao contexto histórico em que está inserido.

A concepção de Edson Belo de Souza (2013, p. 9) coaduna com o conceito exposto por Haesbaert em que o território pode ser concebido como um “espaço social, historicamente produzido e organizado, permeado por relações de poder, por redes e por identidades, que estão em constante transformação no tempo”.

As territorialidades turísticas são mais perceptíveis em localidades em que coexistem no espaço a diversidade, a multiculturalidade, a riqueza de trocas econômicas e socioculturais, como áreas de fronteira, pois são nas bordas que os fenômenos sociais são mais facilmente observados, conforme apontado por Martins (2009, p. 10) “é na fronteira que se pode observar melhor como as sociedades se formam, se desorganizam ou se reproduzem”.

Autores das mais diversas áreas teorizam sobre as fronteiras materiais (físicas) ou imateriais (simbólicas), principalmente ao tocar no tema da globalização. Discorrem sobre o ‘rompimento’ da rigidez das fronteiras devido à conectividade global proporcionada pelo aumento do número de usuários de internet que realizam trocas sociais e compõem a economia de mercado capitalista. Neste processo, emergiram conceitos dados como se as fronteiras não mais existissem – o mito da desterritorialização segundo Haesbaert (2010) que será discutido no segundo capítulo.

A realidade tem mostrado que em muitos casos as fronteiras podem configurar-se de maneira austera, rígida e inflexível, ao contrário do discurso construído “sem fronteiras”. Até mesmo quando se pratica o exercício de buscar uma definição para o termo fronteira, logo emerge a ideia de separação onde são expostos conceitos como limite, demarcação, divisa, marco, por citar.

Cotidianamente podemos observar uma dimensão mais ampla sobre as fronteiras, que transcende o aspecto territorial. Para Pesavento (2002) as fronteiras antes de serem marcos físicos ou naturais, são simbólicas e culturais, pois caracterizam-se como marcos de referência mental que guiam a percepção da realidade, por meio da construção de representações coletivas que pautam os valores e a cultura de uma sociedade.

A abordagem do turismo em territórios fronteiriços impele intensa reflexão para percorrer a trama da rede complexa que este estudo está inserido, com formação socioespacial única, em uma longa temporalidade, desde os primeiros habitantes – os povos guarani – até a construção da memória do turismo como uma das principais atividades econômicas da TF.

Esta dissertação está estruturada em introdução que abarca os objetivos, justificativas, além de quatro capítulos teóricos e as considerações finais.

O primeiro capítulo apresenta os métodos de aplicação da pesquisa, os resultados do pré-teste realizado em campo e as alterações após a aplicação.

O segundo capítulo trata do referencial teórico para contextualizar a hospitalidade no setor turístico - o bem receber. São discutidos igualmente, os conceitos de território, territorialidades, redes e as interferências do Estado-nação em áreas de fronteira para justificar o controle do território e do homem, demonstrando que estas ações estão imbrincadas em relações de poder.

No terceiro capítulo se teoriza sobre o conceito de fronteira, as territorialidades fronteiriças na TF com recorte a partir da instalação da Colônia Militar em Foz do Iguaçu em 1888, perpassando as correntes migratórias posteriores, as territorialidades criadas a partir da construção da Usina de Itaipu e a construção da memória do turismo como uma das principais atividades econômicas, de forma a caracterizar as dinâmicas fronteiriças presentes e refletir sobre o fenômeno do turismo neste território estudado.

No quarto capítulo são apresentados os dados da pesquisa de campo, que se valeu da abordagem de pesquisa quantitativa, por meio de formulários aplicados face a face pela pesquisadora aos turistas brasileiros que retornaram de *CDE* e de *Puerto Iguazú* sobre suas impressões acerca da hospitalidade e do controle na TF. No mesmo capítulo, foram realizadas as discussões concernentes aos dados coletados em consonância com as bibliografias utilizadas e observações realizadas em campo.

Nas considerações finais apresentam-se ponderações provisórias sobre o percurso e o objeto de pesquisa.

## 1. CAPÍTULO I – PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA

A pesquisa científica requer a utilização de métodos para explicar, embasar e descrever os fenômenos estudados.

Para Cresswell (2010) as concepções filosóficas influenciam a prática da pesquisa e precisam ser identificadas. Neste estudo adotou-se a concepção construtivista social em que se objetivou compreender os significados que os pesquisados outorgam ao mundo. Estes sentidos, segundo este autor, são influenciados por aspectos culturais, o contexto e o cenário dos participantes.

Esta pesquisa utilizou o método quantitativo, com aplicação de formulário com dez questões de múltipla escolha. A adoção deste método ocorreu após a aplicação do pré-teste em campo da pesquisa, que utilizou a técnica de método quali-quantitativo, tendo sido alterada devido à amostra infinita da pesquisa que será explicada adiante.

Para Richardson (1999) o método de pesquisa quantitativa configura-se pela aplicação de quantificação na coleta e tratamento de informações, por meio da utilização de técnicas estatísticas.

Para Creswell (2010, p. 177) a redução a um “conjunto parcimonioso de variáveis, rigidamente controladas pelo planejamento ou pela análise estatística, proporciona medidas ou observações para a testagem de uma teoria”. Sendo assim, o método de pesquisa quantitativo revela ser uma abordagem confiável de interpretação de dados para refletir sobre determinado problema ou hipótese de pesquisa.

A análise dos dados está baseada na análise descritiva quantitativa com apresentação em formatos variados, como gráficos e tabelas.

O formulário foi elaborado após observação no campo de pesquisa, além de ter sido refinado após pré-teste realizado em campo em 31/05/2017 na (PIA) e em 03/06/2017 (PTN). Foram realizadas, igualmente, consultas bibliográficas acerca dos principais temas discutidos neste estudo, como fronteiras, turismo, hospitalidade e controle, tendo sido dividido em questões com:

- a) Dados socioeconômicos: cidade e estado de procedência, gênero e motivação da visita a Foz do Iguaçu dos respondentes;
- b) Hospitalidade: se houve contato do turista com moradores locais; como os turistas classificam a hospitalidade recebida por moradores e em

estabelecimentos da oferta turística (meios de hospedagem, restaurantes, atrativos turísticos, taxis, etc.);

- c) Controle: quais as impressões dos turistas ao avistarem a aduana; e como qualificam o tempo de espera para atravessar a PIA ou PTN;
- d) Abordagem: se os visitantes foram abordados durante a travessia na PIA ou PTN, como se sentiram durante a abordagem ou com a ausência de fiscalização;
- e) Retorno a Foz do Iguaçu: Se a hospitalidade e a fiscalização são fatores relevantes para a decisão de retorno à cidade de Foz do Iguaçu.

A coleta total dos dados foi realizada pela pesquisadora no período de 04/06/2017 a 28/08/2017.

Para a utilização da pesquisa quantitativa é necessário definir a amostragem da pesquisa, ou seja, o universo que compreende o objeto de estudo para definição do público respondente da pesquisa.

Como o objetivo deste estudo é refletir sobre a avaliação da hospitalidade e controle nas aduanas da TF, o formulário foi elaborado com vistas a levantar as impressões dos turistas brasileiros acerca deste tema específico. A abordagem dos sujeitos da pesquisa foi realizada após o retorno e efetivo cruzamento da PIA entre Brasil e Paraguai e da PTN entre Brasil e Argentina, pelo fato de os turistas já terem vivenciado o ir e vir na fronteira, por meio do deslocamento para *Puerto Iguazú* ou *CDE* e o retorno à Foz do Iguaçu.

Definida que a abordagem seria após as aduanas foram levantados dados do Departamento de Polícia Federal – Brasil, que contém o número de atendimentos tanto na PIA quanto na PTN. O período de levantamento foi de 01/01/2016 a 31/01/2016 para ter como base um período de alta temporada devido às férias escolares e para traçar um comparativo com o mesmo período de pesquisa em 2017. Este levantamento demonstrou que foram atendidos na aduana da PTN o total de 2.911 brasileiros e na aduana da PIA o total de 78.205 brasileiros no período. A problemática em utilizar estes dados de atendimentos como base para o cálculo da amostra da pesquisa é que estes números não representam o número real de pessoas que circulam diariamente pelas duas aduanas, pois as abordagens são feitas por amostragem.

Foram levantados, no segundo momento, os dados de desembarques de passageiros no Aeroporto Internacional de Foz do Iguaçu no período de 01/01/2016 a 31/01/2016, tendo sido registrados 201.076 desembarques segundo dados da Infraero e 37.955<sup>5</sup> desembarques de passageiros na Rodoviária Internacional de Foz do Iguaçu, segundo dados da Administradora de Terminais Rodoviários Ltda. (ATERFI). Estes dados demonstraram números superiores de visitantes em trânsito na TF, se comparados com os atendimentos realizados nas aduanas da PIA e PTN, mas envolve moradores locais, além de turistas.

Para tanto, optou-se por outro indicativo para o cálculo da amostra da pesquisa, que foram os dados de visitação do PNI onde estão localizadas as Cataratas do Iguaçu (lado brasileiro) e diz respeito diretamente aos turistas em estada na TF. No período de 01/01/2016 a 31/01/2016 foram registrados 119.731 visitantes brasileiros, segundo dados de visitação do Instituto Chico Mendes de Conservação e Biodiversidade (ICMBio) responsável pela administração do PNI, o que demonstra um número factível para embasar a amostra desta pesquisa.

Outro fator preponderante para utilizar como base os dados de visitação do PNI diz respeito à precisão do número de visitantes de nacionalidade brasileira, uma vez que todos os turistas ao adquirirem o ingresso no Centro de Recepção de Visitantes do PNI para visitar as Cataratas devem informar o local de procedência (cidade, estado e país), pois os preços dos ingressos diferem de acordo com o local de residência<sup>6</sup>. Desta forma, optou-se pela realização do cálculo da amostra com base nos dados de visitação do PNI durante o período de 01/01/2016 a 31/12/2016, que totalizam 1.560.792 de visitantes segundo dados do ICMBIO.

Esta decisão incorreu em uma amostra infinita de acordo com Richardson (1999), uma vez que este número supera 100.000 pessoas. Apesar do esforço empreendido na etapa de pesquisa de campo devido ao grande número de turistas

---

<sup>5</sup> Os dados de desembarques no Aeroporto Internacional e Rodoviária Internacional de Foz do Iguaçu estão disponíveis no *website* da Secretaria Municipal de Turismo de Foz do Iguaçu: <<http://www.pmf.pr.gov.br/turismo/?idMenu=736>>. Acesso em 16 jan. 2018.

<sup>6</sup> Os moradores de Foz do Iguaçu e demais municípios limítrofes do Parque Nacional do Iguaçu possuem o Passe Comunidade que dá descontos nos valores dos ingressos. Ver mais em: <http://www.cataratasdoiguacu.com.br/parque-nacional-do-iguacu/passe-comunidade>. Acesso em 16 jan. 2018.

pesquisados, entende-se que tal dedicação é válida para gerar maior confiabilidade dos dados apresentados.

Para o cálculo da amostra de pesquisa utilizou-se a fórmula a seguir, proposta por Richardson (1999, p. 169):

$$N = \frac{\sigma^2 \cdot p \cdot q}{E^2}$$

Legenda:

N = Tamanho da amostra;

$\sigma^2$  = Nível de confiança escolhido, em número de desvios (sigmas);

p = Proporção das características pesquisadas no universo, calculada em porcentagem;

q = Proporção do universo que não possui a característica pesquisada (q = 1 - p). Em porcentagem: q = 100 - p;

$E^2$  = Erro de estimação permitido;

Considerou-se que a proporção de turistas que respondeu este instrumento é desconhecida, supondo uma proporção de p = 50. Portanto, q = 50, estabeleceu-se um nível de confiança de 95%, equivalente a  $2\sigma$ , com margem de erro de 4%.

$$N = \frac{2^2 \cdot 50 \cdot 50}{4^2}$$

$$N = \frac{10.000}{16}$$

$$N = 625$$

Em síntese, foram aplicados 625 formulários, divididos proporcionalmente nas duas aduanas (PIA e PNT) no período de junho a agosto de 2017, com abordagem tanto na baixa temporada (junho e agosto) quanto na alta temporada (feriado brasileiro de Corpus Christi e o mês julho - férias escolares). Mesmo havendo o indicativo de maior número de transeuntes diários na PIA do que na PTN, a divisão proporcional objetivou compreender por meio dos formulários, dados principalmente em relação ao controle ou falta deste realizado nas duas aduanas e,

para não comprometer os resultados, optou-se pela divisão proporcional, uma vez que cada aduana possui suas particularidades.

### 1.1 A PESQUISA DE CAMPO

A coleta de dados em campo se iniciou após a submissão do formulário e demais documentações sobre o projeto de pesquisa junto ao Comitê de Ética e Pesquisa com Seres Humanos da UNIOESTE<sup>7</sup>.

Foram pesquisados e testados antes do pré-teste em campo dois aplicativos para coleta de dados: *SurveyMonkey* e *QuickTapSurvey*<sup>8</sup>. O aplicativo *SurveyMonkey* possui uma interface simples e painel administrativo para gerenciamento das respostas mais completo que o *QuickTapSurvey*, porém, este último possibilita aplicação de pesquisas *off-line* (sem conexão com a internet) e atendeu de forma mais completa as necessidades desta pesquisa, uma vez que os locais de aplicação (aduanas) não dispõem de utilização de rede *WI-FI* e a conexão de dados é lenta, o que dificultaria a realização da pesquisa. Ambos os aplicativos são pagos, mas possuem versões gratuitas para teste após inscrição, limitados a 10 ou 100 respostas.

A pesquisa se iniciou com o pré-teste realizado em dias diferentes em cada uma das pontes internacionais (PIA e PTN) para fazer o reconhecimento do ambiente, testar os horários com maior fluxo de visitantes para otimizar o tempo de aplicação e atender os objetivos da pesquisa.

Desta forma, em 30 de maio de 2017 a primeira parte do pré-teste foi realizada na aduana da PIA, utilizando o aplicativo *QuickTapSurvey* para *smartphone*. A utilização de celular foi uma estratégia adotada em detrimento de aplicação de pesquisa com prancheta, papel e caneta por três razões: 1) facilitar a abordagem, porque a prancheta pode revelar antecipadamente que se trata de uma pesquisa e muitos turistas poderiam decidir não participar da pesquisa antes de tomar conhecimento do seu teor e importância de contribuição; 2) facilidade de tabulação dos dados, pois as informações ficam armazenadas em um banco de dados; 3) sustentabilidade ambiental devido à ausência de papel.

---

<sup>7</sup> O projeto foi aprovado em 29 de maio de 2017, sob o parecer consubstanciado número 2.087.110.

<sup>8</sup> Ver mais em: <<https://www.surveymonkey.com/>> e <<https://www.quicktapsurvey.com/>>. Acesso em 03 jun. 2017.

Outras estratégias utilizadas pela pesquisadora foram a utilização de colete com identificação da UNIOESTE e crachá de estudante, que representaram confiança dos turistas durante a abordagem.

Tomado estes cuidados para inibir a rejeição dos turistas em contribuir com a pesquisa, a pesquisadora se identificou a um funcionário da Receita Federal do Brasil, apresentou a documentação da pesquisa e obteve liberação para iniciar a coleta de dados. A receptividade dos funcionários da Polícia Federal, da Receita Federal do Brasil e dos Policiais Militares do Batalhão de Fronteira foi excelente, tendo demonstrado interesse pela pesquisa e em prestar informações.

Assim, iniciaram-se as abordagens dos turistas após a efetiva passagem pelos agentes de segurança, pois as questões envolvem a experiência do controle (abordagem) ou ausência deste. Ressalta-se que grande parte dos transeuntes caminhava apressadamente e, ao serem abordados respondiam com cautela que estavam com pressa, desculpando-se, o que revela que entendiam a importância de contribuir com a pesquisa, mas tinham compromissos como fazer *check out* no hotel, pegar um voo, visitar atrativos turísticos previamente agendados, etc.

A observação desta postura foi relevante para adaptar a abordagem, pois o aplicativo *QuickTapSurvey* cronometra o tempo total de cada pesquisa. Esta pesquisa que contém 10 questões em média durou de dois minutos e meio a três minutos. Com este dado, a pesquisadora utilizou no discurso de abordagem a informação de que a pesquisa demorava em média três minutos, o que representou um aumento significativo do aceite dos turistas em contribuir com a pesquisa. Alguns turistas desafiavam a pesquisadora em relação ao tempo e após, confirmavam que a duração era realmente a indicada e alguns turistas ainda aproveitaram para perguntar sobre atrativos turísticos, hotéis, direções, etc. estendendo a conversa.

No primeiro dia do pré-teste, na PIA, foi aplicada pesquisa com 10 turistas face a face. Nesta mesma data foram selecionados turistas que visitaram Foz do Iguaçu nos últimos meses e fizeram avaliações sobre as Cataratas do Iguaçu de abril a junho de 2017 na página @cataratasdoiguacu na rede social Facebook. Foi enviada uma mensagem com a identificação da pesquisadora, conteúdo da pesquisa e um *link* do aplicativo *SurveyMonkey* para que estas pessoas respondessem ao mesmo questionário utilizado face a face. Após o pré-teste face a face na PIA e a pesquisa *survey* via internet, as opções das questões nº 7 e nº 8 do

formulário (Apêndice A) foram alteradas e passaram a incluir a opção “indiferente”, “sim, indiferente”, “não, indiferente”.

Em 03 de junho de 2017 foi realizado o pré-teste na aduana brasileira na PTN, com as questões reformuladas. Foi utilizado o aplicativo *QuickTapSurvey* novamente e aplicada pesquisa com mais 10 turistas. Houve facilidade de abordagem na PTN, após identificação e apresentação de documentação pela pesquisadora aos funcionários da Receita Federal do Brasil que disponibilizaram espaço para estacionamento dos veículos abordados, sem atrapalhar o trânsito. A abordagem exclusiva de veículos ocorreu porque poucas pessoas atravessam a PTN em outro tipo de veículo (ônibus) ou a pé, pois o centro de *Puerto Iguazú* é localizado distante das aduanas, diferentemente do centro de *CDE*, localizado há poucos metros da aduana paraguaia, o que facilita a travessia caminhando. Houve alteração da questão nº 10 do formulário, que foi modificada de: “Você retornaria a Foz do Iguaçu? Por quais motivos?” para “A hospitalidade e a fiscalização são fatores que influenciariam na sua decisão de retorno a Foz do Iguaçu?”, além da inclusão de cinco assertivas de múltipla escolha, o que alterou o caráter desta questão de aberta exploratória, para fechada. O quadro 1 apresenta o resumo das respostas coletadas no pré-teste em campo na PIA, PTN (face a face) com 10 respondentes em cada e 10 respondentes via aplicativo *SurveyMonkey* (survey).

Quadro 1 – Resultado Pré-teste da Pesquisa de Campo

Questão	Resposta	Comentários
<b>Local de travessia da Ponte</b>	60% Ponte Internacional da Amizade (PIA) 40% Ponte Tancredo Neves (PTN)	Apesar da aplicação da pesquisa com em cada ponte, a maioria dos respondentes da pesquisa <i>Survey</i> (por link) visitou fez a travessia da PIA.
<b>Cidade e Estado de Procedência</b>	Londrina – PR (2), Santa Terezinha de Itaipu – PR (1), Belo Horizonte – MG (2), Coronel Vivida – PR (1), Pato Branco – PR (1), Medianeira – PR (1), Curitiba – PR (4), Cascavel – PR (3), Natal – RN (2), Porto Alegre – RS (1), Itaguaí – RJ (1), Rio de Janeiro – RJ (1), Barbacena – MG (1), Florianópolis – SC (2), Campinas – SP (1), Campo Grande – MS (1), Altonia – PR (1), Guarujá do Sul – SC (1), Maringá – PR (1), Joinville – SC (1), São Paulo – SP (1).	Foram abordados moradores da TF na PIA e a estes não foi solicitada a participação. O mesmo ocorreu com respondentes na PTN que tinham os veículos emplacados fora da cidade, mas que residem em Foz do Iguaçu.

<b>Questão</b>	<b>Resposta</b>	<b>Comentários</b>
<b>Gênero</b>	77% homens e 23% mulheres	Na PTN a abordagem de veículos se deu do lado do motorista e estes eram em todos os casos homens.
<b>Motivo da visita a Foz do Iguaçu</b>	67% Lazer, 20% Compras, 10% Trabalho, 3% visita a familiares.	
<b>Contato com moradores locais fora da oferta turística e a qualificação da hospitalidade</b>	63% Teve contato com moradores locais e qualificam como “boa” hospitalidade; 7% teve contato com moradores e foram “muito bem” recebidos; 30% não teve contato com moradores locais.	A divisão ocorreu para compreender a hospitalidade dos moradores locais e a privada (empreendimentos da oferta turística).
<b>Tempo de travessia da ponte</b>	53% curto 27% médio 20% longo	O período do pré-teste foi realizado em baixa temporada.
<b>Abordagem na aduana e como o turista se sentiu</b>	41% Não foram abordados e sentiram-se indiferentes; 28% Não foram abordados e sentiram-se surpresos(as) com a ausência de fiscalização; 14% Foram abordados, sentiram-se apreensivos(as) ou intimidados(as); 7% Não foram abordados, sentiram-se aliviados(as); 7% Foram abordados, sentiram-se protegidos(as); 3% Foram abordados e sentiram-se indiferentes.	
<b>Retorno a Foz do Iguaçu e motivos</b>	100% retornaria. 38% para lazer; 22% pela hospitalidade e a fiscalização não impediria o retorno; 19% para fazer compras; 9% para visitar a família; 3% a hospitalidade é um ponto positivo e não retornaria se a fiscalização fosse maior; 3% gosto da relação turismo x compras; 3% cidade limpa, organizada e boa hospitalidade;	Esta questão é alterada na amostra seguinte.

O formulário utilizado, com a amostra total de 625 questionados permaneceu conforme a última versão alterada e aplicada na última etapa do pré-

teste. Após a finalização da aplicação da pesquisa, os dados foram extraídos do painel administrativo do aplicativo *QuickTapSurvey* que já possui o número total para cada uma das respostas e o percentual. Os dados referentes à procedência necessitaram de maior empenho para serem tabulados, pois tiveram que ser feitos manualmente, utilizando planilha do Excel. Os demais dados foram automaticamente calculados, dispostos em planilha para melhor visualização e conferência da correspondência do quantitativo da amostra total. Após, foram transformados em dados para visualização em gráficos e tabelas, que poderão ser visualizados no capítulo 4, com a respectiva análise dos dados.

## 2. CAPÍTULO II – HOSPITALIDADE, CONTROLE E RELAÇÕES DE PODER

O turismo envolve diversas atividades e atores para materializar-se, além de modificar o espaço e ser modificado por ele. Esta afirmação incorre na concordância por muitos estudiosos da área que afirmam que o turismo é um fenômeno complexo. Devido a esta complexidade, diversas abordagens foram propostas para entender o turismo, inclusive epistemológicas, sendo a abordagem Sistêmica a mais utilizada no Brasil para este feito.

A compreensão deste fenômeno moderno sugere, igualmente, reflexões que abandonem o positivismo, como a perspectiva interdisciplinar, que segundo a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES, 2008) é onde se faz a relação entre os saberes, o encontro entre o teórico e o prático, o filosófico e o científico. Um saber que responde aos desafios do saber complexo. Isto se dá em múltiplos âmbitos, exigindo uma abertura ao diálogo e a cooperação com áreas de conhecimento que talvez jamais seriam estudadas de forma conjunta anteriormente.

Refletir sobre o fenômeno do turismo é tarefa árdua, quanto mais considerar aspectos que, num primeiro momento, aparentam tão distantes um do outro como a hospitalidade e o controle. Porém, a interdisciplinaridade, quando aplicada no sentido de realizar pontes entre áreas de conhecimentos (Pombo, 2008) possibilita a aproximação destes aspectos ambíguos.

Neste segundo capítulo são apresentadas as facetas da hospitalidade e do controle, as relações de poder que agem sobre o território e a esfera privada do ser humano e criam novas territorialidades.

A hospitalidade envolve os domínios social, privado e comercial que conformam esforços públicos e privados, que ultrapassam a simples lógica da prestação de serviços, que além de incluir a organização de aparatos físicos (infraestrutura), tem a atribuição de desenvolver aspectos subjetivos como a atitude hospitaleira em colaboradores e comunidade autóctone<sup>9</sup> para bem receber turistas.

De outro lado, o controle emerge como um tema interligado às estratégias estatais para fiscalizar, permitir ou impedir quem pode e quem não pode adentrar ao

---

<sup>9</sup> Comunidade local.

país, em prol da segurança e soberania nacional. Se analisados os esforços dos estados-nacionais em preparar o terreno para o desenvolvimento do turismo e os mecanismos de controle de fronteiras, encontramos um paradoxo, pois ao mesmo tempo em que são realizados esforços para captar e bem receber o turista, estes quando estada em territórios fronteiriços se inserem em ambientes de controle quando decidem cruzar a fronteira.

Este ambiente de receptividade e controle é encontrado na TF. Os moradores deste território fronteiriço travam lutas cotidianas para ir e vir, ou seja, para viver a fronteira, principalmente quando isto é essencial para sua subsistência. Do contrário, simplesmente deixam de ir. Por outro lado, o turista, é desprivilegiado ao fazer esta escolha, pois está alheio às dinâmicas fronteiriças. Está de passagem, sonhou, idealizou e na maioria das vezes, optará em cruzar o limite e poderá se deparar com questões contraditórias, com maior/menor ou ausência de controle nas aduanas.

As impressões do ir e vir dos turistas brasileiros que fazem a escolha de cruzar a fronteira seja para *Puerto Iguazú* (Argentina) ou *CDE* (Paraguai) é o que importa para este estudo, que almeja refletir se ficarão as belas lembranças da natureza, da cultura, do contato, do novo ou se a estas recordações serão somadas impressões que possam vir a impedir o seu retorno a este território tri-fronteiriço e que de modo geral freia o desenvolvimento do turismo.

## 2.1 A HOSPITALIDADE NO SETOR TURÍSTICO: O BEM RECEBER

O conceito de turismo é fluído, tendo admitido diversas alterações ao longo do tempo. Houve conceituações que deram especial atenção ao deslocamento, pois para haver turismo sempre se supôs a saída de uma pessoa de um ponto A para um ponto B. Outras conceituações divergiram no que diz respeito ao tempo de permanência no local de destino, que se referem à hospedagem e que podem denotar ambiguidades, inclusive na atualidade.

A hospedagem no contexto turístico pode ser caracterizada por estada, estadia ou pernoite fora do seu local de origem. A estada possui relação com o ato de estar, de permanecer em algum lugar. A estadia consiste na permanência em um local por tempo determinado. Já o pernoite significa permanecer durante a noite para dormir em um local.

Este último componente foi considerado, nas primeiras definições feitas sobre turismo, intrínseco ao fenômeno turístico, período em que a definição de turismo carregava a ‘permanência superior a 24 horas no destino’, mas passou por mudanças conceituais contemporaneamente, quando se adotou um conceito mais conciso que cita o limite de permanência fora do local de origem inferior a um ano.

Em 1995 a Organização Mundial do Turismo (OMT)<sup>10</sup> adotou o seguinte conceito de turismo:

O turismo compreende as atividades realizadas pelas pessoas durante suas viagens e estadias em lugares diferentes de seu entorno habitual, por um período de tempo consecutivo inferior a um ano, tendo em vista lazer, negócios ou outros motivos. (OMT, 1995b, p. 1)

Consoante à discussão na seção anterior, o turismo é considerado uma fenômeno complexo e fluído e seu conceito tem se reformulado, assim como o conceito de turista, que passou por modificações por autores e órgãos de turismo, como a própria OMT, que atualmente os definem:

O turismo, enquanto fenômeno impulsionado pela demanda, refere-se às atividades dos visitantes e a seu papel na aquisição de bens e serviços. Também pode ser considerado a partir da perspectiva da oferta, e nesse caso o turismo passa a ser entendido como um conjunto de atividades produtivas concebidas para atender fundamentalmente os visitantes. Um visitante é uma pessoa que viaja a um destino principal diferente ao de seu entorno habitual, com duração inferior a um ano, com qualquer finalidade principal (lazer, negócios ou outro motivo pessoal) que não seja ser empregado por uma entidade residente no país ou lugar visitado. (NU / OMT / CCE / OCDE, 2008).

Nesta definição encontra-se o conceito de visitante, terminologia que se diferencia de outros vocábulos, como “turista”, que não devem ser tomados como sinônimos.

O Ministério do Meio Ambiente (MMA, 2006) definiu visitante e turista como:

-Visitante: pessoa que visita a área de uma Unidade de Conservação de acordo com os propósitos e objetivos de cada área. O visitante pode ter várias motivações: lazer, conhecimento, recreação, contemplação, entre outras.

---

<sup>10</sup>A Organização Mundial do Turismo é uma agência especializada das Nações Unidas e a principal organização internacional no campo do turismo, destinada a promovê-lo e desenvolvê-lo. Funciona como um fórum global para questões de políticas turísticas e como fonte de conhecimento prático sobre o turismo.

- Turista: Indivíduo que se desloca para um local diferente de sua residência habitual, motivado por diversos interesses. Durante a sua permanência no local visitado, o turista pode precisar da contratação de alguns serviços para completar sua visita como: hospedagem, alimentação, aluguel de equipamentos, compra de lembranças e presentes, contratação de guias e monitores, entre outros. (BRASIL, 2006, p. 9).

Cabe ressaltar, uma vez que foram conceituados “turista” e “visitante”, que este estudo pauta-se nas impressões do turista brasileiro, aquele que permanece mais que uma noite e utiliza-se da oferta no destino turístico, e não do visitante, que pode ser caracterizado por um morador, o qual não é objeto deste estudo.

As mudanças conceituais abordadas revelam a importância da hospedagem para o fenômeno turístico. Grande parte dos turistas que viaja utiliza a hospedagem no local de destino, mesmo excursionistas que viajam de cruzeiro e visitam localidades turísticas por tempo superior a 24 horas inserem-se no contexto da hospitalidade.

Quando abordamos o tema hospedagem uma gama de conceitos aflora. Especificamente nesta pesquisa, aborda-se a hospitalidade, termo de origem francesa, derivada da palavra “*hospice*” e significa dar ajuda – abrigo aos viajantes. O dicionário Aurélio traz a seguinte definição de hospitalidade: 1- liberdade que se exerce recebendo e agasalhando em sua casa, sem remuneração, pessoas de outra terra; 2 - qualidade de hospitaleiro. (AURELIO ONLINE, 2017).

Em um primeiro momento aparenta contraditório o acolhimento de uma pessoa sem remuneração. Esta incongruência pode estar ligada ao fato de que a maior parte das abordagens relativas à hospitalidade contemporaneamente sejam do ponto de vista econômico. Castelli (2010) pontua que o significado de hospitalidade na modernidade está intimamente ligado ao comércio. Todavia ressalta a necessidade de resgatar seu enraizado significado, quase perdido:

Hospitalidade significa receber, abrigar, alimentar e cuidar do visitante. [...] Nesse caso, não se trata de uma obra de caridade, mas de um negócio. É preciso, contudo, compreender que, por trás desse negócio em grande expansão com o incremento do turismo a partir da segunda metade do século XIX, existe algo de *sagrado*, testemunhado ao longo da história da humanidade e que não pode ser menosprezado para quem exercer, na modernidade, o *comércio da hospitalidade* em grande escala. Trata-se de resgatar o profundo significado da hospitalidade, um elo quase perdido, mas que não pode estar ausente nas pessoas que prestam tais serviços. (CASTELLI, 2010, p. 4).

Segundo Castelli (2010) a hospitalidade está envolvida em três conceitos: o ato de comer junto, abrigar-se e deslocar-se. Quando se refere à alimentação, este autor afirma que a alimentação é uma necessidade humana indispensável para a sobrevivência e, com o passar dos séculos o homem descobriu à mesa uma das formas mais favoráveis para a prática da hospitalidade devido às trocas sociais e a convivência entre as pessoas.

Outro fator que propiciou o desenvolvimento da hospitalidade foi o deslocamento em grupo para caçar. Quando os animais de grande porte eram abatidos, estes eram compartilhados entre um número maior de pessoas, devido à falta de conhecimentos em armazenamento de grandes caças, o que resultava na partilha comunitária do alimento. Deslocar-se em grupo, abrigar-se em um local, partilhar comida, bebida e socializar-se são elementos fundadores da hospitalidade, que primeiramente eram praticados em comunidade. Ao descobrir a ideia de grupo, de cooperação, de proporcionar abrigo e alimento, segundo Castelli (2010), o ser humano descobriu o prazer em satisfazer as necessidades de outrem como algo emocionalmente recompensador e nisto reside a genuína hospitalidade.

Lashley (2004) reafirma que o conceito da hospitalidade está conectado com a base da sociedade:

A hospitalidade pode ser concebida como um conjunto de comportamentos originários da própria base da sociedade. A partilha e a troca dos frutos do trabalho, junto com a mutualidade e a reciprocidade, associadas originalmente à caça e à coleta de alimentos, são a essência da organização coletiva e do senso de comunidade. (LASHLEY, 2004, p.4)

Estas definições sugerem que a hospitalidade faz parte da essência humana e não algo acidental ou comercial como passou a ser explorada a partir do século XIX.

Castelli (2010) relata que a hospitalidade tinha grande relevância na vida social na antiga civilização grega (450 a.C), sendo considerado dever do Estado e dos cidadãos receber viajantes que chegavam às cidades, onde os davam de comer, beber e lavavam os seus pés sem nada questionar a respeito de seu destino de origem ou quanto tempo permaneceriam no local. As cidades de Atenas e Corinto eram reconhecidas pelo acolhimento dados aos visitantes, tendo sido, ademais, construídos hotéis públicos para abrigar os fluxos turísticos que recebiam. Infringir a hospitalidade era considerado crime e, inclusive, os gregos construíam suas casas

com espaços destinados para a acolhida de visitantes, pois acreditavam que poderia ser o próprio deus Zeus, disfarçado de visitante.

Os meios de hospedagens modernos se consolidaram com o turismo de massas e, em muitos casos, perderam a sintonia com este conceito genuíno da hospitalidade. Algumas redes ou cadeias hoteleiras têm se atentado a este aspecto e buscado resgatar este conceito para acolher mais pessoas na nova economia de mercado globalizado e isto reflete na relevância do estudo da hospitalidade.

Para Lashley (2004) a hospitalidade pode ser estudada no contexto social, antropológico e filosófico. Para Plentz e Dos Santos (2009, p. 208) “a hospitalidade é um fenômeno cujas manifestações são carregadas de aspectos subjetivos e mitológicos” e aponta a sua complexidade e também o caráter interdisciplinar de seu estudo.

Lashley (2004) acredita que é imprescindível analisar a amplitude da hospitalidade e relacionar os domínios social, privado e comercial. O domínio social refere-se aos cenários sociais e às interferências da produção e consumo de alimentos, bebidas e acomodações; o domínio privado trata do relacionamento entre anfitrião e hóspede - como se deu essa relação com o passar do tempo; e o domínio comercial diz respeito à oferta da hospitalidade como atividade econômica, onde a moeda de troca é o atendimento hospitaleiro pelo capital monetário.

Mesmo com as tentativas de aproximação do conceito genuíno de hospitalidade ‘receber o hóspede como um anfitrião recebe um forasteiro em sua casa’, a experiência da hospitalidade muitas vezes se resume às obrigações contratadas e esperadas na prestação de serviços. “A troca financeira isenta o hóspede da obrigação mútua e da lealdade”. (LASHLEY, 2004, p.19).

Compreender os fundamentos aos quais está assentado o conceito mais profundo de hospitalidade e de como ela se constituiu é primordial, principalmente quando se espera um atendimento genuinamente acolhedor no setor turístico e não robotizado ou até mesmo indiferente ou descortês. Castelli (2010) complementa a este respeito:

Não se trata, tão somente, de executar o Procedimento Operacional Padrão (POP) com perfeição. Trata-se de agregar-lhe valor singular, mediante atuações com atitude hospitaleira. Assim, a execução do serviço atinge sua sublimidade, a qual é, certamente, sentida pelo cliente como algo que toca fundo a alma. (CASTELLI, 2010, p. 9).

A atuação hoteleira referida pode ser identificada como um produto ampliado segundo definições de Kotler (1998), que identifica cinco níveis de um produto<sup>11</sup>:

Ao planejar sua oferta no mercado, a empresa precisa considerar cinco níveis de produto. [...]. O nível mais fundamental é o *benefício-núcleo*: o serviço ou benefício fundamental que o consumidor está realmente comprando. Um hóspede de hotel está comprando “tranquilidade e repouso”. [...] No segundo nível, a empresa precisa transformar o benefício núcleo em *produto básico*. Assim, o hotel oferece cama, banheiro, toalhas, mesa, cômoda com espelho e armário. No terceiro nível, a empresa prepara um *produto esperado*, a saber, um conjunto de atributos e condições que os compradores normalmente esperam e concordam quando compram esse produto. Por exemplo, os hóspedes de um hotel esperam cama arrumada, toalhas limpas, iluminação adequada e relativo grau de silêncio. [...] No quarto nível, a empresa prepara um *produto ampliado* que atenda aos desejos dos consumidores além de suas expectativas. Um hotel pode ampliar seu produto incluindo televisão com controle remoto, *check in* rápido, *check out* expresso, jantar e serviço de quarto especiais. (KOTLER, 1998, p. 384).

A hospitalidade tornou-se comercializável com a popularização do turismo e, em uma realidade cada vez mais competitiva como a que estamos testemunhando no século XXI, os clientes tornam-se cada vez mais exigentes. O produto citado por Kotler (1998) “televisão com controle remoto” antes considerado um produto ampliado torna-se um produto básico em uma realidade contemporânea, o que impulsiona os meios de hospedagem a buscar novos itens para incluir como produto ampliado.

Em muitos casos, há hotéis que oferecem serviços subjetivos como “atendimento personalizado/humanizado”, que entra na esfera da hospitalidade. Ou seja, o bem receber tornou-se um produto valioso e que agrega valor à marca, o que colabora com o questionamento de Castelli (2010): “O que é um polo turístico ou um hotel, hoje em dia, senão o local no qual se materializa o processo da hospitalidade?”. (CASTELLI, 2010, p. 4).

O bem receber transformou-se em um quesito imprescindível para o turista moderno, pois segundo Plentz e Dos Santos (2009, p. 208) “todo turista espera ser bem recebido no local que visita, e a hospitalidade estabelece a concepção desse

---

<sup>11</sup>Produto é algo que pode ser oferecido a um mercado pra satisfazer um desejo ou necessidade (Kotler, 1998, p. 383).

encontro, pois envolve o ato de acolher um estranho”. Este encontro com o desconhecido é baseado em expectativas que podem envolver a aproximação para estabelecer trocas culturais, com boa acolhida:

Para ocorrer hospitalidade, é necessário, primeiramente, o *acolhimento*, o abrir-se para receber, acolher generosamente. O *acolhimento* ocorre além do contrato estabelecido entre turista (consumidor) e os prestadores de serviços; ele é humano e subjetivo. A hospitalidade abre a porta e acolhe, a *convivência* permite sentar juntos, coexistir e intercambiar. É uma vivência inclusiva, de coexistência e de aceitação das diferentes culturas. (PLENTZ; DOS SANTOS, 2009, p. 214).

Lashley (2004) pontua a relevância da prática da hospitalidade baseada no purismo da reciprocidade, generosidade, empatia e lealdade, que tem mais chances de cativar clientes:

Sem querer sugerir que organizações movidas por lucros concedam brindes, um exame judicioso a respeito de como clientes habituais podem ser recompensados com benefícios extras, que proclamam sua importância e singularidade como indivíduos, poderia ser bem-sucedido. Nesse caso, a chave é fazer a concessão do produto parecer um ato de genuína generosidade e não a típica e pouco original oferta de “brindes”, empreendida por muitos negócios de hospitalidade associados a marcas. (LASHLEY, 2004, p. 20).

Telfer (2004) afirma que um comportamento autenticamente hospitaleiro demanda um motivo adequado e que, para uma pessoa ser considerada hospitaleira depende da frequência em que ela assume este comportamento e não somente o motivo. As razões sugeridas por este autor são o desejo de agradar, demonstrar compaixão, afeto, acolher e de satisfazer as necessidades dos outros.

Em um segundo grupo, Telfer (2004) considerou os motivos recíprocos como o desejo de fazer amizades, ter companhia ou prazer em hospedar pessoas e em último caso, igualmente recíproco, o autor considerou o motivo de hospedar com esperança de ter a hospitalidade retribuída.

Com base nos conceitos já apresentados, podemos inferir que os primeiros motivos considerados por Telfer (2004) são os genuinamente referentes à hospitalidade. Porém, este mesmo autor ressalta que:

O importante ao se fixar os motivos relativos à hospitalidade, portanto, não é apenas a razão inicial pela qual as pessoas são convidadas, mas também aquilo que se pode considerar o espírito pelo qual elas são recebidas: o que move o hospedeiro quando os

hóspedes estão presentes. Um anfitrião pode compensar um motivo de autoconsideração quanto a um convite ao preocupa-se com seus hóspedes assim que eles chegam. (TELFER, 2004, p. 61).

Em outras palavras, a hospitalidade genuína preocupa-se com o indivíduo e os motivos para ser hospitaleiro podem variar, mas o mais importante são as atitudes tomadas quando um hóspede é recebido. É sabido que estamos inseridos em um mundo majoritariamente capitalista e a hospitalidade neste contexto pós-moderno está associada às trocas monetárias, porém, alguns empreendimentos, sejam meios de hospedagens, atrativos turísticos, atrações culturais e outros elementos da oferta turística têm se empenhado em oferecer serviços próximos do conceito originário de hospitalidade.

O passeio de Trem Maria-Fumaça na serra gaúcha em um trajeto entre as cidades de Bento Gonçalves, Garibaldi e Carlos Barbosa<sup>12</sup> é um caso de sucesso que tem atraído milhares de visitantes devido à inovação e a calorosa hospitalidade.

Segundo Debenetti (2006) o passeio ocorre desde 1993 e trata-se de uma importante atividade econômica para a região, atraindo em média 100 mil turistas ao ano. O passeio inclui recepção dos turistas com degustação de vinho produzido na serra gaúcha, além de animação por um coral típico italiano, vestidos a caráter, que tocam tarantela<sup>13</sup> e música gaúcha durante o passeio.

O passeio tem, na sua essência, a forte presença de elementos lúdicos que visam a fixar a atenção do público para as atrações que ocorrem no interior do trem valorizando a cultura ferroviária e promovendo as culturas italiana e gaúcha. (DEBENETTI, 2006, p. 13).

Em Foz do Iguaçu, o Complexo Turístico de Itaipu (CTI) que administra as visitas na Usina Hidrelétrica de Itaipu tem trabalhado para desenvolver a atitude hospitaleira em atividades comerciais. Os turistas são recepcionados e direcionados para um filme institucional e posteriormente para os ônibus em que são realizados os passeios, sempre acompanhados por monitores trilingües que discursam sobre o

---

<sup>12</sup> O passeio tem um percurso de 23 km, com duração de 1h30. Ver mais em: <http://www.serragaucha.com/pt/turismo/roteiros/passeio-de-maria-fumaca/>

<sup>13</sup> É uma dança popular proveniente de Taranto, cidade localizada no sul da Itália. A dança é muito alegre e caracterizada pela troca rápida de casais.

histórico e curiosidades da construção, além de apresentarem a hidrelétrica aos turistas. Uma grande inovação do CTI foi a contratação de ex-barrageiros que trabalharam na construção da Usina e que atuam como monitores e relatam suas vivências como trabalhadores na construção da hidrelétrica, que desperta interesse dos jovens e transporta os mais velhos ao passado.

O CTI possui especial comprometimento com a formação dos recursos humanos que atuam em seu quadro funcional e com a gestão e desenvolvimento e escolha de novos atrativos do complexo turístico. Tal engajamento resultou em premiações para os atrativos do CTI, como o Certificado de Excelência e Traveller's Choice do TripAdvisor e Melhores Práticas do Turismo no Brasil do Ministério do Turismo, além de serem os primeiros atrativos turísticos no país a receberem o selo internacional de qualidade ISO 9001:2008<sup>14</sup>.

Estes exemplos demonstram que é possível estimular a atitude hospitaleira em atividades comerciais, desde a recepção de boas-vindas à despedida ao turista, direcionando o olhar além do turista, para o indivíduo, indo além da simples troca monetária.

Para Castelli (2010) receber, hospedar, alimentar, entreter e despedir-se dos visitantes fazem parte do processo da hospitalidade, sendo necessária a educação voltada para a formação da atitude hospitaleira em um processo que envolve a comunidade, professores, empresariado, parcerias públicas e privadas para a implantação de um programa que contemple metodologias e informações para a formação da hospitalidade.

O setor privado deveria ser o maior interessado em desenvolver a hospitalidade em seus colaboradores devido aos ganhos econômicos que auferem e à geração de valor às marcas proporcionado pelo desenvolvimento desta competência. Para Moraes e Negrine (2004, p. 101) "a qualificação dos profissionais que atuam na hotelaria assume uma importância fundamental para as empresas que têm por objetivo permanecer no mercado".

---

<sup>14</sup> O Certificado de Excelência do TripAdvisor (maior site de viagens do mundo que oferece informações e opiniões de turistas) aos destinos com avaliações positivas pelos leitores. Foi concedido nos anos de 2014, 2015 e 2016. O Traveller's Choice foi concedido pela posição dos atrativos como principais pontos de referência no Brasil e na América Latina nos anos de 2013, 2015 e 2016. Mais detalhes em: <<https://www.turismoitaipu.com.br/pt/premios>>.

Esta qualificação torna-se relevante principalmente em localidades turísticas com grande oferta de meios de hospedagem como Foz do Iguaçu<sup>15</sup>, segundo o Inventário da Oferta Turística de Foz do Iguaçu (2014). Todavia, a hospitalidade ou a falta desta refere-se igualmente ao tratamento dispensado pela comunidade receptora de destinações turísticas, visível em espaços públicos das localidades turísticas, como mercados municipais, transporte urbano, feiras, etc.

O acolhimento ao turista depende da qualidade dos bens e serviços oferecidos e da atitude hospitaleira de sujeitos públicos e privados. Se um destino turístico não se preocupa com a qualidade do atendimento dado pela comunidade, pautado na atitude hospitaleira a recepção do turista pode ser improvisada ou simplesmente inexistente.

O poder público possui relevante responsabilidade em provisionar a infraestrutura necessária para o desenvolvimento da atividade turística ao fornecer subsídios, incentivar e investir em práticas de educação turística da população para a criação da consciência turística para tornar os cidadãos hospitaleiros, cientes das vantagens econômicas e sociais do Turismo. Beni (2000) salienta a importância do turismo para a sociedade:

É evidente que o Turismo tem importantes repercussões sobre a comunidade, especialmente naquelas localidades onde se desenvolve a atividade do setor como principal fator econômico. Tal fato indica a necessidade de se avaliar a atitude daquelas pessoas que, de uma forma ou de outra, podem se ver afetadas pelo desenvolvimento do turismo. (BENI, 2000, p. 278).

Segundo Beni (2000) não só o poder público, mas o terceiro setor formado por organizações da sociedade civil e o setor privado devem acordar um novo contrato social para realinhar seus papéis para estruturar padrões de desenvolvimento integrado envolvendo toda a sociedade. Este envolvimento pode ser dirigido por meio de referendo popular, pesquisas de opinião pública, audiência pública ou estudos de percepção e atitude.

Tão necessário quanto ouvir a população é aguçar o olhar crítico para as interferências positivas e negativas do turismo. Para Monteiro e Monteiro (2008) a construção do olhar crítico dos moradores de destinações turísticas para a prática do

---

<sup>15</sup> Foz do Iguaçu possui 176 meios de hospedagens, divididos nas categorias Luxo, Superior, Turística, Econômico, Pousadas/*Hostels*, Motéis, Flat, Albergue, Camping.

turismo poderá fazê-los perceber os benefícios econômicos como geração de renda, como a venda de artesanato ou fatores subjetivos, como a valorização de seu patrimônio natural e cultural.

Em Foz do Iguaçu houve diversas iniciativas para o desenvolvimento da hospitalidade e educação turística. Inicialmente, a Foz do Iguaçu Turismo S/A (FOZTUR), empresa de economia mista aprovada em 1989, que segundo material intitulado “*Equipe Técnica*”<sup>16</sup> dispunha de ações realizadas pela FOZTUR que incluíam passeios orientados a alunos de escolas públicas municipais, estaduais e particulares de Foz do Iguaçu a pontos turísticos, além de conscientização turística realizada diretamente nas escolas, em parceria com estudantes do Curso de Turismo da UNIOESTE. Os temas abordados eram correlatos aos atrativos turísticos da cidade, valorização e preservação do patrimônio turístico, respeito ao turista, hospitalidade e a importância do turismo para a cidade.

Este documento cita ainda, que a FOZTUR em parceria com o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) promoveu qualificação e conscientização de colaboradores de todos os níveis do setor turístico de Foz do Iguaçu, além de treinamento sobre turismo para guardas municipais e florestais, policiais, taxistas, motoristas e cobradores do transporte coletivo, comerciários e comerciantes. Em 1998 a FOZTUR foi extinta, criada então a Secretaria Municipal de Turismo de Foz do Iguaçu (SETUR), atual responsável pelo fomento da atividade na cidade.

Em 2004, a Itaipu Binacional, por meio do Parque Tecnológico de Itaipu (PTI) e Instituto Pólo Internacional Iguassu (POLOIGUASSU) protagonizaram um projeto piloto para a educação para o turismo intitulado “Eireté-Eirú-i”<sup>17</sup>, expressão oriunda da língua guarani que consistiu no desenvolvimento de método e material que aborda temas como cidadania, meio ambiente, história e cultura da região e o turismo. O projeto envolveu 17.000 alunos de 1ª a 4ª série do ensino fundamental de escolas públicas das três cidades da TF<sup>18</sup>.

---

<sup>16</sup> O documento está disponível na Biblioteca Municipal de Foz do Iguaçu, tendo como responsável a bacharel em turismo Denise H. Borck.

<sup>17</sup> A expressão significa “abelha pequena que dá mel”.

<sup>18</sup> Mais informações em: < <https://h2foz.com.br/pt/noticias/pti-lanca-projeto-turistico-nas-escolas-de-foz-do-iguacu-13226>>. Acesso em 02 dez. 2017.

Em 2009 o POLOIGUASSU criou o programa Trilha Jovem, que consiste em qualificação e inserção de jovens para atuação no mercado de trabalho de turismo de Foz do Iguaçu, tendo capacitado mais de 1.050 jovens nas 8 edições<sup>19</sup>.

De 2011 a 2013 foi executado o Programa Integrado de Educação para o Turismo (PIET), também pelo POLOIGUASSU, com o objetivo específico de promoção da hospitalidade que consistiu em desenvolvimento de uma cartilha de educação turística para as escolas e formação de professores, alunos e guias de turismo para a sensibilização do desenvolvimento da atitude hospitaleira em Foz do Iguaçu, tanto da comunidade por meio das escolas, quanto dos profissionais da área de turismo<sup>20</sup>.

Em 2015 houve uma iniciativa da Secretaria Municipal de Educação chamado “Projeto Educação e Turismo, Construindo Saberes” que consistiu em um documento com diretrizes para os professores do ensino fundamental de 1º a 4º série no que concerne à conscientização e sensibilização dos alunos para atitudes hospitaleiras e benefícios econômicos e socioculturais do turismo. Este documento foi desenvolvido com suporte em informações da cartilha Educação para o Turismo - Eireté-Eirú-i, já citado.

Estes projetos são de relevante importância para o desenvolvimento da atitude hospitaleira, pois segundo Monteiro e Monteiro (2008) é imperativo que a relação entre moradores e turistas seja harmônica para atender aos interesses das duas partes. Esta harmonia pode ser definida como o ato de bem receber o turista, intrínseco à hospitalidade, trazendo frutos tanto para os turistas que serão bem acolhidos quanto para a comunidade que se beneficiará com os saldos econômicos e socioculturais positivos que contribuem para o seu desenvolvimento.

Em oposição às ações para incentivar a hospitalidade, há ações paradoxais do próprio Estado, como o controle do fluxo de pessoas em territórios fronteiriços, como é o caso da TF e que serão discutidas na próxima seção.

---

<sup>19</sup> Disponível em <<https://www.poloiguassu.org/trilhajovem>>. Acesso em 02 dez. 2017.

<sup>20</sup> Mais informações em: <<https://www.piet.org.br/>>. Acesso em 02 dez. 2017.

## 2.2 AS RELAÇÕES DE PODER, O CONTROLE DO TERRITÓRIO E DO HOMEM

Do ponto de vista realista, há no pensamento de Maquiavel (2008) o princípio da natureza humana que defende que o ser humano possui traços peculiares e imutáveis por natureza, sendo este ingrato, volúvel, simulador e ávido de lucro. Hobbes (1984) corrobora com este princípio da natureza humana ao afirmar que o ser humano possui três características imutáveis: são maus, são iguais e possuem medo. Hobbes vai além, ao defender que o ser humano, pelo fato de possuir esta natureza má, precisa de regras e leis para regular seu comportamento social para não viver em um estado de guerra de todos contra todos. Para ele, estas leis deveriam ser reguladas por um ente superior e soberano - o Estado, concebido para defender o homem de si próprio e mediar conflitos e interesses comuns entre os seres humanos. Este contrato social coloca a liberdade do ser humano nas mãos do Estado que passa a ter o poder de regular, decidir, julgar e controlar suas ações.

A sociedade contratualista tornou-se um paradigma dominante em muitos corpos sociais e pode ser uma explicação para os mecanismos de controle estatais e privados, de segurança de fronteiras e soberania nacional, pautados na concepção de que o ser humano precisa ser vigiado, como em um panóptico de Jeremy Bentham, para que contenha seus impulsos 'destrutivos'.

Podem-se encontrar indícios da natureza imutável do homem na mitologia ocidental da queda de Adão do paraíso. Para Sahlins (2007) estas estruturas culturais nativas de longa duração ainda habitam a antropologia moderna e são responsáveis por dificultar a compreensão da sociedade. O autor relembra que Ricouer acreditava que Adão [ou o homem] não somente originou o mau, como igualmente tornou-se predisposto a ele. As consequências da queda de Adão do paraíso por obedecer a seus próprios desejos e desobedecer a Deus resultaram em morte, sofrimento, ignorância e cobriram a humanidade de vergonha. As relações entre as sociedades foram marcadas pela incompreensão, o crime e a discórdia devido ao caráter imperfeito da natureza do homem, repleto de carências e necessidades – um mito antropológico.

De acordo com Sahlins (2007) quando a sociedade burguesa libertou o homem da moral cristã, permitiu que o desejo humano imperasse sem o menor decoro, e esta foi uma grande mudança na sociedade: o homem, originalmente condenado como autor do pecado e que renunciava a perdição eterna,

transformou-se em algo bom. A escravidão deu lugar à liberdade e o desejo humano tornou-se a premissa da salvação temporal.

Do pecado nasceu a ideia de Estado, pois foi a partir do pressuposto de que o homem é pecador, egoísta e mau por natureza que surgiu o contrato social entre os homens e o Estado, para livrar os primeiros do dente por dente, com a pregação da superação da intervenção divina e posicionamento do homem no centro das coisas.

Para Mendonça (2011) o principal problema da concepção liberal de Estado residiu em sua própria naturalização, pois a noção de contrato social residia na ideia da superação do estado de natureza do homem para uma forma mais 'civilizada', que seria a sociedade civil. O contrato social previu mudanças emblemáticas que formam a base da constituição moderna do Estado ao posicioná-lo como soberano que deveria gerar as condições para: 1) proteção da lei e do governante; 2) beneficiar os homens; 3) visão do Estado como somatório de direitos individuais; e 4) Estado como sujeito, acima da sociedade, dotada de vontade e iniciativas próprias, como se não correspondesse aos agentes sociais sobre os quais passa a comandar.

Ocorrem desta maneira, novas configurações de poder, ora de cima para baixo, ora debaixo para cima, conforme resume Mendonça (2011):

Sintetizando: temos, de um lado, o Estado e o poder emergindo como algo que desce do vértice para a base, resistindo-lhe os sujeitos a partir de direitos civis; de outro, temos o Estado como um organismo no qual a pluralidade dos sujeitos privados se agrupa numa unidade superior, de modo que o poder emerge como algo que ascende da base ao vértice, em virtude do exercício de direitos políticos. (MENDONÇA, 2011, p. 18).

A suposição de que o ser humano é mau por natureza é uma concepção reducionista, baseada apenas na biologia, sem considerar aspectos sociológicos, culturais e psicológicos, portanto uma afirmação perigosa e refutável.

Do ponto de vista sociológico a espécie humana é a que possui maior variabilidade social do que qualquer outra, com sistemas de crenças, estruturas familiares, sistema político e valores diversos. Exemplos disso podem emergir se considerarmos desde o sistema de castas indiano, o sistema econômico comunista cubano a um conglomerado de costumes, tradições e crenças em uma mesma cidade cosmopolita devido aos fluxos migratórios e a globalização.

Maté (2011) acredita que uma das faces da natureza humana considerada por Hobbes – a violência – é produto de uma sociedade individualista que cria problemas com o objetivo de auferir lucratividade. Para ele, a afirmação de que a natureza humana é imutável é um mito, pois os seres humanos possuem necessidades de companheirismo, de contato íntimo, serem amados e aceitos. Quando estas necessidades não se realizam ocorre a distorção da natureza humana que se materializa na criminalidade, principalmente quando o gatilho da desigualdade social e da rejeição social é acionado cotidianamente.

Gilligan (2011) afirma que a violência não é universal, pois há importantes oscilações no nível de violência em diferentes sociedades, como a baixa ou ausência de registros de homicídios em grupos de religião anabatista, amish, menonitas e huteristas. Nos *kibutzim* (Israel) há projetos sociais que enviam infratores violentos para aprender a viver de modo pacífico com este grupo.

Estas concepções impelem a acreditar que o ser humano não é bom ou mau por natureza, mas amplamente moldado pela sociedade e pela cultura ao qual está inserido e que a coesão e a reciprocidade em uma comunidade são fatores de extrema relevância para coibir a violência.

Para Geertz (1989) a cultura nos moldou como espécies únicas e mutáveis. Diferenciamos-nos dos animais porque somos orientados pela cultura e não pela genética, o que nega a ideia de natureza fundamental do ser humano baseada apenas na matriz biológica. Segundo este autor, um animal quando se sente ameaçado age de acordo com seus gabaritos genéticos, já o ser humano na mesma situação busca informações com base em recursos culturais para agir. Isto explica atitudes tão distintas quando o ser humano está em perigo.

Segundo Geertz (1989) as emoções do ser humano são artefatos culturais, o que demonstra que dependemos de relações sociais não só para moldar quem somos, mas de igual forma para nossa sobrevivência. “Sem os homens, certamente não haveria cultura [...] somos animais incompletos e inacabados, que nos completamos e acabamos através da cultura”. (GEERTZ, 1989, p.36).

Para Thompson (2009) a vida social é formada por artefatos de vários tipos: ações, expressões, manifestações verbais, símbolos, textos, e os indivíduos se expressam por meio destes artefatos com o objetivo de entender a si próprios e os outros ao interpretarem as expressões produzidas e recebidas. A partir disso, este autor desenvolveu a concepção estrutural de cultura, que possui ênfase no caráter

simbólico dos fenômenos culturais e agregou a concepção de que os fenômenos estão sempre inseridos em contextos sociais estruturados. Ou seja, as formas simbólicas<sup>21</sup> estão igualmente inseridas em contextos e processos sócio históricos específicos dentro dos quais, e por meio dos quais, são produzidas, transmitidas e recebidas. Estes processos podem estar estruturados em relações assimétricas de poder, por acesso diferenciado a recursos e oportunidades e por mecanismos institucionalizados de produção, transmissão e recepção de formas simbólicas.

Ao se assumir que os seres humanos são moldados pela sociedade, ávidos por relacionamentos recíprocos e serem aceitos, que os fenômenos sociais podem envolver relações assimétricas de poder, podemos refletir sobre os cenários presentes em muitas sociedades, principalmente em países periféricos em que a desigualdade social é latente e que grande parcela da população mundial está muito distante de suprir suas necessidades, o que pode ser um indicador dos altos índices de violência.

Observar esta realidade apenas pela ótica biológica parece sustentar uma visão distorcida da realidade, que colabora para que novos mecanismos de vigilância, repressão e morte sejam criados para disciplinar, vigiar e controlar os homens – tornar os corpos dóceis (Foucault, 1987). Quanto maior o controle em todos os pontos da nação, inclusive a militarização das fronteiras e defesa da soberania nacional, mais poder é conferido a determinado Estado-nação e é disso que se tratam muitos temas, principalmente a securitização: de relações de poder.

A etimologia da palavra “poder” é derivada do latim *potere* e significa “ser capaz”, “autoridade”, “posse”, ou seja, pode imprimir vários significados, inclusive denotar uma ação de força, persuasão, regulação, controle de algo ou de alguém para atingir determinado objetivo.

O poder é uma palavra que denota significados abrangentes. Para Russell (1979) é o conjunto dos meios que permitem alcançar os objetivos pretendidos. Para Weber (1922) é toda a chance, seja ela qual for, de impor a própria vontade numa relação social, mesmo contra a relutância dos outros.

---

<sup>21</sup> Para Thompson (2009) as formas simbólicas são os variados fenômenos significativos de uma cultura, como artes, gestos e rituais, manifestações verbais, textos, programas de televisão, obras de arte, etc. São representações de algo, apresentam ou representam alguma coisa, dizem algo sobre alguma coisa.

Estes conceitos direcionam a uma das mais recorrentes representações do poder: a dominação. Bourdieu (2008) é um dos autores que define o poder como uma forma de dominação, em que dominadores utilizam seu poder para cometer a violência simbólica, fabricando crenças no processo de socialização, ao induzir os dominados a enxergar e avaliar o mundo de acordo com padrões definidos por quem domina.

Para Dussel (2009) desde Maquiavel, Weber, Habermas e até mesmo em alguns textos de Marx e Lenin, o poder é descrito como dominação e pontua que esta concepção é eurocêntrica e precisa ser rompida. Os meios para este feito seriam: a prática de uma filosofia engajada ao criar uma interface entre a academia com a realidade das ruas e com o povo; o exercício do poder em todos os níveis institucionais deve se regenerar e considerar as demandas da comunidade (*potentia*)<sup>22</sup>; e buscar um sistema mais humano e incluir os excluídos (vítimas do sistema) em uma resignificação da democracia participativa, além dos regimes democráticos liberais e do socialismo real.

Para Foucault (1979) o poder não existe, o que existem são as relações de poder. Os 'dominadores' não são apenas as instituições como o Estado, a igreja ou a escola, tampouco alguém. O poder está em toda a parte, não é uma coisa, não é estático. Está relacionado com micro poderes, presentes em todas as sociedades, configurado por ações fluídas, exercidas.

O poder é uma prática social em forma de soberania nos limites de um território, a segurança sobre o conjunto de uma população e a disciplina que age materialmente sobre os seres humanos:

Poder este que intervém materialmente, atingindo a realidade mais concreta dos indivíduos – o seu corpo – e que se situa ao nível do próprio corpo social, e não acima dele, penetrando na vida cotidiana e por isso podendo ser caracterizado como micro-poder ou sub-poder. (FOUCAULT, 1979, p. 12).

Segundo Foucault (2008) existem formas de exercício de poder articuladas ao Estado de maneiras variadas que são indispensáveis inclusive à sua sustentação e atuação eficaz. Esta atuação se dá por meio da aplicabilidade das leis, pois “a lei

---

<sup>22</sup> Para Dussel (2009) a *potestas* é o poder político como mediação, como representação (políticos). A *potestas* é instituída pela *potentia* (povo) para tratar dos interesses da comunidade, mas esta encontra-se fetichizada (corrompida) e carece urgentemente ser deposta.

trabalha no imaginário, já que a lei imagina e só pode ser formulada imaginando todas as coisas que poderiam ser feitas e não devem ser feitas. Ela imagina o negativo”. (FOUCAULT, 2008, p.61).

Desta forma, as regras jurídicas definem o que deve ou não ser feito e estão revestidas deste poder devido ao destaque dado ao saber científico, que disciplina e produz efeitos de verdade.

Segundo Foucault (2005) a aliança entre saber e poder se mantém devido o objetivo de moldar sujeitos ativos economicamente, produtivos e adaptados socialmente, como estratégia para fabricar indivíduos que aceitem ser controlados: seus gestos, comportamentos e atitudes. O controle para docilizar os corpos começa desde cedo: na escola, após, no trabalho (fábricas e escritórios), hospitais, prisões, exército, etc. Ou seja, o controle se apresenta em toda a sociedade e, como isso, o ser humano se habitua à vigilância, podendo não se importar com o controle, ou até mesmo desejá-lo, para se sentir seguro.

Estas relações de poder perpassam as relações sociais cotidianas e podem ser identificadas tanto na reconfiguração do ócio e do lazer como algo positivo, no desenvolvimento da atitude hospitaleira tanto em atividades comerciais como na comunidade para bem receber o turista, quanto na libertação do homem da moral cristã que originou o Estado Moderno. Como consequência, as relações de poder transformam, lenta e veladamente, por meio das instituições e dos meios de comunicação, a forma como o ser humano enxerga as coisas e isso ocorre de acordo com a temporalidade e são concepções construídas socialmente.

Assim, torna-se claro o objetivo de reconfiguração de conceitos, principalmente a criação do Estado Moderno: o controle do ser humano, que atinge a esfera privada – o corpo humano, conforme salienta Foucault “em qualquer sociedade, o corpo está preso no interior de poderes muito apertados, que lhes impõe limitações, proibições e obrigações” (FOUCAULT, 1987, p.118). Estas restrições, por sua vez, transformaram as sociedades em sociedades disciplinares com um conjunto de técnicas e processos de saber que fizeram nascer o homem moderno, que mesmo tendo a facilidade de deslocamento provenientes da própria modernidade, não escapa do controle.

Desta forma, os movimentos humanos característicos do mundo contemporâneo como as migrações de refugiados ou de trabalhadores de grupos móveis, soldados e turistas, segundo Appadurai (1997) são consideradas ameaças

ao Estado-nação, assim como a conexão dos sujeitos à vida local. A submissão de turistas e moradores de territórios fronteiriços a mecanismos de controle criam barreiras para o desenvolvimento da economia de cidades gêmeas ou trigêmeas, além de ocasionar a quebra de conexão propiciada pelas trocas culturais entre diversas culturas e são responsáveis pela criação e recriação de novas territorialidades.

Para compreender as relações sociais nas fronteiras, cabe diferenciar a concepção de território e territorialidades. O conceito de território é anterior ao conceito de territorialidade e está impregnado de significados com grande proximidade da reflexão feita sobre o termo poder. Território é sem dúvida uma noção geográfica, mas é antes de tudo uma noção jurídico-política: aquilo que é controlado por certo tipo de poder”. (FOUCAULT, 1979, p.157).

Para Saquet e Sposito (2008):

A territorialidade é uma expressão do poder social, conformando o território. Este é entendido como uma área controlada e delimitada por alguma autoridade, resultado de estratégias de influência social. Há controle social: algumas pessoas atuam controlando outras. A territorialidade considerada como um componente de poder significa uma forma de controle do espaço. (SAQUET; SPOSITO, 2008, p. 17).

Para Raffestin (1993) o espaço é ainda anterior ao território, sendo este o resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático que ao apropriar-se de um espaço de forma concreta ou abstrata territorializa o espaço. Este espaço, ao ser transformado em território revela relações marcadas pelo poder.

Conforme já evidenciado por Foucault (1979), as relações de poder são fluídas, o que convencionamos assumir que o território é resultado das relações sociais, sendo que todos os seres humanos, enquanto seres sociais elaboram diversas relações de poder, criam e recriam territorialidades.

Segundo Haesbaert (2010) o território é definido pelas relações sociais, culturais e ao contexto histórico em que está inserido. Para este autor “não há como definir o indivíduo, o grupo, a comunidade, a sociedade sem ao mesmo tempo inserirlos num determinado contexto geográfico, “territorial””, pois os elementos-chave responsáveis pelas relações que estamos descrevendo diferem consideravelmente ao longo do tempo. (HAESBAERT, 2010, p.20).

Saquet (2015) igualmente considera as relações sociais do ser humano e o espaço-tempo em seu conceito de território:

O homem age no espaço (natural e social) de seu habitar, produzir, viver, objetiva e subjetivamente. O território é um espaço natural, social, historicamente organizado e produzido. [...] o território é produto de ações históricas que se concretizam em momentos distintos e sobrepostos, gerando diferentes paisagens. (SAQUET, 2015, p. 77).

A sobreposição citada por Saquet (2015) refere-se aos territórios e territorialidades sobrepostos e em redes, pois “há, em cada território, tempos históricos e tempos coexistentes (ritmos) presentes, em unidade, a mesma unidade da relação espaço-tempo.” (SAQUET, 2015, p. 82).

Haesbaert (2010) ressalta que o território é relacional e não deve ser considerado apenas espaço estático, delimitado ou como fronteira, pois “o território é também movimento, fluidez, interconexão – em síntese e num sentido amplo, temporalidade”. (HAESBAERT, 2010, p. 82). O autor ainda ratifica que precisamente pelo fato do território ser relacional, o Estado-nação age como promotor de territorialidades, que se reflete no controle de acesso e na classificação e nomeação de indivíduos de acordo com seu local de nascimento. Em outras palavras, a existência legal das pessoas está atrelada a condição territorial nacional.

Apesar desta lógica dominante, Haesbaert (2010) concorda com Foucault sobre os micropoderes, em que o poder não se localiza apenas no Estado ou nas classes dominantes. Para ele, atrelar o conceito de território como espaço de soberania ou de jurisdição do Estado é uma prática reducionista, devendo ser consideradas as relações sociais e todos os atores de determinada território estudado.

Um dos conceitos mais difundidos do autor Rogério Haesbaert é o mito da desterritorialização. Muitos autores aventuram-se em abordar conceitos como território, territorialidade ou desterritorialização, principalmente quando fazem menção à globalização, especificamente a velocidade e facilidade dos deslocamentos proporcionados pelos meios de transportes e a instantaneidade promovida pela internet que conecta pessoas, possibilita vendas, pesquisas, etc.

O mito da desterritorialização, segundo Haesbaert (2010) é a concepção de que com o mercado globalizado, na era da internet as barreiras – leiam-se fronteiras – caíram ou estão cada vez mais flexíveis, o que se caracteriza um engano:

Um dos papéis que indiscutivelmente o Estado nação ainda procura exercer e que pode até mesmo ser fortalecido no futuro é o controle dos fluxos migratórios. Ainda que as fronteiras tenham se tornado mais abertas para a circulação do capital financeiro ou para os fluxos de mercadorias (estes, muitas vezes, dentro de uma “reterritorialização” em termos dos chamados blocos econômicos), elas geralmente têm se fechado para o fluxo de pessoas. [...] O recente recrudescimento do movimento terrorista veio agravar ainda mais o problema, construindo-se vinculações genéricas e apressadas entre migração e terrorismo internacional. (HAESBAERT, 2010, p. 248).

Arriaga-Rodriguez (2014) ao analisar a teoria sobre fronteiras e a partição dos espaços humanos de Jean Gottmann ressalta que a geografia do planeta tem deixado de ser heterogênea e que as sociedades continuam modificando os espaços que habitam. Em decorrência disso, as fronteiras e os limites territoriais, ao invés de desaparecerem, adquirem novos usos conforme muda a sociedade capitalista.

Desta forma, em um contexto de controle e limite de passagem podem surgir conflitos, pois o ser humano sempre teve necessidades de se deslocar, seja para procurar novas terras produtivas ou novas oportunidades de emprego para sobrevivência, seja para viajar para visitar amigos ou parentes ou por puro ócio gozar do lazer. Este deslocamento quando não é livre, barra pessoas quando o Estado com seu poder sente a necessidade de proteger suas fronteiras para impedir a passagem do “outro” e ter controle sobre a entrada de mercadorias e pessoas em prol da segurança nacional.

Para Appadurai (1997) a preocupação de um Estado em relação à proteção de suas fronteiras pode diferir em muitos aspectos de outros Estados:

Nem todo aparato estatal preocupa-se com a integridade territorial da mesma forma e pelos mesmos motivos. Em alguns casos, o pânico estatal relaciona-se com populações incontroláveis de refugiados. [...] Outros Estados preocupam-se com as fronteiras, que podem ser consideradas membranas imperfeitas que permitem a entrada de estrangeiros e mercadorias indesejáveis, enquanto barram turistas e trabalhadores legítimos. [...] Outros Estados, por exemplo, na África, importam-se menos com policiar as fronteiras, mas concentram suas energias em policiar e sacralizar importantes cidades, monumentos e recursos localizados nos centros urbanos do regime. Alguns Estados preocupam-se com as violações do território através das mercadorias; outros importam-se mais com pessoas, doenças ou poluição. (APPADURAI, 1997, p. 38).

A preocupação com a segurança fronteiriça é o cenário encontrado na TF. Nos últimos anos tem sido intensificada a fiscalização para coibir o contrabando, o descaminho e o tráfico de drogas e armas na fronteira entre o Brasil e o Paraguai. A atenção dispensada à TF variou no tempo histórico devido à localização, distante das capitais dos estados dos três países<sup>23</sup>, ou por interesses econômicos no processo da expansão das fronteiras agrícolas em 1940, que será discutido no terceiro capítulo. A separação geográfica da TF não impediu que os olhares dos poderes das três capitais se voltassem para esta fronteira, conforme observado por Cury (2010):

As regiões fronteiriças permaneceram, na maior parte do tempo, distantes e abandonadas, política e ideologicamente, do poder central (...) mas isso não significa pensar que estavam totalmente alheias aos interesses desse poder centralizador, pois a fronteira sempre se constituiu como sagrada no processo de formação do Estado-Nação. (CURY, 2010, p.22).

No que concerne ao Estado Brasileiro, a colônia militar implantada em Foz do Iguaçu em 1888 foi um marco da militarização que teve o intuito de demarcar fronteira, impor limite e proteger o território nacional brasileiro.

Já no século XXI, após as relevantes mudanças que ocorreram na TF, desde o povoamento por imigrantes eurobrasileiros, a construção da Usina de Itaipu e o estabelecimento do centro de compras em *CDE*, este território fronteiriço passou a configurar como uma das fronteiras mais populares e noticiadas nacionalmente devido ao tráfico de drogas.

A partir do ano 2000, organismos de segurança passaram a organizar operações para coibir a criminalidade na TF, em cumprimento às ordens diretas do poder central, que passou por uma nova configuração, com austero controle tanto na PIA como em postos de fiscalizações rodoviários brasileiros que ligam Foz do Iguaçu aos demais estados brasileiros, principalmente em operações esporádicas, com período determinado.

Aparte dos períodos de operações com tempo determinado se observa que o trânsito de pessoas é praticamente livre na fronteira entre Foz do Iguaçu e *CDE*,

---

<sup>23</sup> Brasília, capital do Brasil está localizada há 1.500 km da TF, Buenos Aires, capital argentina está 1.200 km de distância da TF. A capital mais próxima dos três países é Assunção no Paraguai, a 330 km.

pois poucas pessoas são abordadas para identificação, averiguação das mercadorias compradas e pagamento de impostos sobre produtos importados, o que revela uma dinâmica fronteiriça peculiar, ora austera, ora fluída, a critério dos interesses estatais.

Em contrapartida, na fronteira entre o Brasil e a Argentina há uma ambiguidade permanente. Na alfândega argentina em *Puerto Iguazú* todos os veículos são parados sem exceção, os documentos são cadastrados, os veículos e bagagens são vistoriados em qualquer horário e em qualquer dia da semana. Já na alfândega brasileira em Foz do Iguaçu, a cerca de 2 km da alfândega de *Puerto Iguazú*, o fluxo é praticamente livre, pois os transeuntes não são abordados devido ao baixo efetivo de colaboradores para realizar a fiscalização com uma amostra pequena, quiçá total das pessoas que saem ou entram no país. Este fato demonstra as particularidades das dinâmicas fronteiriças neste território fronteiriço, de acordo com interesses estatais tanto do Brasil, com menor fiscalização, quanto da Argentina com controle blindado da fronteira.

A ausência ou austera fiscalização em territórios fronteiriços podem causar confusão e estranhamento aos que nela transitam, sejam moradores locais, mas principalmente os turistas.

O exercício do poder do Estado em nome da proteção da soberania nacional com intencionalidade de coibir a entrada de produtos ilícitos, terroristas e imigrantes pode barrar turistas, configurando um cenário onde a mão invisível do Estado age como reguladora e seletiva por meio de critérios que não levam em consideração a realidade local, e escolhe quem está apto a adentrar ou não em seu território, muitas vezes suprimindo ou freando o desenvolvimento do turismo, face aos desdobramentos da burocracia, regras e legislação internacional, inerentes ao processo de fiscalização e controle de fronteira, criando e recriando novas territorialidades nesta realidade fronteiriça. Este cenário será descortinado no capítulo seguinte, ao ser caracterizada a TF, suas territorialidades e a dinâmica turística neste território fronteiriço.

### 3. CAPÍTULO III – TERRITORIALIDADES FRONTEIRIÇAS NA TRÍPLICE FRONTEIRA E O TURISMO

A TF está localizada em um território marcado por transformações espaço-temporais. Os sujeitos que nela compartilharam vivências deixaram cicatrizes e foram igualmente marcados, física e simbolicamente devido a intensas lutas de representações neste território. Estas disputas, por sua vez, criaram e recriaram novas territorialidades no tempo e no espaço ao qual a TF está inserida.

Este capítulo traz o conceito de fronteiras para evidenciar as dinâmicas fronteiriças que ocorrem na TF ao apresentar o controle ou a ausência deste nas aduanas entre Foz do Iguaçu e *CDE* e entre Foz do Iguaçu e *Puerto Iguazú*.

Apresentam-se ainda, as territorialidades criadas a partir da instituição da Colônia Militar em Foz do Iguaçu (1888), após séculos de abandono, que tiveram o objetivo de demarcar o território nacional na TF, espaço povoado por poucos brasileiros.

Outros atores passaram a fazer parte deste cenário com o passar do tempo, pois a TF foi espaço de relevantes correntes imigratórias. Na década de 1940 ocorreu o povoamento do oeste-paraense (a Marcha para o Oeste); a partir da década de 1960 a TF começou a receber imigrantes asiáticos e do Oriente Médio, que fugiam de conflitos de ordem religiosa, econômica e guerras e se estabeleceram neste território fronteiriço em função de negócios no centro comercial de *CDE*; e a partir da década de 1970 passou a receber imigrantes brasileiros de diversos estados para cumprir o plano desenvolvimentista estatal da construção da maior hidrelétrica em geração de energia do mundo – a Usina de Itaipu.

Não obstante, episódios internacionais criaram novas territorialidades, como a securitização da TF após atentados em Buenos Aires, tendo aumentado substancialmente após o atentado de 11 de Setembro de 2001 nos EUA.

À parte destas mudanças, após o término da construção da Usina de Itaipu, houve esforços para construção de uma memória coletiva em que o turismo figurava como a principal atividade econômica, que salvaria Foz do Iguaçu da crise instalada após demissões em massa de barrageiros que criaram laços com a cidade e nela permaneceram com suas famílias. Os empenhos partiram das classes dominantes locais frente o crescimento do turismo nacional e mundial.

Ou seja, a TF é um território em constante transformação, que passou por relevantes mudanças, mas que continua em mutação, pois os territórios e as fronteiras são fluídos e móveis, revestidos por lutas cotidianas em uma trama que envolve relações de poder e que tece novas territorialidades.

### 3.1 AS DINÂMICAS FRONTEIRIÇAS E A TRÍPLICE FRONTEIRA

Para Castelo (1995) a fronteira ao mesmo tempo pode ser uma área de aproximação ou de separação, linha que aparta e espaço polarizador. “É, sobretudo, um espaço de tensões, de coexistência das diferenças, e do estabelecimento de novas realidades culturais”. (CASTELO, 1995, p 18).

Albuquerque (2011) afirma que no mundo contemporâneo a noção de fronteira permite sentidos diversos como delimitações de territórios, metáforas da vida social, fronteiras porosas e rígidas, barreiras ou formas de travessias, diferenças e sincretismos, limites e caminhos.

A fronteira admite oposição, diferenças, dicotomias e paradoxos, o que remete assumir esta multiplicidade de conceitos e compreender as ambiguidades, uma vez que a fronteira limita e concede passagem, percorre redes e circuitos em uma trama que se dá por meio das relações sociais.

Para Cardin (2016) as dinâmicas fronteiriças podem variar de acordo com fatores econômicos e políticos dos países vizinhos e como a presença estatal se dá, com maior ou menor regulação do fluxo de pessoas, bens e mercadorias. Este fator, por sua vez, possui relações diretas com a organização social das comunidades que vivem na e pela fronteira. Para compreender as relações sociais fronteiriças faz-se necessário analisar a relação do processo de expansão do capital, como o Estado se posiciona em determinada temporalidade e como a população reage a este posicionamento, se há resistência ou não e isto pode mudar de uma fronteira para a outra e é o que caracteriza a heterogeneidade encontrada no Brasil, país com 15.719 km de fronteira.

A rigidez de controle nas fronteiras pode revelar a imposição dos interesses estatais sobre os interesses pessoais dos seres humanos, pois “é a esfera da política que decidirá se o Estado irá incentivar ou dificultar o intercâmbio com os vizinhos”. (FURQUIM JUNIOR, 2007, p. 126). As trocas culturais e as relações sociais dos sujeitos fronteiriços podem ser prejudicadas ou aproximadas de acordo

com as políticas de segurança de fronteiras, que podem causar interferências no cotidiano da comunidade e demais pessoas que transitam por territórios fronteiriços, como imigrantes e turistas.

Para Raffestin (1993):

A linha fronteiriça adquire diferentes significados segundo as funções das quais foi investida. A função legal delimita uma área do interior da qual prevalece um conjunto de instituições jurídicas e normas que regulamentam a existência e as atividades de uma sociedade política. (RAFFESTIN, 1993, p. 68)

Para Campigoto (2016) mesmo quando tentamos, em nosso discurso, não representar a fronteira material, por exemplo, podemos nos referir a ela de forma simbólica, pois “fronteira” admite um leque de significações:

Quando dizemos que a fronteira entre o Brasil e o Paraguai, na parte que comporta o Estado do Paraná, é representada por um rio, afirmamos a fronteira em nosso texto. Se nos posicionamos criticamente, afirmando que a linha dos limites é uma ação política e que o imperialismo português e depois brasileiro invadiram e destruíram os povos nativos para ocupar o território e estender a linha de fronteira até ali, ainda não “apagamos” a afirmação primeira, e repetimos novamente que “a fronteira é ali”. (CAMPIGOTO, 2016, p. 24).

Segundo Colognese (2013) as fronteiras não configuram apenas uma delimitação de territórios nacionais, são engendradas como região histórica em constante transformação, são construções sociais.

Martins (2009) considera a fronteira como um ponto limite de territórios que muda reiteradamente, além de ser um ponto de disputas de diferentes formas e por diferentes grupos humanos.

Para entender uma territorialização fronteiriça é preciso compreender como se dão as relações, que podem envolver disputas de poder entre os atores fronteiriços, considerando sua organização social, econômica, cultural e política.

Estas disputas de poder não são marcadas apenas na arena que envolve o Estado-nação, mas igualmente pelos atores que convivem na fronteira:

A fronteira deixa de ser concebida somente a partir das estratégias e interesses do Estado central, passando a ser concebida também pelas comunidades de fronteira, ou seja, no âmbito subnacional. O desejo e a possibilidade real de comunidades locais de estender sua influência e de reforçar sua centralidade além dos limites internacionais e sobre a faixa de fronteira subvertem e renovam os

conceitos clássicos de limite e de fronteira. (BENVENUTO, 2016, p.39).

Grimson (2002) analisou as percepções e imagens de brasileiros e argentinos da fronteira entre *Paso de los Libres*, província de *Corrientes* e a cidade de Uruguaiana, estado do Rio Grande do Sul sobre as vivências destes moradores e as noções de alteridade resultantes da forte intervenção do Estado, pois segundo o autor “foi justamente na zona de limite – em que ocorre a travessia – onde o Estado colocou sua principal instituição de intervenção na vida cotidiana dos habitantes da fronteira” (GRIMSON, 2002, p. 165).

Segundo o autor, os relatos dos moradores deste território, tanto de brasileiros quanto de argentinos narraram uma problemática comum: a alfândega argentina, em que funcionários da polícia argentina causam inconvenientes com tratamento descortês, entrave alfandegário ou excesso de exigências legais. Os brasileiros participantes do estudo creditam estas atitudes a uma questão de superioridade-inferioridade, de uma temporalidade (anos de 1950) em que a Argentina possuía maior diversidade de produtos não encontrados no Brasil, e que atraía grande quantidade de brasileiros. Já para os argentinos o policial da alfândega argentina não representa a fronteira, apenas segue as ordens do Estado central.

Para Grimson (2002) este tipo de relacionamento social é tolerado ou não de acordo com a necessidade dos que aceitam submeter-se à situação de inferioridade, pois precisam cruzar a fronteira constantemente para trabalhar ou para aproveitar preços mais baixos do lado de lá. Porém, muitas pessoas “decidiram que *já não tem mais por que se submeter a essa política cotidiana*” (GRIMSON, 2002, p. 183).

Duas narrativas deste mesmo estudo evidenciaram o deslocamento por motivação turística. Uma delas relata a viagem de moradores de Uruguaiana que viajaram para Foz do Iguaçu para assistir a um jogo da Copa América e fizeram o processo migratório em *Paso de los Libres*. Ao retornarem, optaram pelo trajeto mais curto, que consistiu em retornar pela Argentina, passando pela alfândega em *Puerto Iguazú* e tiveram a recusa de liberação da documentação. Os turistas ao perguntarem a diferença de uma alfândega para a outra, já que eram do mesmo país, obtiveram a resposta de que “eles mandam lá e nós mandamos aqui”.

A outra narrativa se refere a um empresário brasileiro, dono de uma agência de turismo que realiza viagens para Buenos Aires e com grande frequência cruza a fronteira. Este empresário relatou que sente que cada viagem é um risco, uma luta em que são feitas muitas exigências por meio do pagamento de diversas taxas até ter a liberação, além de demonstrar espanto com a austera fiscalização ao levar turistas para gastar no país vizinho.

Benvenuto (2016) realizou um estudo semelhante na TF, em que levantou as impressões de brasileiros, paraguaios e argentinos sobre seus vizinhos. Uma das narrativas revela um problema semelhante de fiscalização na fronteira entre *Puerto Iguazú* e Foz do Iguaçu que incluem a dificuldade de integração social ou comercial na TF:

O vizinho tem a intenção de se integrar com o vizinho da outra cidade, mas normalmente, tanto os controles como os mecanismos de funcionamento de cada país fazem com que isso seja um pouco mais complicado. Ou seja, talvez uma pessoa que more em Foz do Iguaçu, se você facilita de alguma maneira pode até morar em [Puerto] *Iguazú* um tempo. Ele irá fazê-lo. E o mesmo ocorre com as pessoas de [Puerto] *Iguazú*. Mas isto não acontece porque existem travas importantes em cada país, começando pela segurança que dificultam que isso aconteça porque a partir de uma pessoa isso não acontece (...) porque tem que esperar ao lado de um rio, porque tem que esperar duas horas para poder fazer os trâmites e isso é uma trava, é um impedimento para a integração. (BENVENUTO, 2016, p.74-75, tradução nossa).

Outras narrativas levantadas pelo mesmo estudo se referem a assuntos como a diminuição do controle migratório e a criação de documentação única para os cidadãos do Mercado Comum do Sul (MERCOSUL), que contribuiria sobremaneira para que o trânsito fosse mais fluído na TF, além da mudança da imagem da TF de tríplice fronteira perigosa para tríplice fronteira turística.

Canclini (2004) afirma que os acordos bilaterais, como o MERCOSUL são incapazes de prover vantagens para todos os cidadãos, pois são centrados em fluxos financeiros e mercadorias, agrupados em algumas poucas elites financeiras, industriais e políticas transnacionais. A inobservância das demandas sociais e cotidianas como a facilitação do deslocamento dos sujeitos por territórios fronteiriços são obstáculos ao processo de integração regional, o que coloca em xeque os objetivos pelos quais o bloco econômico foi criado.

Os estudos de Benvenuto (2016) e Grimson (2002) evidenciam como a rigidez do controle é capaz de produzir uma multiplicidade de fronteiras simbólicas,

que muitas vezes “implica viver na fronteira sem viver a fronteira” (GRIMSON, 2002, p. 184). O viver, neste caso, não se refere apenas aos moradores de territórios fronteiriços, mas igualmente todos os que transitam por ela, como os turistas, que estão em condição desprivilegiada por desconhecerem as dinâmicas fronteiriças que os moradores, por vezes, podem estar habituados a presenciar fisicamente ou por relatos.

Portanto, é nestes espaços fronteiriços, de disputas, “privilegiado da observação sociológica e do conhecimento sobre os conflitos e dificuldades próprios da constituição do humano” (Martins, 2009, p. 10) que podemos encontrar dicotomias como separação *versus* integração, cooperação *versus* conflitos, livre passagem *versus* barreiras, dado os interesses e relações de poder de diversos atores no tempo e espaço. A maneira como os sujeitos sociais enxergam a realidade e relacionam-se com o “outro” reproduz o Estado em suas práticas cotidianas, como os policiais da alfândega argentina, que reterritorializam as relações sociais na TF ao manifestarem a austeridade que impera no Estado centralizador em suas práticas diárias.

Este fato ocorre na aduana argentina de *Puerto Iguazú*, divisa com a cidade brasileira de Foz do Iguaçu, em que moradores ou turistas ao se aproximarem da aduana argentina se deparam com filas para apresentação de documentação, seguido de cadastro. Os carros ou bagagens podem ser vistoriados e em caso de alguma irregularidade como documentação emitida com data superior a dez anos, crianças desacompanhadas dos pais sem autorização judicial, ausência de seguro internacional do veículo, podem ter que retornar ao Brasil.

Esta postura de maior controle de fluxos transfronteiriços pode ser entendida como um esforço disciplinador do Estado em barrar a entrada de pessoas mal intencionadas, como traficantes, contrabandistas ou terroristas, mas igualmente objetiva coibir maneiras aceitas socialmente por determinadas pessoas como legais e que caracterizam exatamente o oposto – o ilícito, como o contrabando de mercadorias.

Estes comportamentos sociais são mais perceptíveis em regiões de fronteira, devido ao fato de que muitas vezes as próprias comunidades são desprendidas da noção de limite, separação entre Estados, o que pode ocorrer, conforme afirma Cardin (2014) o choque entre as práticas tradicionais das comunidades fronteiriças e as regulamentações impostas pelos governos dos respectivos países limítrofes.

Pode acontecer o inverso igualmente, com fronteiras maleáveis, porosas, com maior fluidez e menor rigor na fiscalização, como é caso das aduanas brasileira e paraguaia entre Foz do Iguaçu e *CDE*, diferente da aduana argentina, praticamente blindada.

Vale pormenorizar as dinâmicas encontradas em cada uma das fronteiras para ilustrar estes fatos. A travessia para *CDE*, no Paraguai é prática mais comum pelos moradores e turistas que visitam este território fronteiriço, motivados em adquirir produtos como eletrônicos, perfumes, bebidas, brinquedos, etc, com preços mais atrativos do que no Brasil. A ida a *CDE* envolve diversas decisões como o horário de saída, pois quanto mais cedo, menor a movimentação de pessoas e maior facilidade de trânsito, seja a pé ou de veículo. A travessia dependerá desta escolha, pois a pé é mais rápido do que de carro ou ônibus, dependendo dos horários, devido às filas em cima da Ponte da Amizade. Ao sair do Brasil, independente da forma de travessia escolhida, a passagem na aduana brasileira e paraguaia é praticamente livre, sem nenhuma fiscalização, conforme a figura 2.

Figura 2 – Aduana da Ponte Internacional da Amizade



Fonte: Welter (2017).

O retorno a Foz do Iguaçu é o inverso. Desde 2006, ano em que foi reformada a PIA, aumentou o rigor na fiscalização nesta aduana. Foi alocado maior quantitativo de servidores para atuação no controle e repressão do tráfico de drogas e armas, além da abordagem para encaminhamento à Receita Federal para pagamento de impostos sobre mercadorias compradas no exterior. O turista ou morador ao aproximar-se da aduana vivencia a tensão se será abordado ou não pelos

servidores, que fazem a fiscalização por amostragem. A probabilidade de abordagem aumenta quando há operações com tempo determinado, que ocorrem a critério dos interesses estatais brasileiros, como grandes eventos como a Copa do Mundo de 2014 e as Olimpíadas 2016, em que várias forças nacionais se reuniram para garantir maior controle fronteiriço.

A travessia para *Puerto Iguazú* na Argentina possui motivações diferentes da travessia para *CDE* em que se baseia quase em plenitude no turismo de compras. *Puerto Iguazú* no passado atraiu pessoas interessadas em compras, principalmente de alimentos, roupas de couro e produtos industrializados não disponíveis no Brasil. Atualmente o turismo é o principal motivo que atrai moradores e turistas a se deslocarem para *Puerto Iguazú*, para visitar as belezas das Cataratas do Iguaçu, observar o pôr-do-sol na Avenida *Costanera*, jantar nos variados e icônicos restaurantes ou comer uma empanada na feirinha. Diferente da aduana brasileira e paraguaia descrita anteriormente, a aduana argentina em *Puerto Iguazú* possui características exatamente opostas, mais endurecida, burocrática e impermeável.

Em períodos de feriados ou férias prolongadas, aproveitar os atrativos ou a gastronomia de *Puerto Iguazú* pode requerer tempo e paciência, pois passar pela aduana argentina pode custar de duas a três horas, pois todas as pessoas devem apresentar documentação aos servidores argentinos, aguardar o cadastro de cada pessoa, tanto na entrada quanto na saída da Argentina. Este controle ocorre 24 horas por dia e em todos os dias do ano. Após o cadastro pode ser requerida a averiguação do porta-malas dos veículos e, se a viagem for de ônibus, as bagagens vistoriadas. Este trâmite reafirma a presença estatal na fronteira e demarca claramente o limite entre um país e outro.

Segundo Dreyfus (2007), *Puerto Iguazú* se preocupa e investe muito em segurança:

A cidade registra baixas taxas de criminalidade e conta com uma forte presença de organismos federais (Força Nacional, Polícia Federal, Prefeitura Naval Argentina e órgãos de inteligência). (DREYFUS, 2007, p.113, tradução nossa).

Já na aduana brasileira que liga Foz do Iguaçu e *Puerto Iguazú* a passagem é praticamente livre. Além da pouca sinalização e identificação (figura 3), a ausência de fiscalização e servidores dispostos para dar informações, contribui para um cenário de dúvida e incerteza sobre o controle. Os moradores locais e turistas param para fazer o processo migratório por conta própria quando viajam além de Foz do

Iguaçu. Alguns possuem conhecimento prévio sobre o processo migratório ou quando estão acompanhados de agências de turismo, são orientados a parar para preencher a documentação. Do contrário, ou passam diretamente sem apresentar documentação ou questionam como devem proceder.

Figura 3 – Aduana da Ponte Internacional da Fraternidade



Fonte: Welter (2017).

Estes quatro postos de passagem federais apresentam situações complexas e dissonantes que podem desconcertar as pessoas que por este território transitam, tanto no que concerne a contraditoriedade de uma aduana a menos de dois quilômetros de outra apresentar um aspecto estatal regulador diferente (*Puerto Iguazú* e Foz do Iguaçu), quanto em uma aduana em que a maior parte do tempo a passagem é livre, mas que a critério do Estado da noite para o dia é militarizada (*CDE* e Foz do Iguaçu) com grande ostensiva humana (diversos soldados) e material (com forte armamento como tanques de guerra).

Estas ambiguidades expressam algumas das faces que a fronteira pode configurar, menos perceptíveis cotidianamente do que uma linha física demarcada no solo em que impõe um limite, apresentando-se como uma fronteira material. Estas faces aqui evidenciadas se apresentam de forma metafórica, simbólica e imaterial e criam novas representações e territorialidades, quando se intercepta a entrada do “outro” em seu território, caracterizando uma fronteira rigorosa, impermeável e rígida ou quando há pouca ou nenhuma fiscalização, apresentando-

se como uma fronteira maleável, porosa e flexível, e que nos dois casos encerram além de uma dicotomia, um paradoxo.

### 3.2 A TRÍPLICE FRONTEIRA E O TURISMO

A TF está situada em um território singular que tem atraído grande interesse acadêmico e científico, sendo a mais populosa<sup>24</sup> e popular das nove trípticas fronteiras existentes no Brasil, além de seus diversos atributos naturais, de engenharia moderna, comércio internacional e multiculturalidade<sup>25</sup>.

Este conjunto de atributos contribui para a popularidade desta região fronteiriça, que desperta a atenção por sua histórica receptividade que recebeu diversos imigrantes, como os eurobrasileiros que chegaram no período da Marcha para o Oeste, imigrantes oriundos dos mais diversos estados brasileiros atraídos durante a construção da Usina de Itaipu, imigrantes que vieram de diversos países para trabalhar em CDE, além de turistas que vêm seduzidos pelos encantos naturais das Cataratas do Iguazu e demais atributos da TF, sendo um destino turístico consolidado, tendo recebido no ano de 2014 mais de 1,5 milhão de visitantes<sup>26</sup>.

Para contextualizar esta receptividade e explorar brevemente o histórico da TF e fazer apontamentos sobre a atividade turística, optou-se por citar alguns

---

<sup>24</sup> A tríptica fronteira integra uma população superior a 560 mil habitantes. Foz do Iguazu (BR) possui uma população de 256.088, segundo o Senso do IBGE de 2010, disponível em: <http://www.cidades.ibge.gov.br/>. CDE (Paraguai) possui 223.350 habitantes, segundo dados da *Dirección General de Estadística, Encuestas y Censos* (DGEEC) de 2010, disponível em: <http://www.dgeec.gov.py/> e *Puerto Iguazu* (Argentina) conta com uma população de 82.227 habitantes, segundo dados do INDEC – *Censo Nacional de Población, Hogares y Viviendas* de 2010, disponível em: <http://www.indec.gov.ar/>.

<sup>25</sup> O atributo natural são as Cataratas do Iguazu, localizadas dentro do Parque Nacional do Iguazu na divisa entre Foz do Iguazu e *Puerto Iguazú*, sendo instituída como Patrimônio Natural da Humanidade em 1986 pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). O atributo engenharia moderna refere-se à Usina Hidrelétrica de Itaipu, construída na divisa entre Foz do Iguazu e CDE a partir de 1975, considerada a maior hidrelétrica em produção de energia do mundo. O atributo centro de compras refere-se à CDE, tendo sido considerada um dos maiores centros de compras do mundo em movimentação de mercadorias. Por fim, a muticulturalidade refere-se à diversidade cultural presente na Tríptica Fronteira, como libaneses, chineses e sul-coreanos que possuem comércio em CDE, dentre migrantes oriundos dos mais diversos estados brasileiros que vieram para Foz do Iguazu para trabalhar na construção da Itaipu.

<sup>26</sup> Dados da demanda turística de Foz do Iguazu, realizado anualmente pela Secretaria Municipal de Turismo de Foz do Iguazu, disponível em: <http://www.pmfi.pr.gov.br/turismo>.

acontecimentos de maneira cronológica para evidenciar o pano de fundo desta fronteira *sui generis*.

Importante ressaltar, que dissertar sobre o histórico da fronteira implica compreender que nunca existiu uma fronteira fixa. As fronteiras são fluídas e continuamente moldadas devido às lutas de representação travadas pelos atores locais que nela convivem e transitam, seja do Estado-Nação ou entre os grupos sociais que a transformam, a ressignificam e a reterritorializam.

A TF é um exemplo dessas lutas e (re)territorializações que se iniciaram com os povos guaranis, que não será objeto deste estudo, tendo a afirmação do Estado-nacional no resguardo das fronteiras com a instituição das colônias militares em meados de 1880 até a nossa temporalidade atual. Neste sentido, são explorados nas seções a seguir as territorialidades criadas na TF a partir da instituição da Colônia Militar em Foz do Iguaçu até a construção da memória da cidade como “vacionada para o turismo”, com discussões pontuais sobre a atividade do turismo em Foz do Iguaçu neste recorte temporal.

### **3.2.1 Da Colônia Militar às primeiras correntes migratórias da Tríplice Fronteira**

Melià (2011) resalta que ocorreram três rupturas históricas no território paranaense. A primeira delas iniciou-se com os primeiros habitantes (indígenas) que tinham uma relação mais estreita com o território, pois viveram e sentiram o território. Após, este espaço foi ocupado parcialmente por colonizadores espanhóis, que ensinaram outro modo de viver, incorrendo em mudanças mais simbólicas do que físicas e a terceira, fruto da vontade estatal de ocupar vazios demográficos e povoar as fronteiras para salvaguardar a soberania nacional.

Dias e Castelano (2012) ressaltam que a formação socioespacial do oeste-sudoeste paranaense é resultado de decisões políticas nacionais efetivadas por meio de políticas públicas do Estado ou ações de interesse do capital privado, em especial as empresas colonizadoras.

O Estado envolveu-se diretamente na produção e reprodução socioespacial da TF, de acordo com os interesses de cada temporalidade, seja na concessão de terras para multinacionais para a exploração de riquezas naturais, seja na fundação

das colônias militares por motivos estratégicos, geopolíticos e de segurança de fronteiras.

Estes objetivos estatais ocorreram depois de um histórico descaso do Estado brasileiro com as suas fronteiras, segundo Cardin (2016). Após o êxodo dos guaranis reduzidos e a desocupação dos espanhóis das cidades, o território em que se localiza a TF se esvaziou e, por quase trezentos anos permaneceu desabitado até a instituição das colônias militares a partir de 1880, em uma tentativa de ocupação territorial frente ao estado de abandono das fronteiras brasileiras que estavam sendo exploradas por estrangeiros.

Em 1888 foi constituída a Colônia Militar de Foz do Iguaçu, que após expedição para reconhecimento do território pelos militares, se estabeleceu neste território fronteiriço. Em pouco tempo encontraram inúmeros portos clandestinos às margens do rio Paraná, que eram usados por argentinos e paraguaios para o embarque de erva-mate e madeira, em um processo de extrativismo desenfreado que consumia a madeira da selva brasileira.

Segundo Myskiw (2011) a população local sobrevivia da exploração da erva-mate e da madeira e a chegada da Colônia Militar representou um sentimento de preocupação relacionado à ruptura no cotidiano das pessoas que habitavam este território, devido às medidas proibitivas por parte dos militares sobre a exploração das florestas às margens dos rios Iguaçu e Paraná e que, por sua vez, transformou-se em intriga entre os moradores e os militares.

Os desafios enfrentados não foram apenas no período de fundação da Colônia Militar de Foz do Iguaçu. A vida era difícil e instável devido ao isolamento e a distância do núcleo urbano mais próximo (Guarapuava) que impedia a comunicação, transporte de suprimentos básicos, fragilidade diante das doenças e ferimentos causados por insetos, cobras e outros animais, condições de higiene pessoal e vida privada precárias, além da falta de recursos financeiros para pagamento de salários dos militares.

Outros conflitos também fizeram parte do cenário da instituição da Colônia Militar, como as disputas pela terra e pela floresta, conflitos entre militares e colonos com expulsões, falta de expedição de documentos das terras e não realização de demarcação dos terrenos. Estes fatos contribuíram para o abandono da atividade agrícola e pastoril pelos colonos, que passaram a trabalhar com ervateiros e madeireiros argentinos.

O isolamento de Foz do Iguaçu pela falta de ligação rodoviária com cidades urbanizadas próximas contribuiu para que a Colônia Militar crescesse a curtos passos, sempre na dependência dos negociantes argentinos. Segundo Lima (2010) quase toda a mercadoria consumida em Foz do Iguaçu era proveniente da Argentina, desde alimentos, bebidas, móveis, vestuário, etc. Não havia fiscalização nos portos onde os barcos atracavam e as mercadorias eram comercializadas livremente. A influência argentina era tão grande que a moeda utilizada neste território era o peso argentino e o idioma predominante era o espanhol.

Os moradores que tinham possibilidades de ir até o porto de *Posadas* (Argentina) podiam aproveitar para realizar compra de produtos variados, pois este porto, segundo Colodel (1988) era um ponto importante de passagem de todo o comércio que se desenvolvia no Alto Paraná, com ruas movimentadas em que transitavam trabalhadores que buscavam entretenimento nos bares ou prostíbulos, mas também turistas, que naquela época procuraram hotéis motivados em conhecer as Cataratas do Iguaçu.

Este período foi de grandes dificuldades, principalmente em relação à obtenção de produtos básicos para a sobrevivência. Os sacrifícios conduziram à adaptação às dinâmicas locais, que colocou em xeque o projeto colonizatório. A terra em vez de ser cultivada, passou a ser objeto de especulação comercial de alguns militares que as redistribuíram a outros colonos ou empresários em troca de favores, sendo esta, segundo Myskiw (2011), uma das motivações da extinção da Colônia Militar.

Para Cardin (2016) as colônias militares fracassaram devido à dificuldade de acesso e manutenção da população nas colônias, mas igualmente devido ao não cumprimento dos objetivos para os quais elas foram criadas. Em outras palavras, os agentes locais para sobreviverem, adaptaram-se aos costumes locais, associando-se a práticas que deveriam combater e eliminar.

Estes fatos demonstram que mesmo quando ocorre um projeto oriundo do Estado centralizador, as dinâmicas fronteiriças se desenvolvem de maneira distinta, com base na realidade fronteiriça local, em que os sujeitos criam novas formas de viver e reterritorializam o espaço.

No mesmo período da instituição da Colônia Militar em Foz do Iguaçu houve a criação de leis que permitiram a venda de terras devolutas às empresas colonizadoras para ocupação do território oeste-paranaense.

Jorge Schimmelpfeng, pioneiro e primeiro prefeito de Foz do Iguaçu é considerado um dos percussores do turismo na cidade, tendo construído um dos primeiros hotéis para abrigar os turistas que vinham conhecer as Cataratas do Iguaçu, tendo sido uma das pessoas que mais se beneficiaram com a lei de terras devolutas. Boa parte dos bens e fortuna adquirida por este “pioneiro” é resultado, segundo Myskiw (2016) à intermediação na compra de uma vasta área de terras devolutas junto ao governo do Estado do Paraná em nome de um grupo de capitalistas ingleses, chamada *Compañia de Maderas del Alto Paraná S/A.*, que passou a funcionar em 1907. Fazenda Britânia foi o nome dado às terras pertencentes aos ingleses, administrada por Jorge Schimmelpfeng por algum tempo.

Apesar do benefício desta intermediação e conseqüente fortuna adquirida, Ottília Schimmelpfeng (2002) descreve em suas memórias<sup>27</sup>, as dificuldades do desenvolvimento do turismo em Foz do Iguaçu no início do século XX, período em que “pioneiros” como seu pai Jorge Schimmelpfeng, passaram a somar esforços para que as Cataratas do Iguaçu pudessem ser descobertas pelo mundo. O acesso para chegar a Foz do Iguaçu pelo lado brasileiro foi um dos principais desafios, devido à falta de comunicação rodoviária, com um único acesso disponível, por via fluvial pela Argentina.

Foi no ano de 1915, que veio despontar a atividade turística em Foz do Iguaçu. Quando, então, se instalou o *Hotel Brasil*, de propriedade de Frederico Engel, com filial no local das quedas. Eram pequenos estabelecimentos em condições precárias, porém, atendiam o seu objetivo: acolher o visitante e conduzi-lo às Cataratas. Nesta ocasião foi aberta a primeira estrada de acesso, que partia da antiga estrada de Guarapuava, um pouco além da ponte do rio Tamanduazinho, dando trânsito a veículos de tração animal. Adotavam carruagem rústica, tipo *faeton*, que fazia o percurso em seis horas. Ali o turista encontrava hospedaria simples, mas agradável e acolhedora, onde permanecia o tempo indispensável para a excursão às quedas, as quais se atingiam por estreitos caminhos, ora em terreno plano, ora em perigoso declive, na barranca do rio. (SCHIMMELPFENG, 2002, p. 23).

A Argentina, por outro lado, possuía estrutura mais favorável, devido a melhores acessos, além de ter construído um grande meio de hospedagem, o Hotel das Cataratas com alto padrão e conforto para os turistas. Porém, era inevitável a visita dos turistas do lado brasileiro para apreciar a beleza das cataratas, que representava grande parte da demanda de turistas até o final da década de 1930.

---

<sup>27</sup> Sobre as memórias de Foz do Iguaçu, ver discussão sobre a construção da memória de cidade vocacionada para o turismo a partir do subitem 3.2.3.

Estas foram as circunstâncias que fizeram Foz do Iguaçu voltar a face para o horizonte da Argentina, onde lhe deparava melhor perspectiva de sobrevivência. Assim, por muito tempo, conservando a sua dignidade nacional, Foz do Iguaçu viveu sob a dependência do mercado argentino. (SCHIMMELPFENG, 2002, p. 46).

A partir da década de 1930 muitos esforços foram feitos, dentre eles a construção do Campo de Aviação de Foz do Iguaçu, tendo recebido o primeiro voo em 1935. Em 1938 a companhia aérea *Pan American* criou uma linha internacional Rio-Assunção-Buenos Aires em um trecho de ida e volta com pouso em Foz do Iguaçu semanalmente, que possibilitou visitas de celebridades internacionais como Henry Fonda e Walt Disney. Esta mesma empresa aérea apostou no turismo de Foz do Iguaçu e inaugurou a linha São Paulo-Assunção com escala em Curitiba e Foz do Iguaçu, responsável pelo aumento da demanda de turistas na cidade neste período. (SCHIMMELPFENG, 2002).

Outro marco do final da década de 1930 foi a criação do Parque Nacional do Iguaçu do lado brasileiro em 1939, cinco anos mais tarde que o Parque Nacional de Iguazú, do lado argentino (criado em 1934). A fundação dos dois parques não serviu apenas a ideais conservacionistas, mas principalmente como estratégia geopolítica de demarcação de fronteiras nacionais, uma vez que estes parques estão localizados na fronteira entre o Brasil e a Argentina.

No final dos anos de 1930 e início da década de 1940 inaugura-se uma nova etapa da política de ocupação dos vazios demográficos para salvaguardar as fronteiras e contribuir para o 'progresso' da nação.

Um dos fatores que contribuiu para o projeto de ocupação era o extrativismo desenfreado de produtos nativos e a ocupação do território brasileiro por diversos estrangeiros. Segundo relatos de José Maria de Brito (2005) havia 324 pessoas de diferentes nacionalidades morando neste território, sendo apenas 9 brasileiros, 95 argentinos, 212 paraguaios, 5 franceses, 2 espanhóis e 1 inglês.

De acordo com Gregory (2002) a base da economia neste período era a exploração de produtos de madeira e exportação e erva-mate por meio de organizações extrativistas:

Estas empresas eram denominadas de **obrages**, que contratavam trabalhadores da região. **Mensus**, trabalhadores paraguaios, os chamados guaranis modernos, era a designação dada aos indivíduos que se propunham a trabalhar braçalmente numa **obrage**. (GREGORY, 2002, p. 89).

Ademais da ocupação física pelas colonizadoras, segundo este autor o presidente Getúlio Vargas, para garantir a reterritorialização das áreas de fronteiras, assinou em 1930 o decreto nº 19.842 que exigia que as empresas colonizadoras<sup>28</sup> tivessem em seus quadros de funcionários dois terços de brasileiros, o que impôs obstáculos para a admissão e permanência de estrangeiros em terras brasileiras. Em Foz do Iguaçu os reflexos foram notórios, uma vez que neste período, havia majoritariamente argentinos e paraguaios.

Nesta época, foi muito pequena a presença de brasileiros, sendo um período de intensa presença estrangeira e de companhias de exploração de erva-mate e de madeira. [...] A partir de 1930, começou a ocupação da região por população brasileira, estabelecendo-se vínculos com o mercado nacional e com o mercado internacional da agroindústria e do **agrobusiness**. (GREGORY, 2002, p. 89).

Segundo Gregory (2002) o oeste do Paraná permaneceu até recentemente à margem da economia e da sociedade brasileira, tendo recebido atenção apenas quando a integração territorial sofria ameaças, sendo uma das primeiras etapas do plano estatal de ocupação das fronteiras brasileiras a instituição das colônias militares, seguido da ocupação por famílias precedentes dos Campos Gerais na década de 1930 e, a partir do final da década de 1940 ocorre a Marcha para o Oeste. Este último projeto consistiu em uma forte corrente de imigração, que dentre várias políticas, selecionou agricultores com melhor adaptação – o elemento eurobrasileiro - descendentes de alemães e italianos acostumados às tarefas do campo em pequenas propriedades nos estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul para a imigração para o oeste-paranaense.

Esta imigração proporcionou o desenvolvimento da indústria de base, principalmente a alimentícia com desdobramentos positivos como a urbanização e maior consumo, que por sua vez, desencadeou a expansão das fronteiras agrícolas.

Saquet (2015) evidencia a territorialização e reterritorialização ocorrida não somente no Sudoeste, mas no oeste do Paraná igualmente:

---

<sup>28</sup> As empresas colonizadoras que ocuparam o oeste do Paraná possuíam fazendas de extração de erva-mate, madeira e outros produtos característicos desta região. Eram em grande parte estrangeiras e atuavam em toda a região platina.

[...] podemos afirmar que a apropriação e construção do território geram identidades e heterogeneidades e que, estas, concomitantemente, geram os territórios, como ocorreu no movimento de colonização efetiva do Sudoeste do Paraná e de outros recortes do Brasil, a partir dos anos 1940, por *gaúchos* e catarinenses descendentes de europeus, que produziram identidades, ritmos, diferenças, territórios. Na reterritorialização, reproduzem traços comuns e heterogeneidades que, ao mesmo tempo, estão na base da apropriação e produção de *novos* territórios. (SAQUET, 2015, p. 84).

Em outras palavras, este processo caracterizou a reconfiguração dos espaços e das fronteiras, principalmente as simbólicas, uma nova forma de olhar o espaço, as vivências partilhadas por pessoas que fizeram destas terras seu novo lar, criando novas territorialidades.

### 3.2.2 A aproximação do Brasil ao Paraguai: uma nova territorialização

No plano das relações internacionais após a Segunda Guerra Mundial, o Brasil iniciou uma aproximação do Paraguai em uma tentativa de consolidar sua hegemonia na América do Sul, segundo Chedid (2010). Esta aproximação causou conflito com a Argentina devido à dependência de longa data do Paraguai do porto da capital portenha, Buenos Aires. Dentre as ações, a referida autora destaca a utilização de Missão Cultural (1950-1970) que consistia em organizar e desenvolver programas educacionais e cursos de português, que em pouco tempo alcançou objetivos maiores, como a desmistificação do Brasil como vilão<sup>29</sup>, por meio da disseminação da cultura brasileira de maneira silenciosa e dissimulada em solo paraguaio.

Albuquerque (2011) reverbera a questão da influência cultural em solo paraguaio, devido a concentração de colônias de brasileiros que foram morar no Paraguai no período que compreendeu as décadas de 1950 e 1970, a chamada *Marcha del Este* que teve o objetivo de ocupar os 'vazios demográficos'. Os brasileiros influenciaram a cultura daquele país por meio do idioma, das músicas,

---

<sup>29</sup>Esta imagem no Brasil se deve à Guerra da Tríplice Aliança, que ocorreu entre 1864 e 1870 em que Brasil, Argentina e Uruguai uniram forças e massacraram o Paraguai, dizimando grande parte da população, além da perda de praticamente 40% do território para o Brasil e a Argentina.

programas de televisão, danças, tradições e da religião, além do envolvimento político ao elegerem vereadores e prefeitos brasiguaios.

Outra ação citada por Chedid (*ibid*) e de importância substancial para a aproximação bilateral entre Brasil e Paraguai diz respeito a um projeto de infraestrutura foi a construção da Ponte Internacional da Amizade em 1964, no governo de Juscelino Kubistchek, que passou a interligar a cidade de *Puerto Presidente Stroessner* (atualmente *CDE*) e Foz do Iguaçu, e que possibilitou o acesso dos produtos paraguaios ao oceano Atlântico pelos portos brasileiros.

A construção desta ponte internacional favoreceu igualmente o comércio do Brasil para o Paraguai com a criação do centro comercial em *CDE* que atraiu sujeitos de diversas nacionalidades, que viram nesta cidade uma oportunidade de construção de uma nova vida, longe dos problemas políticos de seus países de origem. Segundo Paro (2016) os árabes chegaram na TF por volta das décadas de 1940 e 1950 após crises financeiras, motivações políticas e guerras, mas seguiram migrando para este território fronteiriço nas décadas seguintes, principalmente pelo sucesso do centro de compras em *CDE*. Estes imigrantes possuem grande representatividade em Foz do Iguaçu, tendo a maior colônia árabe do Brasil, com aproximadamente de 15 mil imigrantes e descendentes, perdendo apenas para São Paulo, além de terem contribuído com legados culturais, com a construção de duas mesquitas, uma sunita e uma xiita (*Olmar Ibn Al-Khattab*), sendo esta última um importante atrativo turístico em Foz do Iguaçu.

Os chineses, segundo esta autora, começaram a chegar na TF no final da década de 1960, após a crise econômica que assolava a China neste período. Assim como os árabes, foram responsáveis pela contribuição de um legado cultural e de solidariedade com a criação de 32 associações em *CDE*, restaurantes, um hospital e um Templo Budista, assim como a mesquita xiita, é um dos principais atrativos de Foz do Iguaçu.

Para Chedid (2010) as ações de aproximação do Brasil com o Paraguai tiveram o claro objetivo de afastar a influência de outros países do Paraguai, tanto pela via cultural, pois os paraguaios passaram a criar uma nova imagem do Brasil ao conhecer nosso idioma, nossas músicas, nossa literatura e arte, quanto pela via econômica, uma vez que o Brasil estava em franco desenvolvimento industrial em sua estrutura de base. Assinala ainda que a consolidação dessa relação bilateral ocorreu devido à "figura do presidente Alfredo Stroessner, que desde que assumiu o

poder em 1954, manteve relações estreitas com o Brasil, sendo até mesmo adjetivado como um presidente “brasileirista””. (CHEDID, 2010, p. 142).

Na década de 1970, precisamente em 1973, iniciou-se mais um projeto que veio a consolidar a aproximação entre o Brasil e o Paraguai. Tratava-se de um projeto faraônico e binacional, ‘que orgulharia brasileiros e paraguaios’ – a Usina Hidrelétrica de Itaipu, fruto do desenvolvimentismo empenhado nos governos militares no Brasil nas décadas de 1960 e 1970 e ao presidente paraguaio aliado, já citado, Alfredo Stroessner, e que foi mais um marco de criação de novas territorialidades na TF.

O local de construção da Usina, no caudaloso Rio Paraná, foi considerado estratégico. Nos discursos guiados nas visitas turísticas, que possuem o objetivo de transmitir uma imagem institucional positiva da Itaipu são transmitidas informações que afirmam que o local escolhido para a construção de Itaipu se deve ao maior aproveitamento hidrelétrico, com uma precipitação de 120 metros de queda do ponto superior (montante) onde a usina foi construída ao ponto localizado das turbinas (jusante), valendo-se desta maneira da maior queda de água para produção de energia elétrica, não disponível em outro ponto do Rio Paraná, por exemplo, entre o Brasil e a Argentina.

Este aproveitamento hidrelétrico colocou Itaipu no patamar de maior produtora de “energia renovável do planeta, quando finalizada em 1991 com toda sua capacidade energética instalada” (ITAIPU, 2015), além de ter sido reconhecida como uma das Sete Maravilhas do Mundo Moderno<sup>30</sup>.

Aparecida Darc de Souza (2009) atribui ao acordo firmado entre Brasil e Paraguai para a construção de Itaipu a postura defensiva da Argentina desde a década de 1950 e posterior endurecimento da fiscalização na fronteira com o Brasil (a partir da década de 1970). Esta conclusão se deve aos relatos de entrevistados que colaboraram com sua pesquisa de doutoramento quando narraram sobre a desistência de atravessar a fronteira para comprar produtos na Argentina para consumo próprio ou para revenda, face à rigorosa fiscalização imposta pela Argentina. Este fato representa a criação de uma nova territorialização na TF, uma

---

<sup>30</sup> Considerada em 1996 como uma das Sete Maravilhas do Mundo Moderno pela Sociedade Americana de Engenheiros Civis, devido ao seu posto de segunda maior usina hidrelétrica do mundo em tamanho e primeira em geração de energia.

vez que as dinâmicas fronteiriças mudaram com o aumento do controle argentino, pois muitas pessoas deixaram de ir ao país vizinho. Porém, este fato é de pouco conhecimento. São mais evidentes os processos que envolveram muitas pessoas, como as mudanças ocasionadas pela vinda de diversos imigrantes para trabalhar na construção da Itaipu.

Passaram por Itaipu mais de 40 mil trabalhadores, que somaram novos costumes, sotaques e experiências, contribuindo para a modificação do espaço físico e social de Foz do Iguaçu. A cidade de Foz do Iguaçu, outrora pacata com menos de 30 mil habitantes, após o final da construção de Itaipu teve um salto populacional gigantesco, ultrapassando a marca de 300 mil habitantes.

Segundo Eder Souza (1998) o Plano Diretor Integrado (PDI) de 1974 de Foz do Iguaçu foi formatado para que os problemas futuros produzidos pela construção da Itaipu fossem contornados. No entanto, o poder público não conseguiu aplicar de forma rigorosa e efetiva o planejado e Foz do Iguaçu apresentou após o término da construção de Itaipu grande déficit de moradias, altos índices de desemprego e consequentemente altas taxas de violência e criminalidade.

Catta (1992) ressalta que este período foi marcado por uma grande desigualdade social, como nunca antes havia sido registrado. Segundo Catta:

[...] até 1973, quando da instalação do projeto Itaipu, havia uma menor discrepância entre as classes sociais da cidade e um maior intercâmbio entre elas, provavelmente em função do isolamento em que se encontrava Foz do Iguaçu, e devido ao processo de conquista e ocupação daquela região, que trouxe em seu bojo culturas distintas que ali foram se plasmar, caracterizando assim, a economia local. (CATTÁ, 1992, p.16).

As interferências sociais, culturais e econômicas foram exponenciais devido ao aumento da população. Paro (2016) ressalta as interferências no meio social e urbano ocorrido com a construção da Usina de Itaipu:

Para atender à demanda da gigante de energia, uma outra cidade precisou ser erguida. O metro quadrado no município passou a ser cotado em “peso de ouro”, e o aluguel atingiu preços estratosféricos. O mercado imobiliário em alta empurrou para a periferia quem não tinha dinheiro. (PARO, 2016, p. 78).

Um aspecto relevante que vale ressaltar sobre a construção das usinas neste período marcado pelo desenvolvimentismo militar era a habitual migração dos barrageiros de cidade em cidade acompanhando as obras. Porém, Itaipu apresentou

características peculiares, pois foi a maior hidrelétrica construída, demandou um tempo maior de construção e foi a última usina construída no Brasil neste período. Estes fatores contribuíram para que a população que deveria ser flutuante se tornasse fixa. Desta forma, grande parte dos barrageiros criaram laços com a cidade, casaram-se, tiveram filhos e permaneceram em Foz do Iguaçu.

O salto populacional citado poderia ter refletido inúmeros aspectos positivos, não fosse a falta de efetividade de aplicação do Plano Diretor para abranger serviços básicos de assistência médica, políticas públicas de inclusão, habitação, etc, que não ocorram em sua plenitude. O planejamento urbano se deu apenas com construção das vilas habitacionais “A”, “B” e “C”, que atendeu apenas a demanda de Itaipu, alocando os empregados de acordo com sua capacitação, o que demonstrou um projeto de segregação social.

Do ponto de vista de infraestrutura pública, a Usina de Itaipu construiu avenidas, estradas e alargou pontes no trajeto de transporte de peças de grande porte para instalação das turbinas. Não foram colocados em prática projetos ou parcerias para mitigar as interferências sociais com a dispensa de milhares de trabalhadores após o término da construção desta megaobra. Catta (1992) resume de maneira explícita estas implicações sociais:

[...] significou entre outras coisas, o início de uma sistemática destruição de todo um acervo cultural criado, conquistado por seus antigos moradores; a atração de milhares de trabalhadores de diversos lugares e que deixou, em seu estertor, um contingente imenso de desempregados ou sub-empregados [...] e que passaram a buscar alternativas de trabalho na cidade. (CATTA, 1992, p. 5).

Para Eder Souza (2012, p. 21) a construção da Itaipu causou importantes interferências na região extremo oeste. Foz do Iguaçu passou por um grande aumento populacional, além da formação do Lago de Itaipu que “não modificou apenas a estrutura territorial, mas também as relações no território”.

[...] a construção de Itaipu, culminou numa reterritorialização do espaço, ou seja, numa mudança na estrutura social existente, fazendo com que a sociedade se adaptasse ao impacto do alagamento, no sentido de superá-lo, bem como criasse novas formas de produção econômica, como a atividade turística. (SOUZA, 2012, p. 22).

Esta realidade social somada à oportunidade de trabalho informal a apenas alguns metros – o ‘cruzar’ de uma ponte, criou oportunidade de recolocação e

geração de renda para estes e outros desempregados que enxergaram uma nova forma de subsistência e ‘trabalho’<sup>31</sup>.

Na obra *Foz do Iguaçu: do descaminho aos novos caminhos* (2016) a jornalista Denise Paro ressalta o relato de um trabalhador que ficou desempregado após o término da construção da Itaipu Binacional e passou a viver do trabalho informal de CDE:

Passados quatro anos de trabalho na binacional, Vidal ficou sem emprego e foi para o interior de São Paulo erguer outras barragens. Porém, com vínculos em Foz do Iguaçu, onde tinha família, e sem conseguir trabalho em outras pelo país, resolveu voltar. Por um período, atuou na condição de pintor. Contudo a crise econômica brasileira no fim da década de 1990 paralisou a construção civil na cidade, e só restou a ele uma alternativa para sobreviver: ser “laranja”. (PARO, 2016, p. 73).

O turismo passa a se confundir ou se fundir com o contrabando e o descaminho, inclusive é atribuída à esta atividade o segmento “turismo de compras”, pois neste período Foz do Iguaçu não só apresentava grande potencial turístico devido ao seu inigualável atrativo - as Cataratas do Iguaçu que já recebia uma média anual de mais de 700 mil visitantes, como possuía grande infraestrutura hoteleira, vindo a tornar-se o terceiro maior parque hoteleiro do Brasil, com uma oferta de mais de 21 mil leitos disponíveis registrados em 1991, sem contabilizar meios de hospedagens não cadastrados.

Catta (1992) comenta que possuíam meios de hospedagens como hospedarias e casas de famílias que reservavam quartos para pernoite dos chamados “sacoleiros” ou “muambeiros” que não eram cadastrados juntos aos órgãos municipais, que posteriormente foram regularizados como hotéis ou pousadas.

O turismo em Itaipu igualmente chamava a atenção dos visitantes devido à imponência de uma importante obra da engenharia moderna que atraía milhares de visitantes devido aos esforços internos do departamento de Relações Públicas para mostrar ao Brasil e ao mundo à ascensão do Brasil como potência mundial.

---

<sup>31</sup> Sobre a classificação de contrabando e descaminho como um trabalho pelos “muambeiros” e laranjas, consultar Araguri (2015).

A partir de 2006, a Usina de Itaipu, ao observar esta crescente demanda turística, tendo recebido em 2005 mais de 670 mil visitantes<sup>32</sup> nos dois centros de recepção de visitantes (um localizado na margem brasileira e outra na margem paraguaia da Usina), lançou o produto turístico Circuito Turístico Especial, que consiste em uma visita guiada em pontos externos e internos da barragem. Um ano mais tarde, entrou em cena o CTI do lado brasileiro, administrado pela Fundação Parque Tecnológico e Itaipu<sup>33</sup> que passou a oferecer os produtos turísticos já ofertados gratuitamente pela Itaipu Binacional, agora pagos, que podem ser visualizados no quadro 2.

Quadro 2 – Atrativos do Complexo Turístico de Itaipu

Atrativo	Descrição	Atrações
Visita Panorâmica	Filme Institucional sobre a construção da Usina e projetos sociais e ambientais. Visita guiada por monitores trilíngues.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Parque da Piracema;</li> <li>- Mirante Vertedouro;</li> <li>- Mirante Central;</li> <li>- Barragem Principal;</li> <li>- Cota 225 - Topo da Barragem;</li> <li>- Barragem de Enrocamento;</li> </ul>
Ecomuseu de Itaipu	Museu que recria a formação histórica da cidade de Foz do Iguaçu e da construção da Usina.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Maquete que representa a bacia do Paraná;</li> <li>- Exposições Itinerantes;</li> <li>- Réplica do eixo da turbina de Itaipu;</li> <li>- Caminhão gigante usado durante a construção da hidrelétrica;</li> </ul>
Refúgio Biológico Bela Vista	Passeio em Unidade de proteção criada para preservar a fauna e flora da região.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Recintos com animais em extinção que não conseguem mais se adaptar ao ambiente selvagem;</li> <li>- Projetos ambientais como o cultivo de plantas nativas da região.</li> </ul>
Iluminação da Barragem	Passeio noturno com saída no Centro de Recepção de Visitantes da Itaipu até um Mirante Central	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Exibição de filme institucional;</li> <li>- Show de luzes e sons onde a</li> </ul>

<sup>32</sup> A Itaipu divulga estatísticas de visitantes desde 1977. Mais em: <https://www.itaipu.gov.br/turismo/estatisticas>. Acesso em 02 dez. 2017.

<sup>33</sup> O PTI é um parque tecnológico com incubadoras empresariais, instituições de ensino e pesquisa, entidades governamentais que objetiva formação de competências, da qualificação técnica e do fortalecimento de atividades produtivas. Ver mais em: <<http://www.pti.org.br/pti>>

Atrativo	Descrição	Atrações
	onde os turistas são recepcionados por cerimonialistas.	barragem principal e vertedouro são iluminados. - Passeio panorâmico pela Barragem principal;
Polo Astronômico	Reúne planetário, observatório e plataforma de observações a olho nu.	- Planetário; - Observatório;
Kattamaram	Passeio pelo Lago de Itaipu, formado após o represamento do Rio Paraná com a construção da hidrelétrica a bordo de embarcação com capacidade para 200 pessoas.	- Contemplação do Lago de Itaipu e pôr do sol.
Visita Panorâmica – teste <i>drive</i> em carro elétrico	Percurso da Visita Panorâmica em veículo elétrico silencioso e não poluente.	- Parque da Piracema; - Mirante Vertedouro; - Mirante Central; - Barragem Principal; - Cota 225 - Topo da Barragem; - Barragem de Enrocamento;

Fonte: Elaborado pela autora, baseado em [www.turismoitaipu.com.br](http://www.turismoitaipu.com.br) (2017).

É inegável que, com um leque invejável de produtos turísticos oferecidos pelo CTI, assim como a inigualável beleza natural das Cataratas do Iguazu e seus diversos produtos turísticos, tanto do lado argentino, quanto do lado brasileiro, este último, com atrativos ligados ao ecoturismo e turismo de aventura<sup>34</sup>, contribuíram para que as Cataratas do Iguazu fossem eleitas uma das Sete Maravilhas da Natureza<sup>35</sup>. Além desses dois atrativos mais midiáticos e visitados, a TF conforma muitos outros, como o Marco das Três Fronteiras<sup>36</sup>, Templo Budista, Mesquita Muçulmana, Parque das Aves, Zoológico Bosque Guarani, dentre outros<sup>37</sup>.

<sup>34</sup> Trilha das bananeiras, Trilha do Poço Preto, Passeios de barco bimotor, Rapel, Escalada, voo de helicóptero. Mais em: <http://www.cataratasdoiguacu.com.br/atrativos-do-parque/>

<sup>35</sup> Instituída como Sítio do Patrimônio Mundial Natural pela UNESCO, no ano de 1986 devido à sua expressiva variabilidade biológica somada à paisagem singular de rara beleza cênica das Cataratas do Iguazu e vencedora de um concurso internacional que elegeu maravilhas naturais de todo o mundo. (<http://www.cataratasdoiguacu.com.br/>).

<sup>36</sup> O Marco das Três Fronteiras do lado brasileiro foi reinaugurado em 2016, ponto de observação dos países Brasil, Paraguai e Argentina. Possui obelisco, vila enográfica das reduções jesuíticas,

Vale ressaltar que a expressividade de número de visitantes recebidos em Foz do Iguaçu não se devia apenas pelas Cataratas do Iguaçu e pela Usina de Itaipu, mas igualmente pelos produtos encontrados em *CDE*, no Paraguai, que se tornou um centro de compras que passou a oferecer mercadorias importadas a preços muito abaixo do mercado brasileiro, o que criou oportunidade de compra e revenda em outras cidades do Brasil e, por sua vez, originou o ser “comprista”, “sacoleiro”, “laranja”, “muambeiro”<sup>38</sup> e outras definições desta profissão informal.

Em relação à *Puerto Iguazú*, neste período, apresentava uma economia aquecida, devido à oferta de produtos de couro, peles, laticínios, bebidas, azeitonas, etc, procurados principalmente por turistas brasileiros que visitavam Foz do Iguaçu e por moradores da região. Todavia, conforme afirma Catta (1992) a partir da década de 1990 houve a reestruturação econômica argentina em que a moeda tornou-se dolarizada, deixando de tornar estes produtos atrativos, enfraquecendo a economia da cidade e de todo o país e a alternativa foi a aposta no turismo para sobrevivência da economia.

Esta aposta partiu das três cidades da TF, face aos números positivos do setor, que atraía cada vez mais visitantes, possibilitado pela implantação de diversas obras de infraestrutura como a Ponte Internacional da Amizade em 1960, construção da rodovia BR-277 em 1969, a criação do Parque Nacional do Iguaçu em 1939, a construção do aeroporto internacional em 1972, que por sua vez, ligaram Foz do Iguaçu com o Brasil e o mundo, superando as dificuldades do passado, em que o acesso era difícil e demorado.

Além da infraestrutura urbana, a infraestrutura turística aumentou ou recebeu melhorias devido à criação e reestruturação de atrativos turísticos. Do ponto de vista mercadológico, ressaltam-se os esforços de comercialização da imagem da TF

---

memorial, parque infantil, restaurante, loja de *souvenirs*. Do lado argentino também há um ponto de observação com obelisco. Do lado paraguaio há um marco, porém em formato retangular.

37 Ver mais em:  
<http://www.pmf.pr.gov.br/turismo/?jsessionid=6462ff49f31ea8219120127be1e9?idMenu=723>

<sup>38</sup> “Muambeiro”, “Comprista”, “Sacoleiro”- revendedor de produtos originários do Paraguai em diversas cidades do Brasil. Levavam mercadorias de *CDE* até seu destino. “Laranja” – pessoa contratada para cruzar mercadorias de *CDE* até Foz do Iguaçu ou cidades próximas e em algumas situações até o trecho de destino, onde as mercadorias seriam revendidas.

como território multicultural, devido à presença de sujeitos de diferentes grupos étnicos, que podem ser observados no cotidiano da cidade de Foz do Iguaçu e contribuiu para a criação do conceito de cidade cosmopolita. Catta (1992) apresentou este olhar em suas vivências nesta fronteira:

Intrigava-me a heterogeneidade reinante naquelas plagas, representada por brasileiros de diversas origens, paraguaios, guaranis e argentinos, que formavam um imenso "caldeirão", numa interação constante onde afluíam e interagiam-se interesses, objetivos, condutas, remanescentes de uma cultura moldada pelo capitalismo ao longo dos últimos cinco séculos. (CATTÁ, 1992, p.3).

Neste sentido, ressalta-se que até mesmo o olhar mais apurado para a observação de relações sociais pode considerar a TF um prato cheio para os estudos sociológicos, que podem revelar como as fronteiras se constroem, se moldam e se diluem, dentre elas, como a imagem da fronteira pode mudar no tempo, de acordo com pressões externas e decisões estatais, podendo ser criminalizada, tema do próximo subitem.

### **3.2.3 A criminalização da Tríplice Fronteira e a “ vocação turística” de Foz do Iguaçu**

Um marco relevante na temporalidade e que significou importante ressignificação social na TF foi a consequência da ‘guerra ao terrorismo’ após o atentado de 11 de Setembro de 2001 nos EUA. Todavia, este processo possui raízes uma década antes do atentado terrorista que promoveu transformações socioespaciais não somente na TF, mas em todo o mundo.

Segundo Amaral (2008) a TF foi pauta da agenda internacional dos Estados Unidos desde 1992, ano em que ocorreu um atentado contra a Embaixada de Israel em *Buenos Aires* e que vitimou 29 pessoas. Em 1994 ocorreu outro atentado na Argentina, em que um carro-bomba se chocou contra a *Asociación de Mutuales Israelitas Argentinas* (AMIA), responsável pela morte de 85 pessoas e 300 feridos.

Estes fatos contribuíram para a hipótese de órgãos de segurança americanos de que terroristas estivessem presentes na TF ou sendo financiados por moradores deste território fronteiriço. Esta suspeita ocorreu devido ao fato que desde o final da década de 1960 Foz do Iguaçu e CDE receberam um grande quantitativo de

imigrantes origem árabe<sup>39</sup> que se estabeleceram na TF devido às possibilidades de negócios no comércio de *CDE*.

A atenção direcionada a este território contribuiu até mesmo para rebatizá-la, segundo Amaral (2008):

[...] o próprio conceito de Tríplíce Fronteira – enquanto uma entidade independente que transcende as partes que a compõem, mas sem negá-las – nasce intimamente relacionado a questões de segurança, mais especificamente ao terrorismo e outras dinâmicas de caráter inter- e transnacional. (AMARAL, 2008, p. 17).

Após o atentado às torres gêmeas e ao Pentágono nos EUA em 11 de setembro de 2001, o controle na TF aumentou ainda mais. Segundo Amaral (2008) o governo argentino rapidamente aumentou o controle e monitoramento em *Puerto Iguazú* e em seu entorno. O Paraguai anunciou a suspensão temporária de emissão de vistos de permanência para estrangeiros no país e o Brasil mobilizou a Agência Brasileira de Inteligência (ABIN) à TF e aumentou o controle nos aeroportos.

Este contexto de tensão, segundo este mesmo autor promoveu uma intensa tentativa de securitização da TF por órgãos de segurança norte-americanos com medida de tolerância zero, apelando para que os líderes dos governos latino-americanos adotassem os interesses da guerra ao terror como se fossem seus.

Este cenário provocou significativas mudanças nas dinâmicas fronteiriças na TF. O Paraguai e o Brasil evitaram discursos de acusação, preocupados com as interferências econômicas da imagem negativa devido ao terrorismo na TF, mas a Argentina posicionou-se a favor da securitização norte-americana, traumatizada pelos atentados de 1992 e 1994.

A partir disso, a mídia teve crucial responsabilidade na construção do imaginário do conflito ao disseminar o medo, que em conjunto com a tomada da responsabilidade do Estado brasileiro em securitizar a fronteira por meio das operações de controle, propiciou a disciplinarização da fronteira e

---

<sup>39</sup>A comunidade de descendência árabe da TF é a segunda mais expressiva da América do Sul, perdendo apenas para São Paulo. Estima-se que extra oficialmente que cerca de 18.000 pessoas morem na TF, dentre libaneses (90%), além de sírios, egípcios, palestinos e jordanianos. Ver mais em Montenegro e Béliveau (2006).

consequentemente das relações sociais fronteiriças, além da construção da TF como um lugar tenso.

Pereira (2014) ressalta a metáfora da região tri-fronteiriça, criada pela imprensa norte-americana, após o atentado de 11 de setembro de 2001: “a fronteira como um lugar de terrorismo”. Segundo Muniz e Welter (2015) esta metáfora permite refletir sobre os processos de hierarquização do mundo, a partir da soberania econômica dos EUA em que países subdesenvolvidos se permitem cumprir agendas internacionais subordinados à ordem mundial vigente.

Foi justamente o que ocorreu na TF. O Brasil passou a investir em operações de segurança para coibir o contrabando e descaminho de mercadorias provenientes do comércio de CDE nas aduanas e demais postos de fiscalizações nas rodovias brasileiras, inclusive reformou a aduana da PIA em 2006, ampliando o espaço para controle dos pedestres e veículos.

Segundo Paro (2016) não só medidas físicas foram tomadas, mas administrativas igualmente. Os servidores passaram a exigir o cadastramento obrigatório para pessoas que cruzassem a PIA com mercadorias, além do preenchimento do formulário de Declaração de Bagagem Acompanhada (DBA). Antes destas mudanças o trânsito era livre pela aduana, pois “somente 5% dos veículos e pedestres eram abordados” devido ao número de servidores para fazer abordagem e espaço adequado para melhorar a eficiência da fiscalização. (PARO, 2016, p. 37).

Para Cardin (2016) este posicionamento gerou interferências nas dinâmicas fronteiriças, agora criminalizadas ao combater a circulação de mercadorias e limitar a renda de grande parte da população, o que influenciou diretamente nos índices de violência<sup>40</sup>.

A movimentação diária de pessoas e fluxo de capital provenientes do comércio em CDE até meados de 2003 era gigantesca. Diversos carros e ônibus de turismo viajavam com destino a este centro de compras com o objetivo de revender produtos com preços mais atrativos dos que os encontrados no Brasil. Para isto,

---

<sup>40</sup>Segundo dados de pesquisa realizada pelo Programa de Redução da Violência Letal contra Adolescentes e Jovens Foz do Iguaçu em 2007 liderou o ranking brasileiro de homicídios entre adolescentes com idade entre 12 e 19 anos, em que 12 adolescentes em cada mil morriam antes de completar 19 anos. Mais informações em: <http://g1.globo.com/brasil/noticia/2010/12/foz-do-iguacu-lidera-ranking-de-homicidios-entre-adolescentes.html>. Acesso em 26 set. 2017.

carros particulares, ônibus de turismo e outros foram adaptados para comportar o maior número de produtos possível, assim como hotéis, pousadas e estacionamentos adaptaram apartamentos e espaços para armazenar produtos. A partir da reforma da PIA e sucessivas operações especiais realizadas para coibir o tráfico de drogas e armas, o contrabando e o descaminho de mercadorias que adentravam ao país via *CDE* a movimentação de pessoas e vendas despencaram. As vendas em atacado passaram a ser unitárias e a negociação de preço passou a ser frequente.

Segundo Paro (2016) *CDE* acostumada com grande fluxo de pessoas e volume alto de vendas de mercadoria na década de 1990 precisou adaptar-se e utilizar estratégias de marketing para prospectar clientes. Uma das estratégias adotadas foi o *Black Friday* da fronteira, que já na primeira edição em maio de 2012 rememorou cenas antigas nas ruas da cidade, com aglomeração de pessoas carregando caixas e pacotes.

Outra estratégia adotada foi a aposta no mercado de luxo com construção ou reforma de shoppings com oferta de produtos de marcas famosas, com ambiente agradável e bom atendimento. Estas táticas estavam engajadas com uma estratégia maior - a aposta no turismo de lazer, abandonando a ideia do turismo exclusivamente de compras, o que sublinha a importância, nestes dois momentos, do centro de compras de *CDE* o turismo da TF.

Para a historiadora Aparecida Darc de Souza (2009) isto foi possível devido à construção da memória de Foz do Iguaçu “vocacionada para o turismo”, em razão da “condição natural” das Cataratas do Iguaçu.

A autora ressalta que a construção desta memória ocorreu em um processo histórico que tornou hegemônica a percepção da cidade de Foz do Iguaçu como turística, tendo sido fabricada pelas classes dominantes de forma articulada com a própria história da cidade, por meio de guardiões da memória, em textos organizados por editores, jornais e revistas, que moldaram matérias jornalísticas com omissão de informações para conferir notoriedade aos atributos naturais e a localização da cidade que de longa data já atraíam turistas a Foz do Iguaçu.

Para Souza (2009) este processo ocorreu para que as elites locais pudessem manter seu poder, promovendo negócios locais com o apoio da infraestrutura turística disponibilizada pelo poder público, o que representa uma estratégia de legitimação de interesses próprios.

A fragilidade desta memória construída pode ser constatada por meio das narrativas de moradores antigos da cidade que embasaram o estudo feito por Souza (2009) que ressaltam que o turismo é uma atividade recente em Foz do Iguaçu, tendo aumentado significativamente a partir das décadas de 1970 e 1980, após obras de infraestrutura que puderam interligar Foz do Iguaçu com as demais cidades brasileiras e facilitar o acesso aos países vizinhos da TF.

Além disso, o Plano Diretor de Desenvolvimento e Turismo de Foz do Iguaçu (1967)<sup>41</sup>, documento elaborado em caráter emergencial na gestão do governador Paulo Pimentel resalta a dificuldade de falta de acesso e infraestrutura ao frisar a “recente conclusão do aeroporto internacional e término da construção da BR-277” como impedimentos para a exploração mais efetiva do potencial turístico de Foz do Iguaçu. O fluxo turístico em julho de 1967 teve um aumento (2.895 desembarques), segundo o documento, comparado com o mesmo mês de 1966 (1.341 desembarques). Todavia, resalta que a infraestrutura pública, como a BR 469 (Avenida das Cataratas) deveria ser concluída, além de investimentos privados, com adequação dos meios de hospedagem, que apesar da relevante oferta de leitos (746) que totalizavam 18 meios de hospedagem, apenas dois atendiam as exigências da Empresa Brasileira de Turismo (EMBRATUR).

O documento revela, ainda, o levantamento do número de visitantes do PNI em 1966 e 1967, conforme tabela 1.

Tabela 1 – Visitantes Parque Nacional do Iguaçu 1966 e 1967

Meses	Visitantes em 1966	Visitantes em 1967
Fevereiro	7.092	8.445
Maio	4.456	5.434
Novembro	6.138	7.661

Fonte: Plano Diretor de Desenvolvimento e Turismo de Foz do Iguaçu (1967)

Com base nestes dados, pode-se inferir que o fluxo de turistas se intensificou após as obras de infraestrutura que possibilitaram diversidade de acessos para que os turistas pudessem chegar e se locomover em Foz do Iguaçu.

<sup>41</sup> A data é aproximada, uma vez que o documento não possui data de publicação.

A construção da memória de Foz do Iguaçu como cidade vocacionada para o turismo talvez tenha encontrado espaço para afirmar-se como verdadeira devido ao desenvolvimento do turismo nas últimas décadas. Para Molina e Rodriguez (2001) o turismo converteu-se em um fenômeno de notável relevância nas sociedades modernas, mesmo em períodos de crises ou recessão econômica tem sustentado uma posição dinâmica se comparado com outros setores da economia.

Desta forma, a sustentabilidade ou a ascensão do turismo gera entusiasmo devido aos reflexos econômicos positivos que proporciona. Para Beni (2000) é evidente que tanto a área estatal quanto a empresarial intencionam o lucro:

O Estado espera da atividade turística o superávit no balanço de pagamentos na conta específica, em razão do ingresso de divisas, e as empresas que atuam no setor igualmente dimensionam a prestação de seus serviços em razão da lucratividade dos investimentos necessários. (BENI, 2000, p. 23).

Neste sentido, demonstra-se frágil a construção da memória de Foz do Iguaçu baseada apenas na existência de uma beleza natural, que pode ser explorada como atrativo. As Cataratas do Iguaçu não são uma condição natural que fez com que a cidade fosse vocacionada para o turismo. Para que o turismo se desenvolva são necessários diversos esforços para de infraestrutura, de desenvolvimento de recursos humanos, conscientização da comunidade local para desenvolver a atitude hospitaleira, a exemplo da discussão feita acerca da hospitalidade, dentre outros.

Mario Beni (2000) ao estudar sistematicamente o fenômeno do turismo, criou o Sistema de Turismo (SISTUR) com o objetivo de analisar a abrangência do turismo e identificar seus múltiplos componentes, suas inter-relações, causas e efeitos.

O SISTUR baseia-se na premissa de que o turismo é um fenômeno que para materializar-se engloba recursos naturais, culturais, econômicos, sociais e humanos. Ou seja, uma complexidade de atividades e atores que se influenciam mutuamente.

Em cada subsistema são estudadas as interferências do turismo, melhores práticas para o seu desenvolvimento, que envolvem conhecimentos em diversas áreas. Por exemplo, no subsistema social podem estudados os conflitos causados por ações terroristas ou crises migratórias que causam interferências na atividade turística não só nas regiões afetadas, como no mundo todo devido à desconfiança com meios de transportes ou outros espaços públicos por onde transitam grande fluxo de pessoas cotidianamente e são propícios para atentados.

No subsistema econômico as questões envolvem a circulação de renda gerada pelo turismo, que inclui o comportamento econômico dos viajantes, empresas privadas e agentes públicos, além dos efeitos multiplicadores e movimento na balança de pagamentos.

Os outros subsistemas ainda envolvem as interferências ambientais do turismo, as trocas culturais, o uso de patrimônio cultural como atrativo, a superestrutura e infraestrutura necessária para o desenvolvimento do turismo, além de ações operacionais como o estudo do mercado potencial, desenvolvimento de produtos turísticos, preparação da oferta, estudo da demanda (comportamento do turista) e como o produto será ofertado, distribuído e consumido pelo turista.

Ou seja, são diversas ações que devem ser articuladas para que um potencial atrativo turístico seja de fato reconhecido como tal. Reproduzir o discurso sobre uma memória construída de uma cidade vocacionada para o turismo é desconsiderar todos os esforços realizados por iniciativas públicas e privadas ao longo do tempo que transformaram a cidade de Foz do Iguaçu em um dos destinos mais visitados por brasileiros e estrangeiros.

Além da articulação proposital de construção da memória de cidade vocacionada para o turismo, atualmente têm sido realizados esforços para construir uma imagem da TF como um território cosmopolita devido à presença de diversas etnias em Foz do Iguaçu, além da comercialização da localização geográfica da TF, em que o turista em estada neste território pode tomar um café da manhã variado nos hotéis de Foz do Iguaçu, um almoço em um shopping no Paraguai após as compras, visita dos atrativos durante a tarde e a finalização do dia com um jantar tendo como prato principal um bife de *chorizo*<sup>42</sup> na Argentina.

A facilidade de visitar três países em um só dia é utilizada como argumento de persuasão para a venda de produtos turísticos, mas é igualmente reproduzida nos discursos dos moradores da TF em situações cotidianas, como em encontros com amigos e familiares ou rodas de conversas informais. Mais uma vez, ressalta-se que apenas a existência de três cidades irmãs não é condição necessária para que um destino seja considerado turístico, haja vista que o Brasil possui outras oito tríplexes fronteiras.

---

<sup>42</sup> Corte de carne (contrafilé) que consagrou a Argentina como ícone do churrasco na gastronomia mundial.

Apesar disso, é fácil perceber que a TF apresenta uma configuração e realidade bastante complexas, constituindo um território que convive com muitas outras formas de fazer fronteiras, em que por trás dos discursos e memórias construídas podem ser observadas relações interculturais, econômicas, sociais e políticas que desencadeiam uma miscelânea de costumes, gostos e línguas que se misturam formando novos códigos de comunicação e porque não novas línguas.

O que compete frisar é que todos os temas discutidos neste capítulo contribuíram para a criação de territorialidades, desde a Colônia Militar, as correntes migratórias com a Marcha para o Oeste, árabes, chineses, coreanos, trabalhadores de Itaipu, além dos eventos desencadeados com a guerra ao terror e a construção da memória de cidade vocacionada para o turismo, deixaram marcas e representam o processo de lutas cotidianas dos atores sociais em busca de sobrevivência e que transformaram e continuam modificando as relações com o espaço e com o meio social.

É neste contexto plural que se pretendeu compreender as relações sociais fronteiriças presentes na TF, ao refletir sobre as modificações ocorridas no espaço e na sociedade, como ocorreram as disputas de poder, como o Estado-nação e os demais atores sociais se posicionaram no recorte da temporalidade realizado por esta pesquisa. Revelou-se que a TF foi moldada ao longo do tempo, se preparou para receber o turista e ao mesmo tempo quando em estada neste território o turista se insere em um ambiente de vigilância, que pode causar constrangimento, confusão, sensação de insegurança, orgulho pátrio ou até mesmo conflitos, gerados pela representação do Estado, ora para defender o território e a soberania nacional, ora por meros interesses econômicos que seleciona quem deve ou não deve ultrapassar o limite - as várias fronteiras.

Vale lembrar que o Estado não é uma figura palpável, ele se faz presente no sujeito que o representa na barreira, no bloqueio ou na alfândega e este sujeito igualmente contribui para ressignificar as fronteiras e as territorialidades encontradas nestas mesmas fronteiras, pois o poder não é estático, o poder circula e pode-se afirmar que a construção do limite permeia as fronteiras.

Grimson (2000) enfatiza que há um mito compartilhado, comum a muitas regiões fronteiriças, que deve ser considerado com precaução, de que *"la frontera no existe"*, que *"estamos integrados desde siempre"*. Apesar desta impressão dos atores, é possível que a fronteira exista para algumas coisas e não exista para

outras. (GRIMSOM, 2000, p. 9). Neste sentido, o capítulo quatro procura responder as questões desta pesquisa ao apresentar o resultado da pesquisa de campo sobre a qualificação da hospitalidade e do controle na TF sob a perspectiva do turista brasileiro.

#### 4. CAPÍTULO IV – AS IMPRESSÕES DO TURISTA BRASILEIRO SOBRE A HOSPITALIDADE E O CONTROLE NA TRÍPLICE FRONTEIRA

Lançados olhares e reflexões sobre a hospitalidade e o controle por meio da revisão bibliográfica que envolve desde o Estado e os atores que se revestem do Estado para impedir a passagem, questionam-se as impressões do turista neste cenário contraditório e ambíguo.

Diversas são as motivações que levam as pessoas a viajar, sendo a fuga do cotidiano para descanso a mais elencada, além de viagem para conhecimento, eventos, negócios, e até mesmo por status, conforme ressalta Labate (2000):

Observamos que os sujeitos dessa atividade reivindicam para si status e legitimidade diferenciados, mediante um discurso relativamente articulado, que enfatiza a busca de uma relação de troca menos mediada e mais direta e profunda com o outro e com a natureza. A viagem, portanto, é vista não como uma atividade apenas de lazer ou de ruptura com o cotidiano, mas como uma experiência de conhecimento do outro e da natureza e, ao mesmo tempo, como forma de autoconhecimento. (LABATE, 2000, p. 58).

Ao embarcar para uma viagem a postura muda, a ansiedade aumenta devido ao planejamento prévio e as expectativas, intrinsecamente ligadas ao fenômeno turístico, despertada no turista, sejam quais forem suas motivações.

O turismo envolve necessariamente o devaneio e a expectativa de novas e diferentes experiências, que divergem daquelas normalmente encontradas na vida cotidiana. Tais devaneios não são autônomos, porém. Envolvem o trabalho com a propaganda e outros conjuntos de signos, gerados pela mídia, muitos dos quais dizem respeito claramente a processos complexos de emulação social. (URRY, p. 30).

Urry (1999) compara o olhar do turista em uma viagem ao olhar sistemático do médico. O fato de sair da rotina, isolar-se das preocupações cotidianas domésticas ou do trabalho, o ser humano aguça seu olhar e insere-se em um contexto mais propenso à observação de detalhes que podem passar despercebidos a um transeunte apressado.

Todavia, segundo este autor, não existe apenas um único olhar do turista, pois este varia conforme a sociedade e a temporalidade em que este sujeito está inserido.

Este fato ressalta a complexidade do fenômeno turístico, ainda mais quando se reflete sobre o comportamento do ser humano quando viaja, que envolve

motivações, que por sua vez geram expectativas, a busca pelo extraordinário, o que está fora do cotidiano, mas ao mesmo tempo, a procura pelo conforto e comodidade do lar, boa acolhida (hospitalidade). Para que estas expectativas sejam atendidas ou superadas, há um grande esforço da oferta turística e, quando não são atendidas, ocasiona a frustração.

Segundo Spiller (2011) a frustração das expectativas é recorrente nas empresas privadas e decorre geralmente da lacuna entre o real e o esperado. O mesmo ocorre com a expectativa de um turista em relação ao destino escolhido em sua viagem.

Uma vez que o olhar do turista depende de sua base cultural e a temporalidade em que está inserido (Urry, 1999), pode-se inferir que suas expectativas são particulares igualmente. Desta forma, as expectativas serão atendidas ou não de acordo com diversas variáveis: o que o turista considera o 'mínimo' de qualidade, conforto, hospitalidade, segurança, higiene, etc.

Para tanto, o fio condutor deste estudo foi investigar as impressões do turista brasileiro acerca da qualificação da hospitalidade e do controle no território fronteiriço da TF, que possui dinâmicas peculiares, com presença de ambiguidades materializadas pelo aparato público e privado com esforços para o bem receber do turista e de outro lado, a inserção do turista em ambientes de controle, por meio das aduanas presentes entre CDE e Foz do Iguaçu e entre *Puerto Iguazú* e Foz do Iguaçu. Estas impressões são detalhadas neste capítulo, além de apresentar os resultados que envolvem o questionamento se a hospitalidade e o controle são fatores que impulsionam ou freiam o desenvolvimento do fenômeno turístico na TF.

#### 4.1 ANÁLISE DAS IMPRESSÕES DOS TURISTAS SOBRE A HOSPITALIDADE E CONTROLE

Os dados desta pesquisa foram coletados no período de 04 de junho a 28 de agosto de 2017, cumprindo o total de entrevistados segundo o cálculo de amostragem proposto por Richardson (1999), que foi de 625 entrevistados. O local de aplicação da pesquisa foi na Ponte Internacional da Amizade e na Ponte Tancredo Neves, de forma igualitária (50% em cada uma das aduanas).

A escolha da pesquisa de maneira igualitária ocorreu porque se admite que cada aduana possui fluxo, investimento estatal e características particulares e, que se não considerados, poderiam influenciar os resultados da pesquisa. Como o fluxo

de pessoas que transita na PIA é maior que a PTN, as idas à PTN foram mais frequentes do que na PIA. O aplicativo *Quicktapsurvey* utilizado para coleta de dados possibilitou a verificação em tempo real do número de formulários aplicados, proporcionando a gestão ao final de cada dia de aplicação, para manter o objetivo de coleta igualitária em cada uma das aduanas.

Para traçar o perfil dos entrevistados, foram questionados a cidade de procedência (questão nº 2) o gênero (questão nº 3) e a motivação da visita a Foz do Iguaçu (questão nº 4) aos questionados.

Em relação ao local de residência, os resultados da pesquisa demonstraram que os turistas eram procedentes de 195 cidades diferentes.

Para efeito didático, a tabela 2 demonstra a procedência por estado brasileiro, com exceção da inclusão da região norte e região nordeste devido ao baixo quantitativo, bem como três respondentes brasileiros que moram no exterior.

Tabela 2 – Procedência dos Turistas

Estado/Região	Nº Total	Percentual
Paraná	264	42%
São Paulo	140	22%
Santa Catarina	64	10%
Rio Grande do Sul	51	8%
Rio de Janeiro	32	5%
Norte	18	3%
Minas Gerais	13	2%
Distrito Federal	10	2%
Goiás	10	2%
Nordeste	09	2%
Espírito Santo	09	1%
Exterior	03	1%
Mato Grosso do Sul	02	0%
		100%

Fonte: Welter (2018)

A procedência demonstra a predominância de pesquisas de demanda já realizadas em Foz do Iguaçu, em que grande parte dos turistas que viaja para este destino é proveniente de cidades do estado do Paraná e estados vizinhos, o que caracteriza um turismo regional, conforme os dados da tabela 3.

Tabela 3 - Procedência dos turistas por estados brasileiros

Procedência – Polos Emissores Brasileiros (%)										
ESTADOS	2000	2001	2002e	2003	2004e	2005	2006e	2007e	2008	2012
Paraná	27,5	31,9	30,2	31,5	28,5	28,6	26,3	27,7	42,9	22,0
Rio de Janeiro	3,9	3,0		3,8	5,0	3,3	3,5	3,3	3,6	4,9
Rio Grande do Sul	5,1	5,1	6,0	5,3	5,1	8,4	5,6	5,5	6,0	8,1
Santa Catarina	4,5	5,1	5,6	4,8	4,1	8,7	8,5	7,4	8,4	8,9
São Paulo	14,4	12,6	14,1	9,7	13,1	15,1	15,4	14,7	12,2	17,8
Outros Estados	8,3	7,7	7,9	6,9	8,2	10,0	10,5	12,9	11,7	12,8
Total de Brasileiros	63,7	65,4	63,8	62,0	64,0	74,1	69,8	71,5	84,8	74,5

**Nota:** e – estimativas **Fonte:** Inventário Técnico de Estatísticas Turísticas de Foz do Iguaçu (Prefeitura Municipal de Foz do Iguaçu, 2017).

Em relação ao gênero dos entrevistados 66% eram do sexo masculino e 34% do sexo feminino. Estes dados possuem concordância com os dados apresentados no Inventário Técnico de Estatísticas Turísticas de Foz do Iguaçu, acima citado, elaborado pela Paraná Turismo<sup>43</sup>, que no último ano disponível (2008) registrou o gênero dos turistas que visitaram Foz do Iguaçu, tendo apresentados os percentuais de 74,1% do sexo masculino e 25,9% do sexo feminino.

Foi observado durante a coleta de dados em campo que grande parte dos turistas entrevistados viaja em família (composta geralmente por homem, mulher e crianças). Esta observação possui respaldo nos dados evidenciados pelo inventário turístico de Foz do Iguaçu já citado, que apontou que no ano de 2008 a maioria dos

<sup>43</sup> Os dados completos da pesquisa podem ser consultados em: <http://www.pmfi.pr.gov.br>. Acesso em 04 out. 2017.

pesquisados (57,8%) responderam viajar em família. Apesar deste perfil, observou-se que a maior parte dos turistas abordados geralmente o condutor do veículo era do sexo masculino e era quem se disponibilizava para responder às questões, o que refletiu um percentual maior no resultado dos dados.

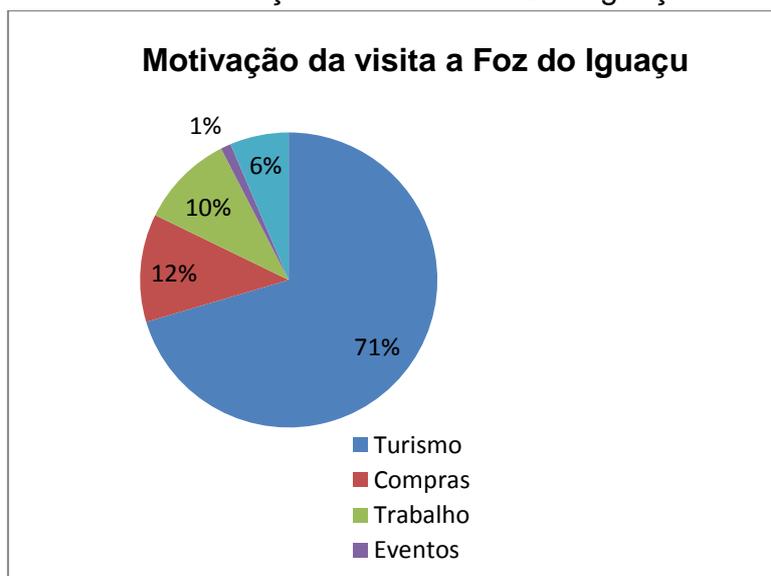
Em relação à motivação dos turistas para visitar um destino turístico, na bibliografia específica de turismo são encontradas várias classificações feitas por autores sobre as motivações de viagem, mas que geralmente se reduzem a fatores cognitivos ou emocionais, como a fuga do cotidiano para descanso, além de viagem para conhecimento, eventos, negócios ou status.

Dann (1977) elaborou um modelo que considera atributos do destino da viagem como segurança, atrações culturais, parques, hospitalidade, etc, além das motivações internas dos turistas. Desta maneira, este autor os dividiu em fatores *Push* (cognitivos e emocionais) e fatores *Pull* (variáveis presentes no destino turístico).

Estes conceitos servem de referencial base para a compreensão da questão número quatro, em que os turistas foram questionados sobre a motivação da visita a Foz do Iguaçu.

O gráfico 1 demonstra as variáveis, número de questionados e o percentual estatístico para cada uma das respostas elencadas pelos entrevistados desta pesquisa referentes às motivações da visita a Foz do Iguaçu.

Gráfico 1 – Motivação da visita a Foz do Iguaçu



Fonte: Welter (2018)

Estes dados demonstram que a principal motivação dos respondentes que visitaram Foz do Iguaçu é o turismo, com 71%. As compras tiveram o percentual de apenas 12%, a estada na cidade a trabalho 10%, Outros (visita a amigos ou familiares) 6%. Somente 1% dos entrevistados veio à Foz do Iguaçu motivado por eventos. Estes dados possuem concordância novamente com o inventário estatístico de Foz do Iguaçu, organizado pela Prefeitura Municipal do município.

Tabela 4 – Motivação da viagem a Foz do Iguaçu

Motivo da Viagem (%)										
ESTADOS	2000	2001	2002e	2003	2004e	2005	2006e	2007e	2008	2012
Lazer/Turismo	52,2	44,4	44,1	56,6	50,2	55	52	52,2	57,3	58,6
Parentes/Amigos	15,1	11,1	11,8	11,9	14,1	20,3	15	15,1	17,8	13,7
Negócios	23,9	32,3	30,8	20,3	23,6	15,7	22,6	23	15,7	14,2
Eventos	4,6	9,1	9,4	4,4	4,8	1,4	4,2	3,1	...	3,1

**Nota:** e – estimativas (...) Dados não disponíveis

**Fonte:** Inventário Técnico de Estatísticas Turísticas de Foz do Iguaçu (Prefeitura Municipal de Foz do Iguaçu, 2017).

Conclui-se com a análise desta questão que apesar de o centro comercial de CDE representar relevância como motivador desde a década de 1960 e ápice na década de 1990 e início dos anos 2000, conforme já evidenciado no capítulo três, os turistas atribuíram maior valor aos fatores cognitivos (turismo) que possui relação com a fuga do trabalho, descanso e alívio do *stress*, sendo que as compras (fator “*pull*”) tiveram uma atribuição menor.

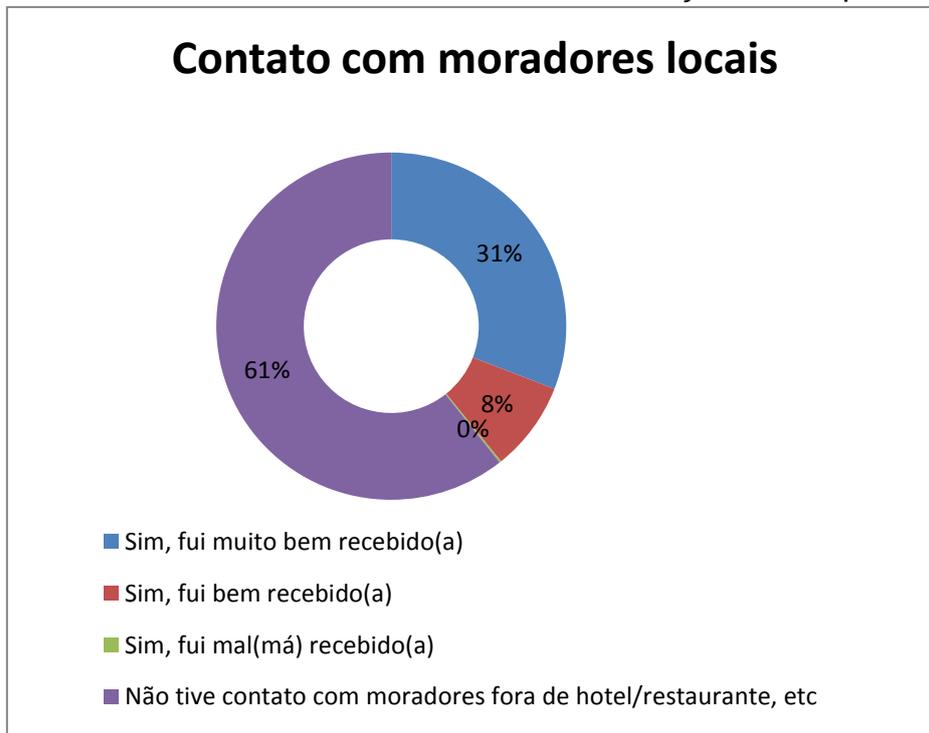
Ao adentrar nas questões acerca do objetivo principal da pesquisa, os pesquisados foram questionados sobre a qualificação da hospitalidade do morador da cidade de Foz do Iguaçu fora da oferta turística, que seriam hotéis, restaurantes, atrativos turísticos, entre outros (questão nº 5), bem como sobre a qualificação da hospitalidade recebida nos estabelecimentos privados (questão nº 6).

A qualificação da acolhida feita pelos moradores e pelos sujeitos que prestam serviços na oferta turística foram questionadas, pois podem ser fatores reveladores da possibilidade de retorno das pessoas ao destino turístico, bem como na construção de uma imagem positiva que pode transformar-se em formador de opinião sobre a localidade visitada.

Dentre as expectativas do turista, conforme evidenciado por Plentz e Dos Santos (2009) está o bem receber, materializada por meio da hospitalidade. A boa acolhida envolve esforços de todos os setores da sociedade, não apenas do setor público (Beni, 2000) para realinhar papéis e traçar objetivos integrados para formação da atitude hospitaleira de forma a conscientizar tanto a comunidade, que deve compreender os ganhos e mazelas do desenvolvimento do turismo (Monteiro e Monteiro, 2008), bem como no setor privado em forma de atendimento acolhedor, não automatizado, ao resgatar o conceito genuíno da hospitalidade (Castelli, 2010) como acolhimento natural dos turistas como se os recebesse em sua casa.

Sobre a hospitalidade do morador, conforme o gráfico 2, do total de questionados, 61% responderam não terem tido contato com moradores locais fora da oferta turística. Dos entrevistados que tiveram contato com moradores locais, 31% afirmaram terem sido muito bem recebidos e 8% disseram terem sido bem recebidos. Apenas uma pessoa afirmou ter sido mal recebida.

Gráfico 2 – Contato com Moradores e Qualificação da Hospitalidade



Fonte: Welter (2018)

Os dados de maior representatividade se referem ao parco contato dos turistas com os moradores locais fora da oferta turística. Ou seja, o relacionamento turista-morador local se resume em 61% dos casos ao atendimento prestado em

hotéis, meios de transporte, restaurantes, etc, que, por sua vez, podem incorrer em atendimento automatizado, rápido e distante da realidade local. Isto sugere que o turismo de massa é predominante na TF, que consiste em contemplação e visitação dos principais pontos turísticos, podendo ser encontrada a mesma ansiedade do cotidiano reproduzida quando o turista está viajando. A experiência do contato com a comunidade local é desperdiçada. Trigo (2010) sugere como seria o turismo inverso ao turismo de massa (como experiência), que valoriza o contato com a cultura e a comunidade dos destinos turísticos:

Para ser uma experiência, a viagem precisa superar a banalidade, os aspectos triviais, estereotipados e convencionais e estruturar-se como uma experiência que nasça da riqueza pessoal do viajante em busca de momentos e lugares que enriqueçam sua história. (TRIGO, 2010, p. 35).

No que diz respeito aos turistas que tiveram contato com moradores locais, 100% foram muito bem ou bem recebidos. Os resultados são semelhantes em relação à qualificação da hospitalidade na oferta turística, em que 64% dos turistas qualificaram como ótima a hospitalidade, 30% como boa, 5% regular e apenas 1% péssima.

Tabela 5 – Qualificação da Hospitalidade na Oferta Turística

Variável	Nº questionados	Percentual
Ótima	401	64%
Boa	189	30%
Regular	33	5%
Péssima	2	1%
		100%

Fonte: Welter (2018)

Estes fatos demonstram que quando os turistas se relacionam com moradores locais, tanto na oferta turística quanto em outros momentos, como em atrativos turísticos, restaurantes, supermercados, dentre outros, em que não se configura a prestação de serviços turista-morador, a receptividade e a acolhida em Foz do Iguaçu é positiva.

Conforme evidenciado anteriormente, a boa acolhida pode influenciar no retorno, bem como na formação de imagem positiva do destino turístico. O Ministério

do Turismo em parcerias com institutos como a Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (FIPE) realizam pesquisas que geram taxas de intenção de retorno dos turistas ao Brasil. Em 2014, após a Copa do Mundo de Futebol sediada no Brasil, foi realizada uma pesquisa<sup>44</sup> e resultou na taxa de 95,3% de intenção de retorno de turistas internacionais, sendo a hospitalidade do brasileiro a característica mais bem avaliada.

Em Foz do Iguaçu, foram realizadas pesquisas semelhantes para auferir a intenção de retorno dos visitantes à cidade. O documento “Estudo da Demanda Turística de Foz do Iguaçu 2011/2012”<sup>45</sup> elaborado pela Prefeitura Municipal de Foz do Iguaçu contém diversas informações sobre a demanda turística, dentre elas, questões sobre a intenção de retornar à cidade no futuro e se os turistas recomendariam Foz do Iguaçu como destino de viagem. Os resultados indicaram que 74,9% dos turistas voltariam a Foz do Iguaçu e 96,8% recomendariam Foz do Iguaçu para familiares, amigos e conhecidos.

Em 2016 a Itaipu Binacional encomendou uma pesquisa similar<sup>46</sup>, com amostra de 916 brasileiros sobre a intenção de retorno e recomendação de Foz do Iguaçu que resultou em dados ainda mais favoráveis. Quase a totalidade (98,1%) dos turistas que visitaram a cidade e responderam à pesquisa pretende retornar no futuro à cidade e 100% dos respondentes recomendariam a visita à Foz do Iguaçu.

A escolha e decisão de retorno de turistas a determinado destino turístico envolve diversas questões, como infraestrutura local, facilidade de acesso, preços competitivos, etc. Todavia, outros fatores subjetivos são igualmente levados em consideração pelos turistas, como a boa acolhida dos moradores na oferta turística em geral. Para tanto, pode-se inferir que a hospitalidade é um fator sugestivo para compreender as altas taxas de intenção de retorno e recomendação do destino de

---

<sup>44</sup> Detalhes na matéria realizada pelo Governo Federal em: <<http://www.brasil.gov.br/turismo/2015/11/para-turistas-internacionais-hospitalidade-e-razao-para-retorno-ao-brasil>>. Acesso em 07 out. 2017.

<sup>45</sup> O estudo foi realizado em conjunto com a Secretaria de Turismo do Paraná (Paraná Turismo), Fundação Parque tecnológico de Itaipu e Instituto Polo Iguassu e pode ser consultado em: <<http://www.turismo.pr.gov.br/arquivos/File/DemandaTuristicaFozdoIguacu20112012.pdf>>. Acesso em 07 out. 2017.

<sup>46</sup> Mais detalhes em: <<https://www.itaipu.gov.br/sala-de-imprensa/noticia/pesquisa-nacional-revela-que-981-dos-que-visitaram-foz-do-iguacu-querem-vol>>. Acesso em 07 out. 2017.

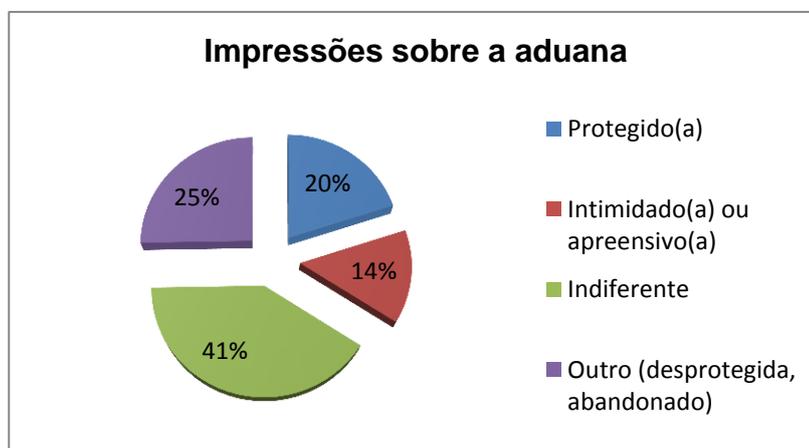
Foz do Iguaçu, auferidos tanto nas pesquisas citadas, como nos resultados desta pesquisa.

Após o questionamento acerca da hospitalidade, os turistas foram perguntados sobre o controle realizado nas aduanas da TF, que envolveu questões sobre as suas impressões ao avistarem a aduana, o tempo para cruzar a ponte internacional (PIA ou PTN), se o turista foi abordado por agentes de segurança pública nas aduanas e como se sentiu em relação à fiscalização ou ausência desta e, por último, se a fiscalização e a hospitalidade são fatores relevantes para a decisão de retorno a Foz do Iguaçu.

Para Foucault (1971) tudo que produz algum tipo de sentido para o ser humano é considerado um discurso. Muitas vezes, ao falarmos de discursos imaginamos um político ou celebridade em um púlpito, todavia, o discurso não ocorre apenas por meio da oralidade, está presente na escrita, em uma pintura e igualmente na arquitetura. Neste contexto, o turista ao se aproximar de um posto de fiscalização aduaneiro manifestará determinada conduta de acordo com seus gabaritos culturais (Geertz, 1989) e a questão nº 7 teve o intuito de investigar as impressões dos turistas ao avistarem a aduana da PIA ou PTN.

Como se observa no Gráfico 3, a maioria dos pesquisados (41%) responderam sentir-se indiferentes ao avistarem a aduana, 25% disseram sentirem-se desprotegidos(as) ou afirmaram ter a impressão de que a aduana encontrava-se em situação de abandono ou desprotegida, 20% disseram terem se sentido protegidos(as) e 14% disseram sentirem-se intimidados(as) ou apreensivos(as).

Gráfico 3 – Impressões dos Turistas ao avistarem a aduana



Fonte: Welter (2018)

Os dados de maior representatividade foram “indiferentes” e “situação de abandono”. Observou-se em campo que a opção indiferente era a resposta escolhida por turistas que eram pesquisados na PIA e a impressão de abandono e falta de proteção refere-se aos turistas que foram abordados na PTN. A indiferença ao sistema de controle, com uma aduana militarizada pode indicar a naturalização de dispositivos de segurança (Foucault, 2005), presentes no cotidiano dos turistas pesquisados. Por outro lado, a impressão de abandono sugere que os turistas comparam as demais aduanas da TF, uma vez que a PIA há um quantitativo maior de forças de segurança, bem como a aduana argentina de *Puerto Iguazú*, em que todos os turistas são abordados.

A presença de policiamento e fluxo maior de transeuntes pode ser um indicativo para a impressão de proteção, escolhida por 20% dos entrevistados. A abordagem policial, bem como a própria aduana física em si e demais atributos como policiais armados, cães farejadores, equipamentos de Raio-X (presentes na PIA), podem ter sido responsáveis pela impressão de apreensão ou intimidação escolhida por 14% dos pesquisados.

Consoante à discussão sobre a hospitalidade como um atributo relevante para o retorno dos turistas a uma cidade turística, o tempo de deslocamento entre os atrativos turísticos e demais atividades realizadas pelos turistas em um destino turístico é igualmente relevante. Por este motivo, os turistas foram questionados sobre o tempo de travessia das pontes internacionais (PIA e PTN) e as respostas estão expressas na tabela 6.

Tabela 6 – Qualificação do Tempo de Travessia da Ponte

Variável	Nº questionados	Percentual
Curto	406	65%
Médio	125	20%
Longo	94	15%
		100%

Fonte: Welter (2018)

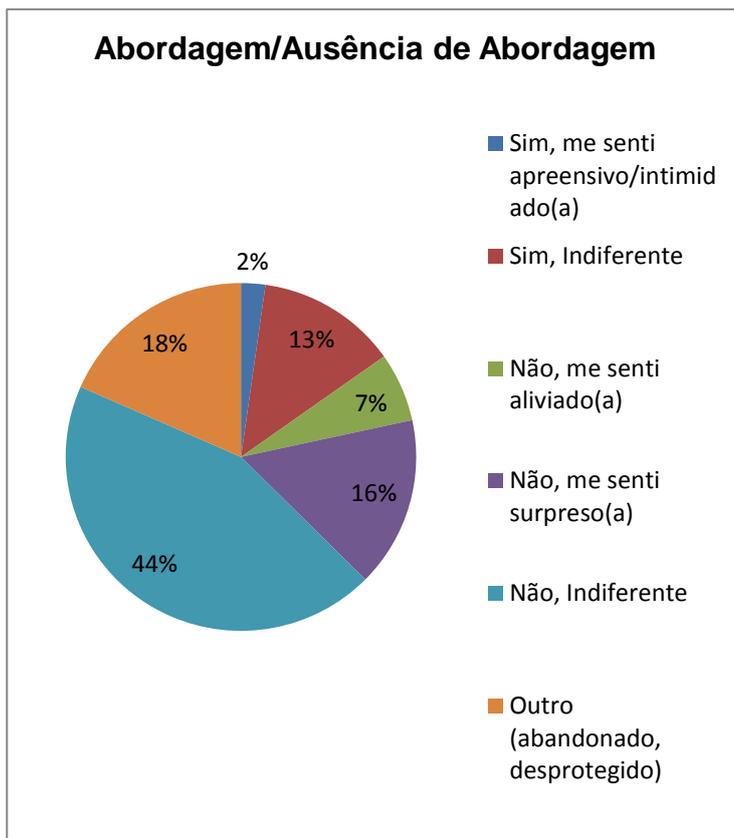
Vale lembrar que o período de coleta de dados compreendeu períodos de baixa temporada (meses de junho e agosto) e alta temporada (férias escolares no mês de julho e o feriado nacional de Corpus Christi). Não obstante, a maioria dos pesquisados (65%) qualificaram o tempo de travessia como curto, 20% como médio e apenas 15% qualificaram o tempo de travessia como longo.

Ressalta-se que na PIA grande parte dos turistas que contribuíram com a pesquisa transitavam a pé, o que proporciona maior agilidade em comparação com a travessia de veículo particular, transporte público ou veículos de turismo e pode ter contribuído para a qualificação do tempo como curto. A qualificação do tempo de média a alta pode referir-se aos períodos de alta temporada, principalmente vinculados aos turistas que foram abordados na PTN e demoram mais tempo para concluir a travessia devido ao controle mais rigoroso na aduana argentina.

Diferente da dinâmica fronteira apresentada na PIA, a PTN, apesar de possuir uma extensão menor (489 metros), tanto o bairro do lado brasileiro mais próximo como o centro da cidade de *Puerto Iguazú* são distantes das aduanas e contribui para que quase a totalidade das pessoas que cruzam a fronteira utilizem veículos (carros particulares, ônibus ou vans de turismo, motocicletas ou transporte coletivo). Isto colabora para a ocorrência de filas maiores devido à abordagem de todos os veículos que cruzam para *Puerto Iguazú* ou retornam desta cidade e que pode ter influenciado na qualificação do tempo de travessia pelos turistas como longo.

A questão nº 9 foi elaborada com o objetivo de verificar a abordagem ou ausência de abordagem nas duas aduanas (PIA e PTN) e quais as impressões dos turistas ao serem abordados ou não nestes postos de fiscalização federal, uma vez que a fiscalização pelas forças de segurança é feita apenas por amostragem. Os resultados desses questionamentos podem ser observados no Gráfico 4.

Gráfico 4 – Impressões dos Turistas sobre a (Ausência) Fiscalização



Fonte: Welter (2018)

Esta questão envolve diferentes interpretações, pois uma amostra significativa dos questionados não foi abordada por agentes federais nas aduanas (85%), além das diferentes impressões dos turistas acerca da falta de abordagem, bem como as impressões dos turistas que foram abordados.

Em primeira análise, cabe ressaltar que o fato de 85% dos respondentes não terem sido abordados revela a permeabilidade das fronteiras na TF. Mesmo após a reforma em 2006 para proporcionar maior espaço para controle de veículos e pedestres (Paro, 2016) o objetivo de blindar a fronteira ao realizar operações especiais com maior número de agentes de segurança e em alguns casos até mesmo o Exército, não se concretizou. Ou seja, deveria ser alocado um número superior de recursos humanos para a abordagem total dos veículos e pedestres, mas é questionável esta prática, uma vez que poderia parar o fluxo totalmente, dado o grande fluxo diário na PIA.

Em relação à PTN, o fluxo é menor do que a PIA e pelo fato de inexistência de um centro comercial comparado ao de *CDE*, somado às decisões do Estado pela não disponibilização de recursos humanos para abordagem, esta aduana tem a

passagem praticamente livre, comprovada pela observação em campo e observado na análise dos resultados desta questão.

Secundariamente, é revelador o quantitativo de turistas que se sentiram indiferentes com a abordagem ou ausência de abordagem nas aduanas (57% ao total). Dentre estes, 44% não foram abordados e 13% foram abordados. Estes dados sugerem que a fiscalização não é um fator que causa impressões negativas aos turistas. Ou seja, o controle está naturalizado na sociedade, fruto de uma sociedade disciplinar, em que o ser humano entrega sua liberdade de ir e vir em troca da segurança.

Este fato é confirmado, mais uma vez, na surpresa de 18% dos respondentes da pesquisa que disseram que a ausência de fiscalização denotava aparência de abandono e descaso do poder estatal. Este dado além de revelar que o controle é um fator esperado pelos turistas ao cruzarem a fronteira, pode ter ligação com o comparativo entre as duas aduanas, em que a aduana da PIA possui maior movimentação e maior efetivo para abordagem dos veículos e pedestres, diferentemente da aduana da PTN, em que a passagem é praticamente livre, que gera surpresa e estranhamento, principalmente dos turistas que estão de passagem e desconhecem as dinâmicas fronteiriças da TF.

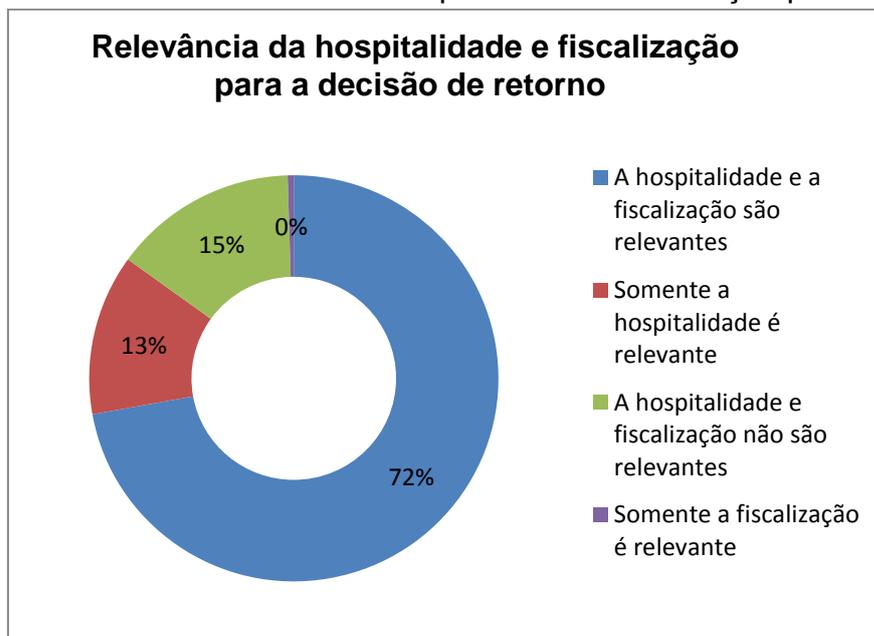
Houve um pequeno percentual dos questionados (7%) que não foi abordado por forças de segurança fronteiriça e respondeu ter se sentido aliviado com a ausência de controle. Este dado pode ter conexão com o tipo de turismo predominantemente praticado neste território fronteiriço, que é o turismo de massa que valoriza a agilidade e fluidez, reproduzindo o mesmo comportamento (apressado) do cotidiano quando viaja.

Dentre os 15% dos turistas que foram abordados nas aduanas, 2% disseram que se sentiram intimidados com a abordagem. Este resultado poderia ter sido mais representativo se a abordagem nas aduanas fosse realizada com maior frequência e com uma amostragem mais significativa das pessoas que cruzam a fronteira. Todavia, expressa que apenas uma pequena amostra apresentou impressões negativas em relação ao controle realizado nas aduanas da TF.

A qualificação da hospitalidade e as impressões dos turistas sobre o controle na TF são de vital importância para esta pesquisa. Ao refletir sobre este paradoxo em que tanto o poder público, iniciativa privada e demais atores envolvidos com o desenvolvimento turístico unem esforços para que o turista seja bem recebido e, de

outro lado, existem ações interpostas pelo próprio Estado que interfere na circulação de pessoas em territórios fronteiriços surgiu o questionamento se a hospitalidade e o controle são fatores relevantes na decisão de retorno dos turistas a Foz do Iguaçu. Os resultados podem ser visualizados no gráfico 5.

Gráfico 5 – Relevância da hospitalidade e fiscalização para a decisão de retorno



Fonte: Welter (2018)

Como se pode observar no gráfico 5, 72% dos questionados responderam que tanto a hospitalidade e a fiscalização são fatores relevantes para a sua decisão de retorno, 15% responderam que ambos os fatores são irrelevantes para a decisão de retorno à Foz do Iguaçu, 13% responderam que apenas a hospitalidade é importante e uma amostra não significativa (apenas 03 pessoas) disseram que apenas o controle é um fator relevante para a decisão de retorno à Foz do Iguaçu.

Se considerarmos o quantitativo de questionados que acreditam que a hospitalidade é relevante para a decisão de retorno, temos o resultado expressivo de 85% dos entrevistados. Isto corrobora com a afirmativa de Plentz e Dos Santos (2009) que o turista tem a expectativa de ser bem recebido.

No que se refere aos que responderam que tanto a hospitalidade quanto o controle é irrelevante, pode sugerir que estes turistas retornariam à cidade por outras motivações e que estes fatores não são relevantes no momento de decidirem retornar a Foz do Iguaçu.

Em relação à menor amostra (apenas três pessoas) que responderam que apenas o controle é relevante para a decisão de retorno pode sugerir que sejam pessoas que fazem revenda de mercadorias em suas cidades de residência e se preocupam com o controle realizado nas aduanas. Ou ainda, pode sugerir que o controle incorre em tomada de tempo dos turistas que poderia ser utilizado para visitar atrativos na cidade, fazer *check out* no hotel, etc.

Em síntese, a pesquisa revelou que a hospitalidade em Foz do Iguaçu é muito bem qualificada pelos turistas, principalmente no setor privado, pois infelizmente a maioria dos turistas não teve contato com moradores locais fora da oferta turística. Não obstante, cabe ressaltar o mérito da qualificação realizada aos trabalhadores que compõem a oferta turística, responsáveis pelo bem receber ao turista que conseqüentemente demonstrou resultados efetivos no alto índice de decisão de retorno dos turistas a Foz do Iguaçu, bem como a recomendação do destino a amigos e familiares. Estes dados refletem e explicam os números positivos da demanda turística da cidade.

Os dados da pesquisa sobre o controle nas aduanas da PIA e PTN confirmam a dinâmica presenciada por quem transita por estes espaços, de que a abordagem é realizada por amostragem e a maioria dos transeuntes não é fiscalizada.

De outro lado, conclui-se ao serem analisadas as questões número 9 e 10 (gráfico 4 e 5 respectivamente) que os turistas não só não se importam com o controle, pois 57% respondeu que se sentem indiferentes à fiscalização, como desejam o controle, pois 72% dos turistas responderam que tanto a hospitalidade quanto o controle são relevantes para a decisão de retorno. Estes dados sugerem que o controle está naturalizado na sociedade brasileira.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diversos temas emergem ao abordar um estudo de fôlego que envolve questões contraditórias e dicotômicas, como é caso da hospitalidade e do controle, ainda mais se considerarmos um território fronteiriço.

Para lograr êxito aos objetivos deste estudo a perspectiva interdisciplinar teve imprescindível relevância para discutir a hospitalidade, mas principalmente o controle, que envolve os campos da filosofia, política, estudos culturais e relações sociais, além de diversos outros temas como as relações fronteiriças e as territorialidades encontradas na TF ao longo do tempo.

No que se refere à hospitalidade, foram apresentados os esforços públicos e privados para prover comodidade aos turistas (infraestrutura), mas principalmente a discussão sobre fatores subjetivos, que dizem respeito ao desenvolvimento da atitude hospitaleira – a acolhida dos turistas na cidade, por meio de projetos de conscientização de professores e alunos em escolas públicas da TF, bem como de guias de turismo. Estas ações refletiram em índices positivos da qualificação da hospitalidade em Foz do Iguaçu, confirmados por pesquisas realizadas no destino turístico e por esta pesquisa.

Este estudo demonstrou que o turismo está inserido na lógica de mercado global, uma vez que os dados coletados indicaram que o turismo de massa é predominante em Foz do Iguaçu. E, por ser um fenômeno moderno, o turismo é considerado complexo, tanto pelo fato de envolver diversos setores econômicos para se concretizar, como pela razão de gerar interferências não apenas econômicas, mas sociais, culturais e ambientais, sendo desta forma, um agente transformador do espaço, da mesma forma que é transformado por este.

No âmbito da discussão sobre as interferências geradas pelo e no turismo ressalta-se que o deslocamento do ser humano é uma das principais razões de ser deste fenômeno, uma vez que o turismo só se concretiza com a saída de pessoas de um ponto para o outro, seja dentro do mesmo país (turismo doméstico) ou de um país para o outro (turismo internacional).

No que diz respeito a este último, a pesquisa destacou que o turismo sofre interferências ao serem colocadas em prática pautas internacionais como o terrorismo ou o tráfico internacional, que por sua vez, refletem no controle de

fronteiras, como o que ocorreu na TF após o atentado de 11 de setembro de 2001 nos EUA, que por sua vez, foi responsável por uma das territorializações da TF, com a sua criminalização.

A TF é um território *sui generis* não apenas por sua criminalização, pois em sua temporalidade passou por diversas territorializações, tendo sido evidenciado neste estudo com recorte a partir da instituição da Colônia Militar (1888) em Foz do Iguaçu, perpassando pelas correntes migratórias com os eurobrasileiros, asiáticos, libaneses, sírios, paulistas, mineiros, baianos, dentre outros que vieram aproveitar oportunidades em um país ou estado novo em busca de emprego na construção da Usina de Itaipu. Ou seja, além de ter se transformado em um novo lar para diversas pessoas de diferentes nacionalidades ou de diversas regiões do país, a TF atraiu significativo número de pessoas que vieram e ainda veem comprar em CDE ou visitar seus atrativos turísticos.

Não obstante, com o término da construção de Itaipu, que resultou em uma grande massa de desempregados e, posteriormente a criminalização da TF, seguida de queda do volume de negócios em CDE, observou-se a construção da memória do turismo como uma das principais atividades econômicas de Foz do Iguaçu.

Estes processos representam a modificação do espaço, do território, das relações sociais no tempo e que seguem em metamorfose, pois as fronteiras não são estáticas, são fluídas, são simbólicas e culturais (Pesavento, 2002) e se ressignificam devido às ações dos sujeitos que nela compartilham suas vivências ou transitam por ela.

Compreender as relações fronteiriças é compreender a própria formação, desorganização e reprodução da própria sociedade (Martins, 2009), que neste estudo se apresentou de forma ambígua, com fronteiras porosas e fronteiras rígidas.

Estas dicotomias revelam que o território, as fronteiras e as relações sociais estão em constante transformação no tempo (Souza, 2012) e envolvem relações de poder.

Estas relações de poder são visivelmente observadas pelas ações do Estado, principalmente em áreas de fronteira com a sua militarização ou não, com controle mais rígido ou mais flexível, mas igualmente está presente em toda a sociedade, como em agentes federais que se revestem do Estado.

Nas fronteiras em que se observa o controle mais endurecido se pode refletir sobre o controle tanto do território quanto do próprio homem. Por outro lado, a

ausência de controle gera estranhamento, ainda mais quando a poucos metros, no país limítrofe a fiscalização é obrigatória para todos que por ela passam, em qualquer horário ou dia da semana. O estranhamento se acentua quando na mesma localidade se encontram os dois cenários: fronteiras porosas e fronteiras inflexíveis, como é o caso da TF.

Quando o morador ou turista sai de Foz do Iguaçu para ir à *Puerto Iguazú*, a saída ou retorno a Foz do Iguaçu na aduana da PTN é praticamente livre. Do contrário, para adentrar ou retornar de *Puerto Iguazú*, todas as pessoas são abordadas e devem apresentar documentação e ter seu veículo vistoriado.

Os turistas que participaram desta pesquisa demonstraram estranhamento e questionamento do papel do Estado brasileiro em relação à ausência de controle na aduana brasileira da PTN. Inclusive, alguns turistas sugeriram que os argentinos deveriam ser fiscalizados no Brasil, como os brasileiros são fiscalizados na Argentina. No feriado nacional brasileiro de *Corpus Christi* a fila era enorme, o que demandou paciência e tempo para que os turistas pudessem cruzar a fronteira para ir à *Puerto Iguazú*. Muitos turistas reclamaram do tempo de travessia, mas quando questionados sobre o controle, a maioria respondeu se sentir indiferente, devido à naturalização do controle. No máximo advertiram que os atendentes da aduana deveriam ser mais ágeis ou que deveria haver maior número de guichês para tornar o atendimento mais rápido e diminuir o tempo de espera na fila.

Contraditoriamente, a passagem pela aduana entre CDE e Foz do Iguaçu, no Paraguai é praticamente livre. A aduana da PIA em Foz do Iguaçu oscila entre um controle um pouco mais acentuado quando ocorrem operações especiais com tempo determinado e com menor controle ainda quando não há estas operações. A fiscalização é restrita devido o elevado fluxo diário de transeuntes na PIA, extremamente maior, em comparação com a PTN. Este fluxo se deve ao centro comercial de CDE, mas igualmente pelo grande quantitativo de brasileiros que cruzam a fronteira diariamente para estudar nas Universidades que ofertam curso de medicina no Paraguai.

Ou seja, em face à grande movimentação diária, mesmo com grande quantidade de efetivo policial para abordagem na PIA, esta ocorre por amostragem, um pouco mais acentuada em períodos determinados, o que revela que a mesma fronteira apresenta maior ou menor controle de acordo com as estratégias políticas

ou interesses do governo federal brasileiro, configurando-se ora como uma fronteira mais permeável, ora com maior rigidez.

Vale ressaltar que estas ambiguidades permanentes nas aduanas da TF causam diversas impressões ao turista que está de passagem por este território fronteiriço. O fato de o turista estar de passagem não permite que este perceba as dinâmicas fronteiriças como conflitos comerciais, entraves alfandegários, excesso de exigências legais e até mesmo inconvenientes com tratamento descortês, que fazem parte do cotidiano de quem vive na fronteira. Não são perceptíveis os micros poderes e táticas que poderiam ajudá-los a ter uma experiência diferenciada na fronteira.

Exemplos destas dinâmicas fronteiriças não faltam, como a reclamação de uma turista que no feriado brasileiro de *Corpus Christi* conseguiu cruzar a fronteira para ir a *Puerto Iguazú* apenas na terceira tentativa; a reclamação de outra turista que disse ter permanecido três horas na fila para ir ao *Dutty Free Shop*, localizado antes da aduana de *Puerto Iguazú* e apenas próximo da entrada descobriu que poderia ter transitado pelo acostamento para chegar até o local; ou ainda um turista brasileiro enfurecido que esbravejava sobre a cobrança de uma espécie de pedágio para sair de *Puerto Iguazú* e que ao questionar um cupom ou nota fiscal foi hostilizado pelos argentinos, que segundo ele, estavam sem uniforme ou crachá de identificação.

Apesar da abordagem desta pesquisa ter sido quantitativa, estes relatos servem de base para pesquisas futuras acerca das dinâmicas fronteiriças entre Brasil e Argentina e auxiliam no entendimento sobre as relações sociais fronteiriças.

Em tempo, este estudo buscou identificar a qualificação da hospitalidade e se a permeabilidade ou inflexibilidade nas aduanas da TF podem influenciar ou frear o desenvolvimento do turismo neste território fronteiriço.

Conclui-se que a qualidade da hospitalidade é muito boa, sendo um atributo de relevante importância para a decisão de retorno dos turistas a Foz do Iguaçu.

No que diz respeito à porosidade e a rigidez nas aduanas da TF constatou-se com esta pesquisa que o controle não só é tolerado, mas desejado pelos turistas, como instrumento que proporciona sensação de segurança devido à constatação do estranhamento da ausência de controle na PTN, o que sugere que os turistas acreditam que deveria haver maior investimento para aumentar o controle, uma vez

que muitos turistas responderam que a aduana se encontra em situação de abandono.

A naturalização do controle se reflete na docilidade dos corpos (Foucault, 2005) e das mentes e prejudica a consideração de alternativas que pudessem facilitar a livre circulação de pessoas entre as fronteiras da TF. Esta barreira impede que as trocas sociais e culturais entre moradores e turistas que passam pela TF aumentem, pois diferentemente do passado, em que os brasileiros se deslocavam para a Argentina em busca de produtos mais baratos e diversificados, não disponíveis no Brasil, na atualidade não há esta necessidade e os sujeitos simplesmente deixam de ir quando encontram processos burocráticos, que dirá hostilidade ao cruzar a fronteira.

O turista está alheio a estas dinâmicas fronteiriças e pode ter sua experiência marcada por questões ambíguas, contraditórias e negativas, mesmo que o controle esteja naturalizado, a burocracia e os entraves podem gerar sentimentos de frustração com a perda de tempo em filas que poderia ser utilizado para visitar mais atrativos turísticos ou no relacionamento com a comunidade local, por exemplo.

A pesquisa demonstrou que a hospitalidade e o controle são fatores relevantes para a decisão de retorno do turista brasileiro a Foz do Iguaçu, mas é imprescindível repensar as estratégias de controle para que a TF continue atraindo de forma contínua turistas brasileiros e estrangeiros, pois afinal, a condição natural das Cataratas do Iguaçu e localização privilegiada da TF não são garantia de atração constante e perpétua de turistas. Acreditar nisto é desprezar todos os esforços já realizados por iniciativas público-privadas e gestões integradas do *trade* turístico na promoção e captação de turistas para a tríplice fronteira.

## REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, J. L. Fronteiras em movimento: os brasiguaios na região da tríplice fronteira. In: MACAGNO, Lorenzo; MONTENEGRO, Silvia e BELEVEALI, Verónica (Orgs.). **A tríplice fronteira: espaços nacionais e dinâmicas locais**. Curitiba, PR: UFPR, 2011. p. 233-260.
- AMARAL, A.B. **A guerra ao terror e a tríplice fronteira na agenda de segurança dos Estados Unidos**. 278f. 2008. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) – Universidade Federal do Rio de Janeiro – Rio de Janeiro-RJ, 2008.
- APPADURAI, A. **Soberania sem territorialidade: Notas para uma geografia pós-nacional**. Tradução: Heloísa Buarque de Almeida. Novos Estudos, nº 49. Nov/1997. P.33-46.
- ARAGUARI, M. A. de. **Análise criminológica da subcultura delinquencial em Foz do Iguaçu: para além da fronteira entre o crime e a repressão**. 174f. Dissertação (Mestrado em Sociedade, Cultura e Fronteiras) Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Foz do Iguaçu, 2015.
- ARRIAGA-RODRIGUEZ, J, C. La concepción de las fronteras y los limites territoriales en el pensamiento geográfico de Jean Gottmann. In: COLOGNESE, S.A; Cardin, E. G (org.). **As ciências sociais nas fronteiras: teorias e metodologias de pesquisa**. 1º ed. Cascavel, PR: JB, 2014. P. 13-42.
- BENI, Mario. **Análise Estrutural do Turismo**. 3. ed. Editora SENAC: São Paulo, 2000.
- BENVENUTO, J. **Integração regional a partir da fronteira do Brasil, Argentina e Paraguai**. Curitiba-PR: Juruá Editora, 2016.
- BOURDIEU, P. **A Economia das Trocas Linguísticas**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.
- BRASIL. **Ministério do Turismo**. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/turismo>. Acesso em 07 out. 2017.
- BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. **Diretrizes para Visitação em Unidades de Conservação**. Secretaria de Biodiversidade e Florestas, 2006.
- BRITO, J. M. **Descoberta de Foz do Iguaçu e fundação da Colônia Militar**. Boletim do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense. Curitiba, v. XXXII. 1977. p. 45-72.
- CAMPIGOTO, J. A. **Hermenêutica da Fronteira: a fronteira entre o Brasil e o Paraguai**. Guarapuava: Editora Unicentro, 2016.
- CANCLINI, N. G. **Diferentes, desiguais, desconectados**. Rio de Janeiro: Editora EFRJ, 2004.

CAPES. **Interdisciplinaridade como desafio para o avanço da ciência e da tecnologia**. In: PHILIPPI JUNIOR, A. et al. (Orgs). Coordenação de área interdisciplinar: catálogo de programas de pós-graduação – mestrado e doutorado. Brasília: CAInter/Capes, 2008. P.2. (CD-ROM).

CARDIN, E. G. **As ciências sociais nas fronteiras: teorias e metodologias de pesquisa**. Org. Silvio Colognese. 1.Ed. Cascavel – PR: JB, 2014.

CARDIN, E. G. **Segurança e desenvolvimento nas regiões de fronteira**. In: PINASSI, Maria Orlanda (org.) Dimensões da miséria desenvolvimentista Brasil-América Latina. São Paulo: Alameda, 2016. p. 191-208.

CASTELLI, Geraldo. **Hospitalidade: A inovação na gestão das organizações prestadores de serviços**. São Paulo: Saraiva, 2010.

CASTELO, I.R. Áreas de fronteira: territórios de integração, espaços culturalmente identificados? In: **Práticas de identificação nas fronteiras**: temas para o Mercosul. Porto Alegre: Ed. Da UFRGS; Instituto Goethe; ICBA, 1995.

CATARATAS DO IGUAÇU. Disponível em: <<http://www.cataratasdoiguacu.com.br/>>. Acesso em jan. 2017.

CATTA, E. C. **Cotidiano de uma fronteira**: a perversidade da modernidade. 1994. 186 f. Dissertação (Mestrado em História) Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1992.

CENSO NACIONAL DE POBLACIÓN, HOGARES Y VIVENDAS. Disponível em: <<http://www.indec.gov.ar/>>. Acesso em 20. Jul. 2016.

CHEDID, D. R. A alteração das relações de vizinhança entre Brasil e Paraguai: a aproximação cultural como política (1950-1970). In: NÚÑES, A; PPADOIN, M.M; OLIVEIAR, T.C.M. **Dilemas e Diálogos Platinos**: Fronteiras. Dourados, MS: Ed. UFGD, 2010.p.137-157.

COLODEL, J.A. **Obrages & Companhias Colonizadoras: Santa Helena na história do oeste paranaense até 1960**. Santa Helena, Prefeitura Municipal, 1988.

COLOGNESE, Silvio. **As múltiplas faces das fronteiras**. Org. Eric Gustavo Cardin. 1. Ed. – Curitiba: CRV, 2013.

CURY, M.J.F. **Territorialidades Transfronteiriças do Iguassu (TTI)**: Interconexões, Interdependências e Interpenetrações nas cidades da tríplice fronteira - Foz do Iguaçu (BR), Ciudad del Leste (PY) e Puerto Iguazú (AR). 2010. 234 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal do Paraná – Curitiba-PR.

DANN, G. **Anomie, ego-enhancement and tourism**. Annals of Tourism Research, 4, p. 184– 194, 1977.

DICIONÁRIO DO AURÉLIO ONLINE. Disponível em:  
<<https://dicionariodoaurelio.com/>>. Acesso em 30 jan. 2017.

DIAS, E. S; CASTELANO, M. J. A ocupação da faixa de fronteira ocidental do Paraná-formação socioespacial conservadora do Oeste-Sudoeste Paranaense. In: SOUZA, Edson Belo Clemente de (Org.). **Estudos regionais: estrutura, agentes e processos**. Cascavel: EDUNIOESTE, 2012. p. 79-117.

DIRECCIÓN GENERAL DE ESTADÍSTICA, ENCUESTAS Y CENSOS. Disponível em:< <http://www.dgeec.gov.py/>. Acesso em 20. Jul. 2016.

DITTRICH, Ivo. **Interdisciplinaridade e fronteiras: da representação às metáforas**. In: CONGRESSO INTERNACIONAL INTERDISCIPLINAR EM SOCIAIS E HUMANIDADES (CONINTER), 3º, 2014, Salvador/BA: UCSal. Anais. ISSN 2316-266X, n.3, v. 4, p. 188-202.

DUSSEL, E. **Política de la Liberación**. La Arquitectonica. Volumen II. Madrid: Editorial Trotta, 2009.

DEBENETTI, V.E.S. **Passeio de Trem Maria-fumaça: os diferentes olhares**. 2006. 149 f. Dissertação (Mestrado em Turismo) Universidade de Caxias do Sul, Rio Grande do Sul, 2006.

CRESWELL, J. W. **Projeto de Pesquisa: Métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Tradução Magda Lopes. – 3ª ed. – Porto Alegre: Artmed, 2010.

DREYFUS, P. La Triple Frontera. Zona de encuentro e desencuentros. In: HOFMEISTER, Francisco Rojas; SOLIS, Luis Guilherme (orgs.). **La percepción de Brasil en el contexto internacional: perspectivas y desafíos**. Rio de Janeiro: Konrad Adenauer-Stiftung, 2007. P. 105 – 133.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. Aula Inaugural no Collège de France em 02 de dezembro de 1970. Éditions Guallimard, Paris, 1971.

FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. Organização e Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: edições Graal, 1979.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Trad. Raquel Ramalhete. Petrópolis, Vozes: 1987.

FOUCAULT, M. **Em defesa da sociedade: Curso no Collège de France (1975-1976)**. Trad. Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

FOUCAULT, M. **Segurança, Território, População**. Tradução Eduardo Brandão. – São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOZ DO IGUAÇU. **Estudo da Demanda Turística de Foz do Iguaçu 2011/2012**. Secretaria Municipal de Turismo – Foz do Iguaçu (PR): SMTU, 2014. 210p.

FOZ DO IGUAÇU. **Inventário da Oferta Turística de Foz do Iguaçu**/ Secretaria

Municipal de Turismo – Foz do Iguaçu (PR): SMTU, 2012. 58p.

FOZ DO IGUAÇU. **Inventário Técnico de Estatísticas Turísticas de Foz do Iguaçu**. Foz do Iguaçu (PR): SMTU, 2017. 20p.

FOZ DO IGUAÇU. **Plano Diretor de Desenvolvimento e Turismo de Foz do Iguaçu**. Foz do Iguaçu, 1967 (?).

FOZ DO IGUAÇU. **Secretaria Municipal de Turismo de Foz Do Iguaçu**. Disponível em: <<http://www.pmfi.pr.gov.br/turismo>>. Acesso em 20. Jul. 2016.

FURQUIM JUNIOR, L. **Fronteiras terrestres e marítimas do Brasil**: um contorno dinâmico. (Dissertação de Mestrado). Universidade de São Paulo. São Paulo: Geografia, 2007.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC. 1989.

GILLIGAN, J. In: **Zeigeist: Moving Forward** (Documentário). Direção e Produção: Peter Joseph. Los Angeles - CA, 2011. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=BEbxfad3s4E>>. Acesso em 15 mai. 2017.

GREGORY, V. **Os eurobrasileiros e o espaço colonial**: migrações no oeste do Paraná (19740-70). Cascavel: EDUNIOESTE, 2002.

GRIMSON, A. **“Introducción” en Fronteras, naciones e identidades**. Buenos Aires, Ciccus-LaCrujia, 2000.

GRIMSON, A. Vivências do Estado como Alteridade: Imagens cruzadas na fronteira argentino-brasileira. In: FRIGERIO, A; RIBEIRO, G.J. **Argentinos e Brasileiros**: encontros, imagens e estereótipos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

HAESBAERT, R. **O Mito da Desterritorialização**: Do “fim dos territórios” à Multiculturalidade. – 5ª ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

HOBBS, T. **Leviatã ou matéria, Forma e poder de um Estado eclesiástico e civil**. São Paulo: Editora Abril Cultural. Coleção Os Pensadores, 1984.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/>>. Acesso em 20. Jul. 2016.

ITAIPU BINACIONAL. Disponível em: <<https://www.itaipu.gov.br/>>. Acesso em Jan. 2017.

KOTLER, P. **Administração de Marketing**. 5a ed.; São Paulo: Atlas, 1998.

LABATE, B.C. A experiência do “viajante-turista” na contemporaneidade. In: SERRANO, C; BRUHNS, H.T; LUCHIARI, M.T. **Olhares contemporâneos sobre o turismo**. Campinas – SP: Papirus, 2000.p. 55-80.

LASHLEY, Conrad. Para um entendimento teórico. In: LASHLEY, C; MORRISON, A. **Em busca a Hospitalidade: perspectivas para um mundo globalizado**. Tradução de Carlos David Szlak. Barueri, SP: Manole, 2004.p. 1-24.

LIMA, P. **Foz do Iguaçu: no contexto da história**. Foz do Iguaçu, Ed. Do Autor: 2010.

MAQUIAVEL, N. **O Príncipe**. Tradução Maria Goldwasser. São Paulo: Martin Fontes, 2008.

MARTINS, J. S. **Fronteira: a degradação do outro nos confins do humano**. São Paulo: Contexto, 2009.

MATÉ, G. In: **Zegeist: Moving Forward** (Documentário). Direção e Produção: Peter Joseph. Los Angeles - CA, 2011. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=BEbxfad3s4E>>. Acesso em 15 mai. 2017.

MELIÀ, B.S.J.Territorio, Cultura, Historia e identidad. In: Schallenberger, E. **Identidades nas Fronteiras: Território, Cultura e História**. São Leopoldo: Oikos, 2011.

MENDONÇA, S.R. **A pesquisa sobre Estado e Poder: balanço historiográfico**. In: SILVA, C.L; CALIL, G.G; KOLING, P.J. Estados e Poder: Questões teóricas e estudos históricos. Cascavel: Edunioeste, 2011.

MIRANDA, A. **As fronteiras (poema)**. Disponível em: <<https://www.antoniomiranda.com.br>>. Aceso em 19. Jun. 2017.

MOLINA, S.; RODRÍGUEZ, S. **Planejamento Integral do turismo: um enfoque para a América Latina**. Bauru: Edusc, 2001.

MONTEIRO, J. de O.; MONTEIRO, J. de O. 2008. **Turismo, comunidade e preservação: a importância de práticas sustentáveis na localidade de Barro do Furado**. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE TURISMO SUSTENTÁVEL, 2., Fortaleza. Anais, Eixo 4. Fortaleza – CE: Instituto Terramar e Fórum em Defesa da Zona Costeira do Ceará, 2008. CD-ROM.

MONTENEGRO, S., GIMÉNEZ BÉLIVEAU, V. **La Triple Frontera: Globalización y construcción social del espacio**, Buenos Aires: Miño y Dávila, 2006.

MORAES, C.A.D; NEGRINE, A. **Qualificação de recursos humanos na rede hoteleira e sua relação com a satisfação dos clientes**. In: BARRETO, M. Anuário de pesquisa do programa de Mestrado em Turismo 2004. Caxias do Sul, RS: Educs, 2005.p. 101-127.

MUNIZ, C.M.S.L.; WELTER,V.S. **Fronteiras para além do território: um olhar a partir da região situada entre o Brasil, o Paraguai e a Argentina**. Revista Eletronica Contribuciones a las Ciencias Sociales, Málaga, dezembro de 2015. Disponível em: <http://www.eumed.net/rev/cccss/2015/04/fronteira-plural.html>. ISSN:1988-7833.

MYSKIW, A.M. **A fronteira como destino de viagem**: A colônia militar de Foz do Iguaçu (1888-1907). Guarapuava: UNICENTRO, 2011.

NU / OMT / CCE / OCDE. (s.d.). **Cuenta satélite de turismo**: Recomendaciones sobre el marco conceptual, 2008. Estudios de métodos. Serie F, No. 80/Rev.1. Luxemburgo/Madrid/Nueva York/Paris: OMT.

OMT - Organização Mundial do Turismo. (1995b). **Compilación de las estadísticas del gasto turístico**. (Manual Técnico No. 2).OMT.

OMT - Organização Mundial do Turismo. **Recommendations on Tourism Statistics**, Serie M, nº 83/Rev.1 United Nations, New York, 2010.

ORTIZ, R. **Cultura e Modernidade**: A França do Século XIX. São Paulo: Braziliense, 1998.

PANOSSO NETO, A. **Filosofia do Turismo**: Teoria e Epistemologia. 2. Ed. São Paulo: Aleph, 2011.

PARANÁ. **Agência de Notícias do Paraná**. Disponível em: <http://www.aen.pr.gov.br/>. Acesso em 16 jan. 2018.

PARO, D. **Foz do Iguaçu**: do descaminho aos novos caminhos. Foz do Iguaçu, Epígrafe, 2016.

PARQUE TECNOLÓGICO DE ITAIPU. Disponível em: <<https://www.pti.org.br>>. Acesso em Jan. 2017.

PEREIRA, Diana Araújo (Org.). **Cartografia Imaginária da Tríplice Fronteira**. São Paulo: Dobra Editorial, 2014.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Além das fronteiras. In MARTINS, Maria Helena (org.). **Fronteiras culturais – Brasil, Uruguai, Argentina**. Cotia, SP: Ateliê editorial, 2002, p. 35- 39.

PROGRAMA INTEGRADO DE EDUCAÇÃO PARA O TURISMO. Disponível em: <<https://www.piet.org.br/>>. Acesso em 02 dez. 2017.

PLENTZ, R.S; DOS SANTOS, R. J. **Dialética da Hospitalidade**: Caminhos para a humanização. In: NEGRINE, A.S; GASTAL, S.A. Anuário de Pesquisa do Programa de Pós-graduação – Mestrado em Turismo 2007. Caxias do Sul, RS: Educus, 2009.p.207-221.

POLO IGUASSU. Disponível em <<https://www.poloiguassu.org/trilhajovem>>. Acesso em 02 dez. 2017.

POMBO, Olga. **Epistemologia da Interdisciplinaridade**. Revista do Centro de Educação e Letras da UNIOESTE, Foz do Iguaçu, v.10, nº 1, p. 9-40, 1º sem. 2008.

PORTAL H2FOZ. Disponível em: <<https://h2foz.com.br/>>. Acesso em 08 dez. 2017.

QUICKTAPSURVEY. Disponível em: <<https://www.quicktapsurvey.com/>>. Acesso em 03 jun. 2017.

RAFFESTIN, C. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3ª ed. São Paulo: Atlas, 1999.

RUSSELL, Bertrand. **O Poder: uma nova análise social**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

SAHLINS, M. **Cultura na Prática**. UFRJ: Rio de Janeiro, 2007.

SAQUET, M.A. Por uma abordagem territorial. In: SAQUET, M.A; SPOSITO, E.S. **Territórios e Territorialidades: teorias, processos e conflitos**. 2. Ed. – Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2015. p. 69-90.

SAQUET, M. A. SPOSITO, E.S. **Desenvolvimento territorial e agroecologia**. In: ALVES, Adilson Francelino, CARRIJO; Beatriz Rodrigues; CANDIODOTTO, Luciano Zanetti Pessoa (Orgs). São Paulo: Cromosete, 2008.

SCHIMMELPFENG, O. **Restrospectos iguaçuenses**. Foz do Iguaçu, Editora Tezza, 2002.

SERRA GAÚCA PORTAL. Disponível em: <<http://www.serragaucha.com/pt/>>. Acesso em 15. Mai. 2017.

SOARES, B. **Desassossego**. Vol.II. Lisboa: Ática, 1982.

SPILLER, E.S et al. **Gestão de serviços e marketing interno**. 4ª ed. – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011.

SOUZA, Aparecida Darc de. **Formação econômica e social de Foz do Iguaçu: um estudo sobre as memórias constitutivas da cidade (1970-2008)**. 2009. 216f. Tese (Doutorado em História Econômica) – Universidade de São Paulo. São Paulo, 2009.

SOUZA, E.B.C.de. **A região do lago de Itaipu: as políticas públicas a partir dos governos militares e a busca da construção de um espaço regional**. 1998. 146f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas Universidade federal de Santa Catarina. Florianópolis (SC), 1998.

SOUZA, E.B.C.de. **Dinâmicas territoriais na região de fronteira Brasil-Paraguai**. Anais Semana de Geografia. Volume 1, Número 1. Ponta Grossa: UEPG, 2013.

SOUZA, E. B. C. de; GEMELLI, V. Território, Região e Fronteira: Análise Geográfica Integrada da Fronteira Brasil/Paraguai. In: SOUZA, E. B. C. de. (Org.). **Estudos Regionais: estrutura, agentes e processos**. Cascavel: Edunioeste, 2012.p. 13-37.

SURVEYMONKEY. Disponível em: <<https://www.surveymonkey.com/>>. Acesso em 03 jun. 2017.

- TELFER, Elizabeth. A filosofia da "hospitalidade". In: **Em busca a Hospitalidade: perspectivas para um mundo globalizado**. Tradução de Carlos David Szlak. Barueri, SP: Manole, 2004.p. 53-78.
- THOMPSON, J, B. **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- TRIGO, L.G.G. A viagem como experiência significativa. In: PANOSSO NETO, A; GAETA, Cecilia. **Turismo de experiência**. São Paulo: Editora Senac, 2010. (21-41).
- TURISMO ITAIPU. Disponível em: <<https://turismoitaipu.com.br/atracoes/>>. Acesso em jan. 2017.
- URRY, J. **O Olhar do Turista: Lazer e viagens nas sociedades contemporâneas**. Tradução Carlos Eugênio Marcondes de Moura. – 2ª ed. – São Paulo: Studio Nobel: SESC, 1999.
- WEBER, Max. **Economia e Sociedade**. Tübingen: Mohr, 1922.

## APÊNDICE A

### INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

#### FORMULÁRIO “O PARADOXO HOSPITALIDADE *VERSUS* FISCALIZAÇÃO NA TRÍPLICE FRONTEIRA”

<b>Mestranda:</b> Viviane da Silva Welter	<b>Data de Aplicação</b>
<b>Orientador:</b> Dr. Prof. Mauro José F. Cury	/ / 2017

#### 1. LOCAL DE TRAVESSIA

Ponte Internacional da Amizade

Ponte Internacional Tancredo Neves

#### DADOS SOCIOECONÔMICOS

**2. Cidade e Estado de procedência** \_\_\_\_\_

**3. Gênero:**

Feminino     Masculino     Outro: \_\_\_\_\_

**4. Motivação da visita a Foz do Iguaçu:**

Lazer     Compras     Eventos     A trabalho     Outro: \_\_\_\_\_

#### HOSPITALIDADE

**5. Você teve contato com moradores locais fora dos atrativos turísticos ou meios de hospedagem? Como classifica a hospitalidade em Foz do Iguaçu?**

Sim, qualifico como uma ótima hospitalidade.

Sim, qualifico como uma boa hospitalidade.

Sim, qualifico como uma má hospitalidade.

Não, não tive contato com moradores fora do hotel, restaurante, etc.

**6. Como classifica a hospitalidade recebida no hotel, restaurantes, atrativos turísticos, etc?**

Ótima     Boa     Regular     Péssima

#### FISCALIZAÇÃO

**7. Quais foram suas impressões ao avistar a aduana?**

Intimidado(a)   Apreensivo(a)   Protegido(a)   Indiferente   Outro \_\_\_\_\_

**8.Qualifique o tempo de espera:**

Curto   Médio   Longo

**9.Você foi abordado durante a fiscalização de rotina na aduana? Como se sentiu?**

- Sim, me senti intimidado(a);
- Sim, me senti apreensivo(a);
- Não, me senti surpreso(a);
- Não, me senti aliviado(a);
- Sim, indiferente;
- Não, indiferente;
- Outro: \_\_\_\_\_

**HOSPITALIDADE X FISCALIZAÇÃO**

**10. A hospitalidade contribui para o seu retorno? A Fiscalização é um fator importante na decisão de retorno a Foz do Iguaçu?**

- Sim, a hospitalidade contribuiu para o meu retorno. Sim, a fiscalização é um fator importante na decisão de retorno a Foz do Iguaçu.
- Sim, a hospitalidade contribuiu para o meu retorno. Não, a fiscalização não é um fator importante na decisão de retorno a Foz do Iguaçu. (Indiferente).
- Não, a hospitalidade não contribuiu para o meu retorno. Sim, a fiscalização é um fator importante na decisão de retorno a Foz do Iguaçu.
- Não, a hospitalidade não contribuiu para o meu retorno. Não, a fiscalização não é um fator importante na decisão de retorno a Foz do Iguaçu. (Indiferente).